



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

IGOR CORONA PEDRONE

**OS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO EM SÃO ROQUE DO CANAÃ: DIMENSÕES,  
ELEMENTOS E TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DO SÉCULO XX**

VITÓRIA  
2024

IGOR CORONA PEDRONE

**OS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO EM SÃO ROQUE DO CANAÃ: DIMENSÕES,  
ELEMENTOS E TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de processos urbanos e políticas físico-territoriais.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Ribeiro Botechia.

VITÓRIA

2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

P372e Pedrone, Igor Corona, 1995-  
OS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO EM SÃO ROQUE  
DO CANAÃ : DIMENSÕES, ELEMENTOS E  
TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DO SÉCULO XX / Igor  
Corona Pedrone. - 2024.  
178 f. : il.

Orientadora: Flávia Ribeiro Botechia.  
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) -  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Morfologia urbana. 2. Espaços livres de uso público. 3. São  
Roque do Canaã. 4. Elementos urbanos. 5. Sincronismo e  
Diacronismo. 6. Tecido urbano. I. Botechia, Flávia Ribeiro. II.  
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. III.  
Título.

CDU: 72

---

IGOR CORONA PEDRONE

**"OS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO EM SÃO ROQUE DO CANAÃ:  
DIMENSÕES, ELEMENTOS E TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DO  
SÉCULO XX"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito  
Santo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em  
Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 15 de maio de 2024.

Comissão Examinadora

---

Profa. Dra. Flavia Ribeiro Botechia  
(orientadora – PPGAU/UFES)

---

Profa. Dra. Eneida Maria Souza Mendonça  
(membro interno – PPGAU/UFES)

 Documento assinado digitalmente  
**LARISSA LETICIA ANDARA RAMOS**  
Data: 15/05/2024 11:33:02 -0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Dra. Larissa Letícia Andara Ramos  
(membro externo – UVV)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
ENEIDA MARIA SOUZA MENDONÇA - SIAPE 297736  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU/CAr  
Em 15/05/2024 às 11:42

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/925089?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
FLAVIA RIBEIRO BOTECHIA - SIAPE 2345030  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU/CAr  
Em 15/05/2024 às 13:12

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/925157?tipoArquivo=O>

## RESUMO

Os espaços livres de uso público estiveram e estão presentes na formação das cidades como elementos constituintes dos tecidos urbanos. A rua, o largo, a praça, as áreas vegetadas e os campos de várzea foram e são fundamentais para a organização dos centros urbanos na história. Porém, com o crescente desenvolvimento urbano, as novas morfologias desses tecidos, quando não levam em consideração o potencial dos espaços livres, acabam gerando espaços ignorados, escondidos por edificações ou subutilizados. A partir do exposto, esta dissertação tem o objetivo de identificar a formação urbana de São Roque do Canaã, no Estado do Espírito Santo, a partir do estudo dos espaços livres de uso público no decorrer do século XX. Assim, ao considerar o processo histórico da evolução formal e levando em consideração os elementos morfológicos urbanos que compõem o espaço livre de uso público, duas questões preliminares se destacam: quais e como são os seus espaços livres de uso público? Quais são as transformações dos espaços livres de uso público ao longo do tempo? Para alcançar o objetivo de reconhecer esses espaços em São Roque do Canaã, buscou-se na primeira parte da dissertação aprender com autores como Lamas (2000), Dias Coelho (2013), de forma síncrona (Scheer, 2015) e na dimensão urbana. Na segunda parte definiu-se por estudar os espaços livres de uso público a partir da dimensão setorial em tempos pretéritos. Nas dimensões buscou-se aproximar dos elementos morfológicos do espaço urbano que se enquadram aos espaços livres de uso público de forma diacrônica com abordagens morfológicas (Costa e Netto, 2017), e pesquisa documental histórica do crescimento do município a partir de livros, publicações acadêmicas, fotografias, jornais das épocas, mapas e ilustrações, gerando uma periodização. As dimensões associadas aos conceitos de Costa e Netto (2017) possibilitaram compreender transformações—permitindo reconhecer as tipologias desses espaços e suas minúcias. Por fim, evidenciou-se a partir do processo da formação urbana do município, identificar e descrever os espaços livres de uso público do presente e em tempos pretéritos.

**Palavras-chave:** Morfologia urbana. Espaços livres de uso público. São Roque do Canaã. Diacronismo e sincronismo. Tecido Urbano.

## **ABSTRACT**

Free spaces for public use were and are present in the formation of cities as constituent elements of urban fabrics. The street, the square, the square, the vegetated areas and the floodplain fields were and are fundamental to the organization of urban centers in history. However, with increasing urban development, the new morphologies of these fabrics, when they do not take into account the potential of open spaces, end up generating ignored spaces, hidden by buildings or underused. Based on the above, this dissertation aims to identify the urban formation of São Roque do Canaã, in the State of Espírito Santo, based on the study of open spaces for public use during the 20th century. Thus, when considering the historical process of formal evolution and taking into account the urban morphological elements that make up the free space for public use, two preliminary questions stand out in the municipality: what and what are its free spaces for public use? What are the transformations of open spaces for public use over time? To achieve the objective of recognizing these spaces in São Roque do Canaã, we sought to learn the territory with authors such as Lamas (2000), Dias Coelho (2013), synchronously (Scheer, 2015) and in the urban dimension. The second part was defined as studying the territory from the urban and sectoral dimension in the past. In the urban dimension, we sought to approach the morphological elements of urban space that fit into free spaces for public use in a diachronic way with morphological approaches (Costa and Netto, 2017) with historical documentary research of the city's growth based on books, publications academics, photographs, periodical newspapers, maps and illustrations, generating a periodization. The periods associated with the concepts of Costa and Netto (2017) made it possible to understand the transformation of the territory which, due to the sectoral dimension, allowed us to recognize the typologies of these spaces and their details. Finally, it became clear from the urban formation process of the municipality that free spaces for public use are identified and described in the present and in the past.

**Keywords:** Urban morphology. Free spaces for public use. São Roque do Canaã. Diachronism and synchronism. Urban layer.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                        |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Representação dos espaços livres de uso público.....                                                                        | 27 |
| Figura 2 - Loteamento gradual de um espaço livre público até seu total desaparecimento. ....                                           | 28 |
| Figura 3 - Localização do município de São Roque do Canaã.....                                                                         | 31 |
| Figura 4 – Distrito Sede de São Roque do Canaã. ....                                                                                   | 32 |
| Figura 5 – Dimensão urbana com o distrito Sede de São Roque do Canaã nos fundos de vale.....                                           | 33 |
| Figura 6 – Dimensão Urbana com um fragmento do distrito Sede de São Roque do Canaã.....                                                | 33 |
| Figura 7 – Dimensão setorial com um fragmento do distrito Sede de São Roque do Canaã.....                                              | 34 |
| Figura 8 - Reportagens de A Gazeta em 15 de dezembro de 2013 com Atílio Vago e Zenobio, que mora no município há mais de 50 anos. .... | 35 |
| Figura 9 - Evolução da forma urbana a partir do sítio físico.....                                                                      | 41 |
| Figura 10 - As cidades e os espaços livres. ....                                                                                       | 42 |
| Figura 11 - Representação dos primeiros caminhos até as ruas de uma cidade.....                                                        | 45 |
| Figura 12 – Decomposição sistêmica do tecido urbano.....                                                                               | 46 |
| Figura 13 – Croqui esquemático representando o campo de futebol na várzea do rio. ....                                                 | 48 |
| Figura 14 – Croqui esquemático representado o largo da igreja. ....                                                                    | 49 |
| Figura 15 – Transformação do Largo da Feira na Alta Coimbra.....                                                                       | 50 |
| Figura 16 - A praça como eixo estruturante para a cidade. ....                                                                         | 52 |

|                                                                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 17 – O monumento e a forma urbana. ....                                                                                     | 54 |
| Figura 18 – Árvores e mobiliário urbano. ....                                                                                      | 55 |
| Figura 19 – Da esquerda para a direita lê-se: Dimensão urbana (cidade e bairro) e dimensão setorial como unidades de leitura. .... | 63 |
| Figura 20 – Dimensão setorial e as minúcias do espaço urbano. ....                                                                 | 65 |
| Figura 21 – Decomposição dos elementos morfológicos da forma urbana a partir da representação de um espaço livre público. ....     | 68 |
| Figura 22 – Forma de representação bidimensional do elemento primário. ....                                                        | 71 |
| Figura 23 – Representação de cheios e vazios com a figura-fundo e imagem satélite                                                  | 73 |
| Figura 24 – Representação bidimensional dos estudos da forma urbana. ....                                                          | 74 |
| Figura 25 – Montagem do Eixo Maruípe e o processo de parcelamento dos lotes. ....                                                  | 74 |
| Figura 26 – Forma de representação tridimensional do elemento primário. ....                                                       | 75 |
| Figura 27 – Relação entre a morfologia urbana e os ELUP's. ....                                                                    | 76 |
| Figura 28 – Representação da formação urbana com o tratamento diferenciado da paisagem urbana que geram as percepções. ....        | 77 |
| Figura 29 – Rua dos Andradas/ 1931. ....                                                                                           | 78 |
| Figura 30 – Representação do modo de aprender o território. ....                                                                   | 79 |
| Figura 31 – Estrutura comparativa entre dados e análises morfológicas. ....                                                        | 80 |
| Figura 32 – Representação de análises diacrônicas relacionadas aos momentos evolutivos e figura-fundo. ....                        | 82 |
| Figura 33 – Diagrama sobre a construção metodológica proposta. ....                                                                | 85 |

|                                                                                                                                |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 34 – Croqui esquemático com as características territoriais do sítio físico em São Roque do Canaã.....                  | 90  |
| Figura 35 - Área urbanizada de São Roque do Canaã e a dimensão urbana.....                                                     | 91  |
| Figura 36 - Os ELUP's da área urbanizada de São Roque do Canaã no presente. ....                                               | 92  |
| Figura 37 – Amostras dos tecidos com os ELUP's no distrito Sede de São Roque do Canaã.....                                     | 93  |
| Figura 38 – O campo de futebol (ABC) como ELUP de São Roque do Canaã.....                                                      | 94  |
| Figura 39 – Representação da relação espacial do Campo ABC. ....                                                               | 95  |
| Figura 40 – O Espaço livre frontal ao posto de saúde que se aproxima a noção de largo como ELUP de São Roque do Canaã.....     | 96  |
| Figura 41 - Representação da relação espacial do Espaço livre frontal ao posto de saúde que se aproxima a noção de largo. .... | 96  |
| Figura 42 - O terreno remanescente do sistema viário como ELUP de São Roque do Canaã.....                                      | 97  |
| Figura 43 - Representação da relação espacial do Campo ABC. ....                                                               | 98  |
| Figura 44 - O estacionamento/área de feira livre como ELUP de São Roque do Canaã. ....                                         | 99  |
| Figura 45 - Representação da relação espacial do estacionamento/área de feira.....                                             | 99  |
| Figura 46 – A praça do bairro Nossa Senhora das Graças como ELUP de São Roque do Canaã. ....                                   | 100 |
| Figura 47 - Representação da relação espacial da praça do bairro Nossa Senhora das Graças.....                                 | 101 |
| Figura 48 - A calçada pública como ELUP de São Roque do Canaã.....                                                             | 101 |
| Figura 49 - Representação da relação espacial da calçada pública.....                                                          | 102 |

|                                                                                                                                |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 50 – O pátio como ELUP de São Roque do Canaã.....                                                                       | 103 |
| Figura 51 - Representação da relação espacial do Espaço livre da rodoviária que se aproxima à noção de largo. ....             | 103 |
| Figura 52 - O campo de futebol como ELUP de São Roque do Canaã. ....                                                           | 104 |
| Figura 53 - Representação da relação espacial do Campo de futebol do bairro Vila Verde.....                                    | 105 |
| Figura 54 – A praça de bairro como ELUP de São Roque do Canaã. ....                                                            | 106 |
| Figura 55 - Representação da relação espacial da praça do bairro Vila Espanhola. .                                             | 107 |
| Figura 56 – O pátio como ELUP de São Roque do Canaã.....                                                                       | 108 |
| Figura 57 - Representação da relação espacial da praça do Espaço livre lateral à escola que se aproxima a noção de largo. .... | 108 |
| Figura 58 – Os ELUP's como elementos componentes do tecido urbano. ....                                                        | 110 |
| Figura 59 – Os ELUP's de São Roque do Canaã no presente.....                                                                   | 111 |
| Figura 60 - O campo de futebol na várzea e primeiro espaço livre de uso público de São Roque do Canaã.....                     | 114 |
| Figura 61 – O caminho perimetral do campo de futebol na várzea do rio. ....                                                    | 115 |
| Figura 62 - Formação urbana de São Roque do Canaã entre 1900 e 1930. ....                                                      | 116 |
| Figura 63 – São Roque do Canaã e o largo da igreja matriz. ....                                                                | 117 |
| Figura 64 - Formação urbana de São Roque do Canaã em 1940 a 1950 .....                                                         | 118 |
| Figura 65 – A forma urbana de São Roque do Canaã a partir de 1950. ....                                                        | 119 |
| Figura 66 – Documentos referentes ao final do ano de 1970. ....                                                                | 120 |

|                                                                                                                  |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 67 – Imagens de satélite da formação urbana de São Roque do Canaã a partir de 1970. ....                  | 121 |
| Figura 68 - Formação urbana de São Roque do Canaã em 1960 a 1970. ....                                           | 122 |
| Figura 69 – Notícias sobre obras de infraestrutura em São Roque do Canaã. ....                                   | 123 |
| Figura 70 – O surgimento da ponte sobre o Santa Maria do Rio Doce ligando Vitória a Colatina. ....               | 124 |
| Figura 71 – A estrutura urbana de São Roque do Canaã no distrito Sede por volta de 1990. ....                    | 125 |
| Figura 72 – Projeto mapeamento de comunidades (São Roque do Canaã – 1992)..                                      | 126 |
| Figura 73 - Representação cartográfica do município de São Roque do Canaã e seus elementos urbanos em 1990. .... | 127 |
| Figura 74 - Formação urbana de São Roque do Canaã em 1980 a 2010. ....                                           | 128 |
| Figura 75 – Conjunção de fotografias aéreas com o tecido urbano até 2023. ....                                   | 129 |
| Figura 76 - Formação urbana de São Roque do Canaã em 2011 a 2023. ....                                           | 130 |
| Figura 77 - Síntese dos ELUPS de São Roque do Canaã no espaço-tempo. ....                                        | 133 |
| Figura 78 - Síntese da convergência da Rua Lourenço Roldi e Rodovia ES-080 no espaço-tempo. ....                 | 134 |
| Figura 79 – Área de análise da dimensão setorial. ....                                                           | 135 |
| Figura 80 – Capela de São Roque no início do século XX. ....                                                     | 136 |
| Figura 81 - A evolução do eixo central em no início do século XX. ....                                           | 137 |
| Figura 82 – Representação gráfica do caminho rústico em 1900. ....                                               | 137 |
| Figura 83 - A evolução do eixo central entre 1910 e 1920.....                                                    | 138 |

|                                                                                                        |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 84 - A evolução do eixo central em 1910.....                                                    | 139 |
| Figura 85 – A evolução do eixo central até 1930.....                                                   | 139 |
| Figura 86 - A evolução do eixo central até 1930.....                                                   | 140 |
| Figura 87 – A evolução do perfil do eixo central entre 1900 e 1930.....                                | 141 |
| Figura 88 - Representação gráfica do caminho rústico em 1930. ....                                     | 141 |
| Figura 89 – Início da estruturação urbana no eixo central de São Roque do Canaã entre 1940 e 1950..... | 142 |
| Figura 90 - A evolução do eixo central em 1940.....                                                    | 143 |
| Figura 91 - Representação gráfica do alargamento do caminho rústico em 1940. ....                      | 143 |
| Figura 92 - A evolução do perfil do eixo central em 1940.....                                          | 144 |
| Figura 93 – Reunião na área ao lado da Igreja de São Roque em 1950. ....                               | 145 |
| Figura 94 - A evolução do eixo central em 1950.....                                                    | 145 |
| Figura 95 - A evolução do perfil do eixo central em 1950.....                                          | 146 |
| Figura 96 - Corte e aterro em frente à igreja de São Roque a partir de 1960. ....                      | 146 |
| Figura 97 – Evidências de surgimento e mudanças de equipamentos urbanos ainda no final de 1950. ....   | 147 |
| Figura 98 - Evidências do processo de formação urbana de São Roque do Canaã entre 1960 e 1970.....     | 148 |
| Figura 99 – Registros no espaço urbano pelo final do ano de 1970.....                                  | 148 |
| Figura 100 - O monumento na convergência da de São Roque do Canaã em 1960.                             | 149 |
| Figura 101 – Detalhe do primeiro monumento datado entre os anos de 1960 e 1970. ....                   | 150 |

|                                                                                                       |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 102 - A evolução do eixo central em 1960 e 1970.....                                           | 151 |
| Figura 103 - A evolução do perfil do eixo central até 1970.....                                       | 151 |
| Figura 104 – A formação da urbana de São Roque e os elementos e transformações pelo ano de 1980. .... | 152 |
| Figura 105 – Representação gráfica com a criação de canteiros e rotatória em 1980. ....               | 153 |
| Figura 106 – a implantação de canteiros vegetados junto ao monumento a partir de 1980. ....           | 153 |
| Figura 107 - A evolução do eixo central em 1980.....                                                  | 154 |
| Figura 108 - Representação gráfica do canteiro com o monumento na Rodovia ES-080 em 1980. ....        | 154 |
| Figura 109 - Representação gráfica da rotatória com o monumento na Rodovia ES-080 em 1980. ....       | 155 |
| Figura 110 - Representação gráfica do canteiro com lixeira na Rodovia ES-080 em 1980 ....             | 155 |
| Figura 111 - Representação gráfica do canteiro na Rua Lourenço Roldi em 1980....                      | 156 |
| Figura 112 - A evolução do perfil do eixo central até 1990.....                                       | 157 |
| Figura 113 – Documento para pedido de verba para possíveis obras urbanas para o uso público.....      | 157 |
| Figura 114 – Os elementos urbanos do eixo central a partir dos anos 2000. ....                        | 158 |
| Figura 115 – A adição de muretas aos canteiros e na rotatória a partir dos anos 2000. ....            | 159 |
| Figura 116 - A evolução do perfil do eixo central a partir de 2011.....                               | 159 |
| Figura 117 - A evolução do eixo central até 2023.....                                                 | 160 |

|                                                                   |     |
|-------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 118 - A evolução do perfil do eixo central até 2023.....   | 160 |
| Figura 119 - Os elementos urbanos do eixo central até 2023. ....  | 161 |
| Figura 120 – A formação urbana de São Roque do Canaã em 2023..... | 161 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 - Tipologias de espaços livres de uso público..... | 57 |
| Quadro 2 – Síntese das escalas de análise .....             | 62 |

## **LISTA DE SIGLAS**

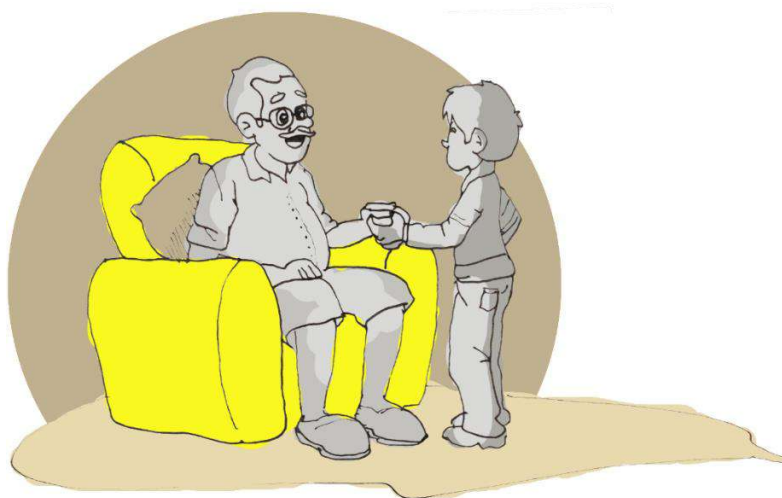
ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ELUP – Espaço Livre de Uso Público

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PIRH – Plano de Recursos Hídricos

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo



Era uma vez um bom homem com muitas histórias a contar. Era um grande contador de histórias. Em suas narrativas ouvia-se sobre seus amigos, os caminhos que percorria quando ainda era novo e as histórias do dia a dia e seus grandes e pequenos feitos! Era um Italiano nato, arquiteto, marceneiro, professor de música, um ser humilde que, com o mais simples, esbanjava alegria. Com ele era “só alegria”. Era uma vez um bom homem com muitas histórias a contar; na varanda de casa, às palavras por horas ficava a cruzar; o sofá amarelo por onde passava rápido o beija-flor era palco para seus contos. Era mágico, empolgante. Eram muitos sorrisos e canções. São muitas memórias! No mais tardar, acontecia o tão esperado discurso em família e já logo dizia:- “hoje eu não vou chorar.”

Era uma vez um bom homem com muitas histórias a contar; assim que uma data importante chegava já logo falava sem pestanejar:- “Os anos, os meses, os dias, as horas, os minutos e os segundos estarei a contar.” Era uma vez um bom homem com muitas histórias a contar. O tempo passou, o palco se esvaziou, as luzes apagaram, e a cortina se fechou; o sofá não era mais um palco; e restam apenas as lembranças dos pequenos e grandes feitos do seu limiar. Era uma vez, era, uma vez. (Pedrone, 2023, p.155)

## **AGRADECIMENTOS**

Para me tornar arquiteto e urbanista, tive o apoio direto e indireto de várias pessoas. Para alcançar o título de mestre não seria diferente, e percebo cada vez mais a grandeza dessa cooperação para minha construção pessoal e profissional.

Quero agradecer primeiramente a Deus por ser meu suporte nessa caminhada;

A meus pais, Maria Oneide e Carlos Alberto, por não medirem esforços para que eu alcance meus sonhos;

Ao meu parceiro de vida, Igor Cosmo Bueno, por todo apoio;

A minha orientadora, Flavia Ribeiro Botechia, sempre compreensiva durante esta etapa. Agradeço o conhecimento transmitido até aqui e no estágio em docência.

A professora Eneida Maria Souza Mendonça sempre tão gentil e atenciosa, Marcelo Seidel Fiorotti pelas contribuições e a Larissa Letícia Andara Ramos pelo aceite do convite para participar da banca de qualificação para a obtenção do título de mestre;

Aos professores e demais servidores do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Ufes pelo conhecimento transmitido e prestatividade e aos amigos do núcleo de pesquisa NAU pelas trocas de conhecimento diárias;

Ao meu amigo Denner Angeli que em momento algum mediu esforços para me apoiar nesse momento de grande aprendizado, a Senhora Inês Roldi e família que, assim como os queridos Hélio Chiaratti e Elda Chiaratti também foram prestativos e me confiaram seu acervo pessoal de documentos históricos e iconográficos. Também gostaria de agradecer ao setor administrativo da associação beneficente cultural de São Roque do Canaã (Clube ABC) e a empresa Representa pela paciência e disponibilidade;

Ao historiador Tiago de Matos Alves que contribuiu com documentos do arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES);

A prefeitura de São Roque do Canaã pela disponibilidade com dados iconográficos;

A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) pelo ensino público de qualidade;

A FAPES pelo apoio por meio da bolsa de estudos.



Certa vez, dois rapazes, intrigados, perguntam a um urbanista: - “O senhor costuma dizer que gostaria de ser conhecido como “arruador”. Pode nos explicar este desejo?” O bom homem logo respondeu:- “Considero-me “arruador” – termo usado há séculos – pela importância que tenho vindo a dar aos elementos mais duradouros do urbanismo: as redes de espaço público que se devem antecipar às construções que duram menos, como todos percebemos.” (Braga; Pinto, 2013)

## SUMÁRIO

|                                                                           |           |
|---------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                                                | <b>27</b> |
| 1.1 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECIFICOS .....                          | 29        |
| 1.2 JUSTIFICATIVA.....                                                    | 29        |
| 1.3 ESTUDO DE CASO: SÃO ROQUE DO CANAÃ.....                               | 30        |
| 1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....                                        | 36        |
| <b>2. OS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO .....</b>                          | <b>41</b> |
| 2.1. NOÇÕES E CONCEITOS.....                                              | 41        |
| 2.2 ELEMENTOS MORFOLÓGICOS DOS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO ...          | 44        |
| 2.2.1 A rua.....                                                          | 44        |
| 2.2.2 O campo de várzea.....                                              | 47        |
| 2.2.3 O largo .....                                                       | 49        |
| 2.2.4 A praça.....                                                        | 51        |
| 2.2.5 O monumento .....                                                   | 53        |
| 2.2.6 O mobiliário urbano e vegetação.....                                | 54        |
| <b>3. DECOMPOSIÇÃO METODOLÓGICA .....</b>                                 | <b>61</b> |
| 3.1 AS DIMENSÕES DE ANÁLISE.....                                          | 61        |
| 3.1.1 Dimensão urbana.....                                                | 64        |
| 3.1.2 Dimensão setorial.....                                              | 65        |
| 3.2 MORFOLOGIA URBANA.....                                                | 65        |
| 3.2.1 Abordagens morfológicas .....                                       | 69        |
| 3.2.2 Representação bidimensional.....                                    | 71        |
| 3.2.3 Representação tridimensional .....                                  | 75        |
| 3.3 PROPOSTA METODOLÓGICA .....                                           | 79        |
| 3.3.1 Aprender o território.....                                          | 81        |
| 3.3.2 Estudar o território .....                                          | 81        |
| 3.3.3 Aprender e estudar.....                                             | 83        |
| <b>4. OS ELUP'S DE SÃO ROQUE DO CANAÃ E AS DIMENSÕES DE ANÁLISE .....</b> | <b>89</b> |
| 4.1 DIMENSÃO URBANA.....                                                  | 89        |
| 4.1.1 Os ELUPs no momento presente .....                                  | 91        |
| 4.1.2 De 1900 e 1930 .....                                                | 112       |
| 4.1.3 De 1940 a 1970 .....                                                | 116       |
| 4.1.4 De 1980 a 2010 .....                                                | 123       |
| 4.1.5 De 2011 a 2023 .....                                                | 128       |
| 4.1.6 Síntese dos ELUP's no tempo.....                                    | 130       |

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| 4.2 A DIMENSÃO SETORIAL ..... | 134 |
| 4.2.1 De 1900 a 1930 .....    | 135 |
| 4.2.2 De 1940 a 1950 .....    | 141 |
| 4.2.3 De 1960 a 2023 .....    | 147 |
| 5. CONCLUSÃO .....            | 166 |
| 6. REFERÊNCIAS .....          | 174 |





PRIMEIRO PASSO

# INTRODUÇÃO

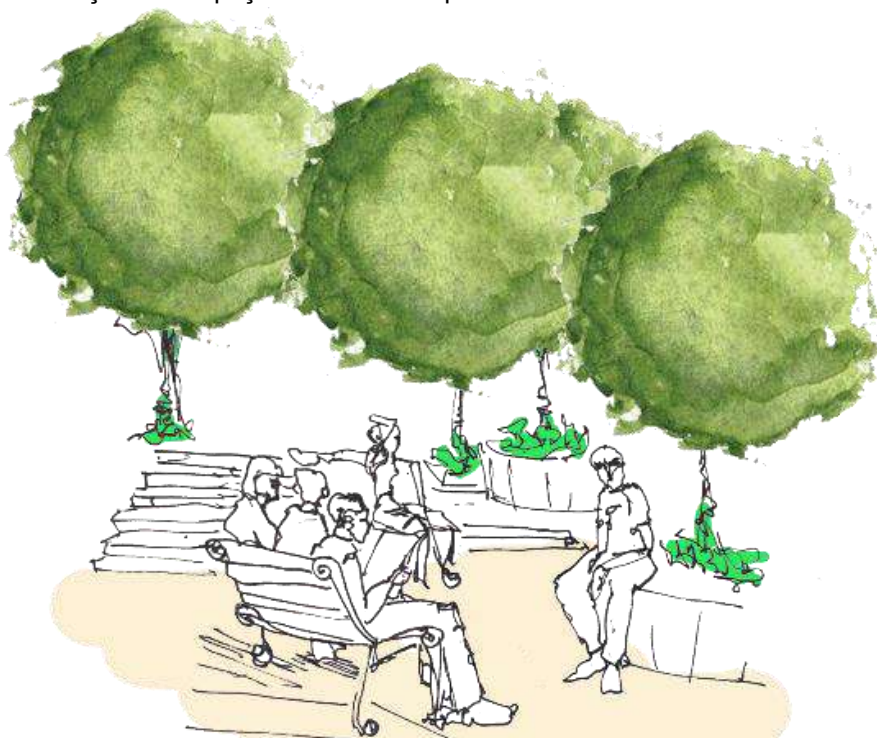
"Talvez tenhamos nos tornado um povo tão displicente, que não mais nos importamos com o funcionamento real das coisas, mas apenas com a impressão exterior imediata e fácil que elas transmitem. Se for assim, há pouca esperança para nossas cidades e provavelmente para muitas coisas mais em nossa sociedade, mas não acho que seja assim."  
(Jacobs, 2022, p.17)

## 1. INTRODUÇÃO

Somos privilegiados pelo clarão da lua sobre a terra, Colher de uma árvore um fruto adocicado, ver os jardins cobertos de flores quando chega a primavera, ter a visão para contemplar as belezas que brotam desta terra abençoada (Tonini, S/D, p.15).

No verso do poema “Terra Florida”, de João Santos Tonini, o autor descreve as ações e os prazeres de estar ao ar livre em contato com a natureza, evidenciando um olhar de quem vivencia o espaço e se sensibiliza a partir da percepção da paisagem. Ao retratar os privilégios de estar (livre) e usufruir (público) do natural, Tonini (S/D) reforça a importância dos espaços livres para as pessoas (Figura 1).

Figura 1 - Representação dos espaços livres de uso público.



Fonte: Autor (2024).

A partir desse poema, é possível relacionar a importância dos espaços livres de uso público para a forma das cidades que, quando não priorizam esses espaços, acabam designando às pessoas o papel de “pássaros” presos em suas casas, sem liberdade para vivenciar o externo, ou seja, transformando as cidades em locais com poucos espaços livres de construções.

Ao reviver narrativas poéticas de quem fez parte da história de um lugar, junto a pré-conceituações que contribuem com o entendimento das possíveis formas de “ver” e “compreender” os espaços livres, podem ser apontados os aspectos de um lugar ao longo do tempo, o processo de ocupação e seus resultados.

Nesse caso, o tempo e a forma urbana se destacam evidenciando seus elementos, como é o caso dos espaços livres. Os espaços livres, em específico os públicos, são definidos como local que pertence à coletividade, acessível a todos, possibilitando a circulação e o encontro das pessoas (Panerai, 1994). Locais esses que, segundo Queiroga e Benfatti (2007), constituem em si importantes fatores para análises e diagnósticos urbanos. Esse fato evidencia um importante sistema urbano (Macedo, 1995).

A grande complexidade desses espaços se deve a sua forma que está sempre evoluindo e passando por um processo de metamorfose (Kostof, 2009). Entretanto, vale ressaltar que, quando não utilizados como elemento estruturante para o planejamento urbano, evidenciam-se tecidos apenas com áreas escondidas por edificações, subutilizadas e residuais.

Lamas (2000) explica que uma das razões da transformação da forma ocorre quando esta não se adapta ao contexto em que está inserida. Para o autor, a permanência das mesmas formas urbanas é possível quando o contexto no qual foram produzidas não se modificou.

Figura 2 - Loteamento gradual de um espaço livre público até seu total desaparecimento.



Fonte: Autor (2024).

Estudar o processo da formação urbana, o solo urbano e os traçados permitem reconhecer que determinados elementos morfológicos persistiram ou sofreram algum tipo de apagamento (Figura 2). Logo, a partir de aproximações feitas e de análises retrospectivas, é possível conjecturar sobre o processo de determinada alteração desses espaços livres, em meio ao histórico de ocupação.

Sobre o processo de estudar esses espaços, Dias Coelho (2013, p.32) demonstra a decomposição do tecido urbano entendendo que “[...] pelo contrário, esses espaços edificados só podem existir pela definição dos vazios públicos”. Em complemento, Lamas (2000) explica que é a partir da análise histórica, com a reconstituição da

formação da cidade, que podem ser revelados se esses espaços estão em contínua transformação no tempo ou se modificaram ou sofreram apagamento.

Assim, ao considerar o processo histórico da evolução das formas urbanas, e levando em consideração os elementos morfológicos urbanos que compõem o espaço livre público, duas questões preliminares se destacam: quais e como são os espaços livres de uso público na escala da cidade? Quais são as transformações dos espaços livres de uso público ao longo do tempo?

A partir da discussão levantada sobre a formação urbana e os espaços livres de uso público, foi definido um objeto empírico. Cumpre apresentar como recorte territorial o município de São Roque do Canaã (Espírito Santo, Brasil), mais especificamente sua área urbanizada.

### 1.1 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECIFICOS

Diante da discussão estabelecida, esta dissertação tem como objetivo compreender o processo de formação urbana a partir da identificação dos espaços livres de uso público, dos elementos morfológicos e das transformações, nas dimensões urbana e setorial, a partir do estudo de caso do município de São Roque do Canaã (Espírito Santo, Brasil) durante o século XX.

A partir disso, dividiram-se os objetivos específicos em:

1. Elaborar estado da arte acerca da conceituação dos espaços livres de uso público;
2. Identificar os elementos morfológicos urbanos dos espaços livres de uso público em duas diferentes dimensões – urbana e setorial;
3. Identificar e classificar os espaços livres de uso público na dimensão urbana no momento presente;
4. Identificar historicamente os espaços livres de uso público (dimensão urbana) que possam ter sofrido algum tipo de transformação, seguido de análises aproximadas (dimensão setorial)

### 1.2 JUSTIFICATIVA

O espaço livre de uso público sempre fez parte da história de São Roque do Canaã, município interiorano localizado no centro do Estado do Espírito Santo, desde os primeiros caminhos feitos pelos colonizadores, que, por sua vez, se tornaram estradas

conectando construções, demarcando o território e servindo de referência. Tratar desses espaços se faz importante, visto que existem poucos estudos sobre o município, principalmente a respeito do processo de formação relacionado materialidades e espaços livres de uso público.

A dissertação dará, então, início às análises no campo da arquitetura e urbanismo do município, especificamente acerca dos espaços livres de uso público, contemplando obras de autores que se dedicam a estudar os processos de ocupação territorial e histórica como “São Roque do Canaã: uma história de fé, trabalhos e vitórias.” (Biasutti; Loss, 1999) e “No coração capixaba: 120 anos de história da mais antiga colônia no Brasil: Santa Teresa-ES” (Biasutti, 1994).

Além das razões acadêmicas e profissionais que motivam esta pesquisa, há ainda uma conexão com o objeto de estudo que revela o desejo de estudar a arquitetura local e compreender sua história e seu espaço urbano. Cada rua e cada espaço livre de uso público, carrega consigo as memórias de infância, o cotidiano e os feitos construtivos que, junto dos laços familiares, se entrelaçam com a história do município. Portanto, mais do que um mero objeto de estudo, São Roque do Canaã representa um espaço de transformações, de afeto e de pertencimento, proporcionando um desejo de contribuir para sua preservação e compreensão.

Espera-se que trabalhos como este sirvam de referência para orientar outros futuros que dizem respeito aos espaços livres de uso público a partir do reconhecimento dos elementos urbanos. Também espera-se contribuir com pesquisas voltadas à arquitetura e urbanismo do município de São Roque do Canaã, principalmente às que se relacionam aos elementos morfológicos urbanos

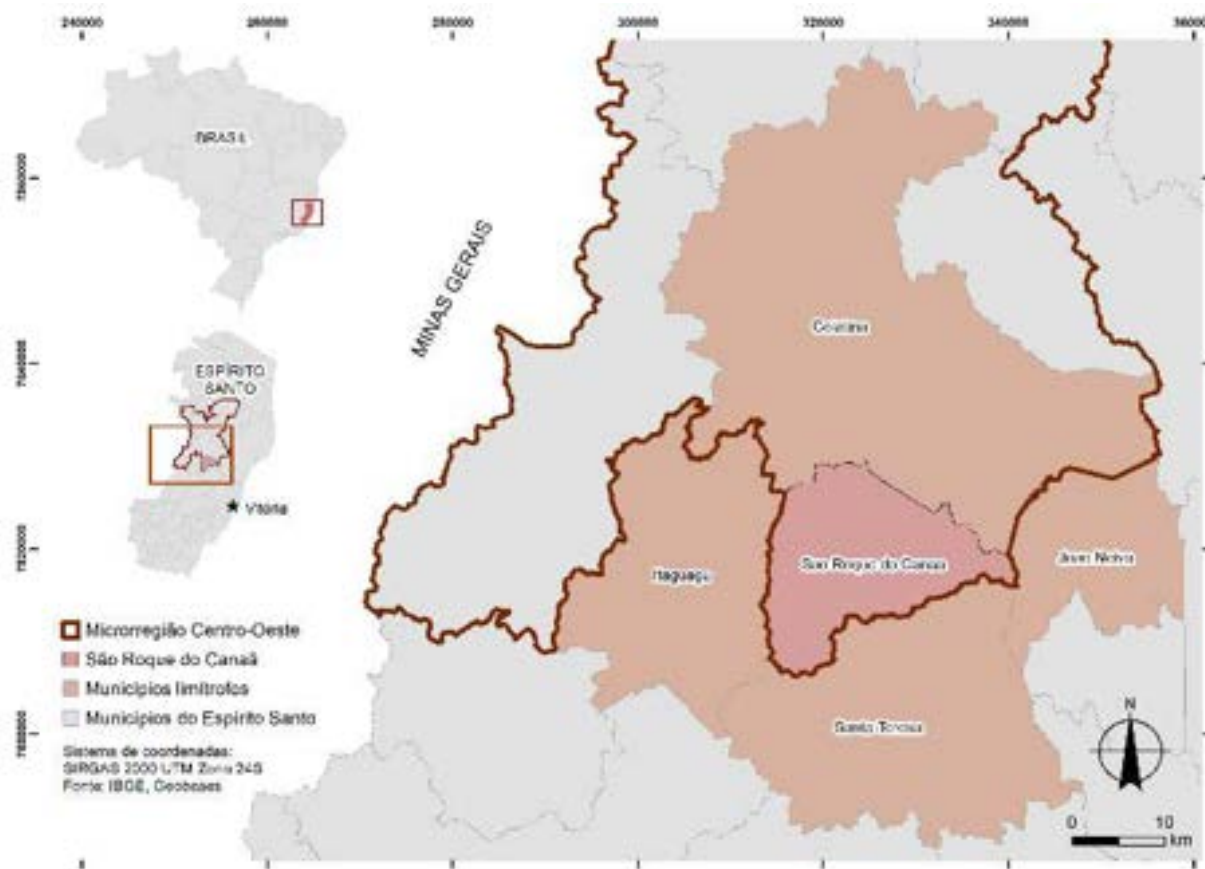
Por fim, pretende-se, com este trabalho, contribuir com a construção de um legado documental para o município através do registro de etapas de sua transformação morfológica, interligada à produção dos seus espaços livres de uso público.

### 1.3 ESTUDO DE CASO: SÃO ROQUE DO CANAÃ

São Roque do Canaã é um dos municípios pertencentes à bacia hidrográfica do Santa Maria do Rio Doce, estando localizado na região centro-oeste do estado do Espírito Santo. O município possui cerca de 10.886 habitantes e uma área territorial de 341,944km<sup>2</sup> (IBGE, 2022), limitando-se ao norte, com o município de

Colatina, ao sul, com o município de Santa Teresa, a Leste com João Neiva e a Oeste, com Itaguaçu (Figura 3).

Figura 3 - Localização do município de São Roque do Canaã



Fonte: IBGE, Geobases, elaborado pelo Autor (2024).

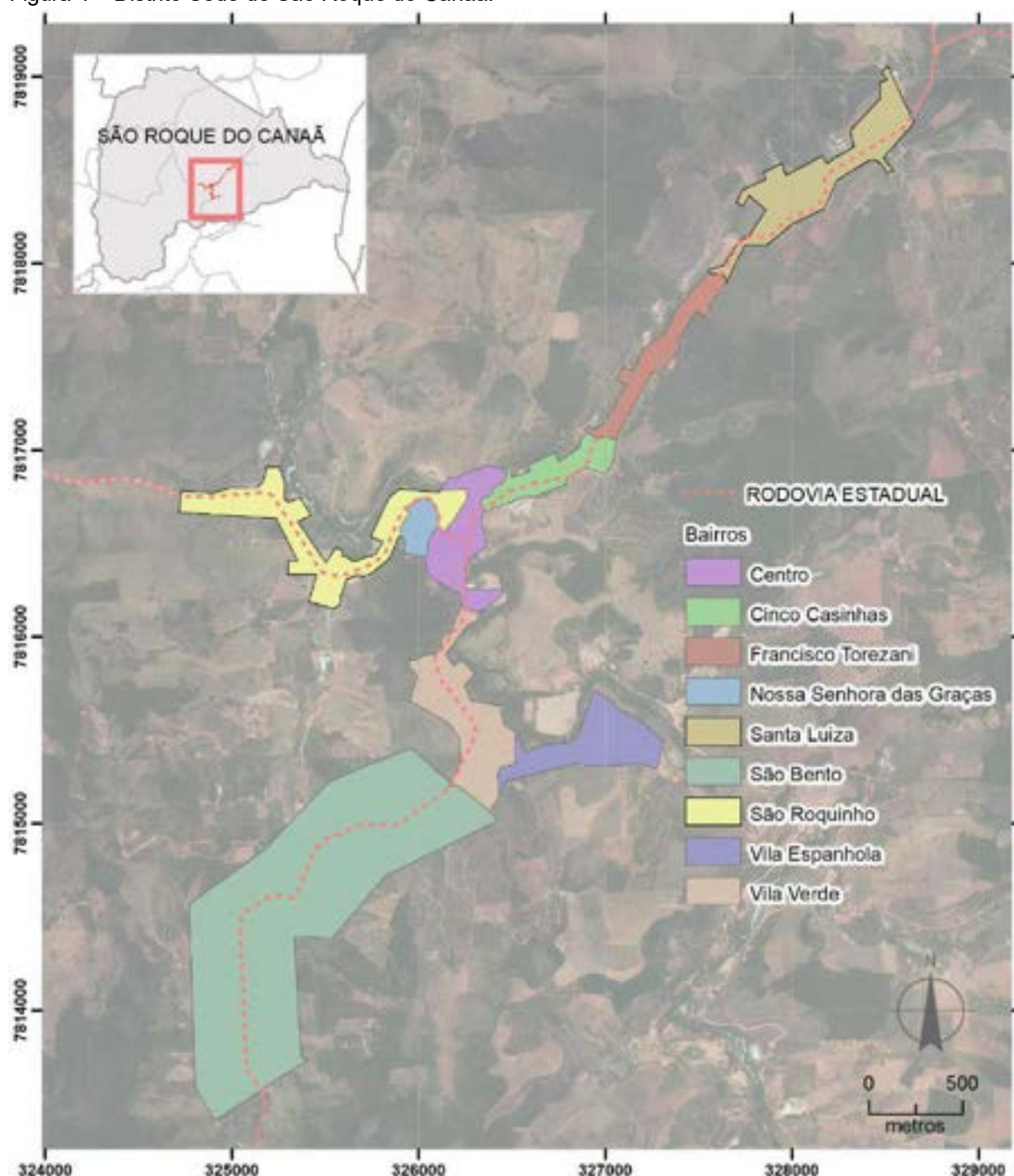
A região tem como principal fonte de renda o café, o gado, a cana-de-açúcar, hortifrutigranjeiros, tomate, goiaba, banana e, também, as cerâmicas e alambiques se destacando no cenário regional, estadual e até nacional, graças as suas tradições culturais (Prefeitura de São Roque do Canaã, 2022).

No contexto de São Roque do Canaã, o ponto de encontro entre a Rua Lourenço Roldi (ES484) e a rodovia ES-080 forma a área central<sup>1</sup> do município, onde se localizam poderes administrativos além de ser espaço da vida social com cenas cotidianas e eventos como movimentos sociais e políticos, desfiles cívicos e procissões religiosas.

<sup>1</sup> A área central, no campo da morfologia urbana e do urbanismo, refere-se à região central de uma cidade ou núcleo urbano que desempenha um papel fundamental na organização e na vida da cidade. Essa área é muitas vezes caracterizada por uma densidade populacional mais elevada, um maior grau de atividade econômica, uma concentração de instituições governamentais e culturais, além de uma infraestrutura de transporte mais densa. A área central é geralmente o ponto de partida histórico da cidade e frequentemente possui um layout urbano mais antigo e denso, com uma mistura de usos da terra, incluindo comércio, serviços, habitação e espaços públicos.

Sobre sua divisão política, o município se divide em três distritos: a Sede de São Roque, Santa Julia e São Jacinto, sendo o distrito Sede correspondente ao que denomina por área urbanizada com seus nove bairros: Centro, Cinco Casinhas, Francisco Torezani, Nossa Senhora das Graças, Santa Luzia, São Bento, São Roquinho, Vila Espanhola, Vila Verde (Figura 4).

Figura 4 – Distrito Sede de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Geobases, elaborado pelo autor (2024).

Por se tratar de uma região com características montanhosas e de vale, as linhas de ocupação do território, em geral, estão dispostas seguindo a formação natural da

topografia e do corpo hídrico. Além disso, o município dispõe de um quadro disperso quanto à ocupação urbana, que se deve por parte da população estar distribuída no território em pequenos grupos de edificações e com grandes áreas de zonas rurais (Figura 5). Atualmente, os 2,27km quadrados urbanizados do município (Figura 6) compreendem 15% de domicílios urbanos, vias públicas com arborização (IBGE, 2022), equipamentos públicos, comércios, dentre outros serviços, como bancos, correios, academias, lotérica e rodoviária.

Figura 5 – Dimensão urbana com o distrito Sede de São Roque do Canaã nos fundos de vale.



Fonte: Site da Prefeitura de São Roque do Canaã (2022).

Figura 6 – Dimensão Urbana com um fragmento do distrito Sede de São Roque do Canaã.



Fonte: Site da Prefeitura de São Roque do Canaã (2022).

Aproximando-se de um fragmento do distrito Sede onde se convergem as Ruas Lourenço Roldi e Rodovia ES-080, em frente à Igreja Matriz, é possível evidenciar as minúcias do tecido urbano, como a densificação no entorno das vias e os elementos que a compõe. É possível reconhecer o que está livre de construções, bem como as parcelas e o edificado, determinando assim a sua formação no momento presente como o resultado de ações e acontecimentos encadeados no tempo (Figura 7).

Figura 7 – Dimensão setorial com um fragmento do distrito Sede de São Roque do Canaã.



Fonte: Autor (2024).

Sob o ponto de vista estritamente físico, voltando o olhar ao passado, torna-se possível reconhecer o próprio processo de formação urbana a partir do reconhecimento da importância dos espaços livres de uso público. Um exemplo disso são as referências postas na Lei nº 5.147 de 15 de dezembro de 1995 – de emancipação do município (anteriormente povoado de São João de Petrópolis e vila de São Roque) – a qual explica que:

Art. 1º Fica criado o município de São Roque do Canaã, desmembrado de Santa Teresa, constituído pelos atuais distritos de São Roque, São Jacinto e Santa Júlia, com Sede no distrito de São Roque, com área territorial de 328 quilômetros quadrados, com a seguinte delimitação:

Divisas intermunicipais: com o município de Santa Teresa, João Neiva, Colatina e Itaguaçu

Divisas interdistritais: Sede (São Roque) e Santa Julia, Sede (São Roque) e São Jacinto.

Acerca dos espaços livres de São Roque do Canaã, pouco se tem definido em documentos oficiais sobre esses locais até a presente data de emancipação. O que se tem registrado são os requerimentos feitos à assembleia legislativa do Espírito Santo, a partir de 31 de outubro de 1978, presentes no seu processo de emancipação. Segundo o documento, até a formação da Lei nº 5.147 de 15 de dezembro de 1995, São Roque do Canaã possuía, além dos equipamentos públicos, uma paróquia que era o palco da encenação bíblica da “Semana Santa”. Essa, por sua vez, acontecia na própria rua, em frente à igreja de São Roque.

A partir da emancipação do município, em entrevista para os meios de comunicação, os mais antigos e denominados de “patriarcas da cidade” explicaram a importância da emancipação política do município e entendem da influência dos espaços livres de uso público para o reconhecimento do povoado como “cidade” (Figura 8).

Figura 8 - Reportagens de A Gazeta em 15 de dezembro de 2013 com Atilio Vago e Zenobio, que mora no município há mais de 50 anos.



Fonte: BONGIOVANE, Natalia (2013).

Pela Lei nº200 de 2001, o município passou a instituir o seu próprio código de obras, o qual é utilizado até o momento presente, porém este não possui uma seção específica para espaços livres de uso público. Sobre suas disposições preliminares, o presente documento apresenta o objetivo de garantir as condições mínimas que satisfaçam a segurança, conforto, higiene e salubridade das edificações e obras em geral e sobre os procedimentos administrativos a serem obedecidas no projeto, licenciamento, execução, manutenção e utilização das obras, edificações e equipamentos, observadas as normas municipais, estaduais e federais.

Segundo o documento, o que se aproxima de obrigatoriedades sobre os espaços livres de uso público está na Seção VI referente aos alinhamentos e afastamentos das construções. Sobre as edificações construídas dentro do perímetro urbano (Art. 69, p.52), são cobrados recuos obrigatórios que sigam as seguintes características:

Parágrafo único – Os afastamentos mínimos previstos serão: Afastamento frontal: mínimo de 3.0 metros ao longo da Rodovia Armando Martinelli; mínimo de 2.0 metros ao longo da Rua Lourenço Roldi; mínimo de 1.5 metros ao longo dos demais logradouros públicos.

O esforço para entender as minúcias dos espaços livres de uso público pode estar para além do que é visto na atualidade e por isso requer atenção quanto sua transformação ao longo do tempo e sua relação com a cidade. A falta de lazer e de praças questionado pelos antigos moradores são-roquenses são fortes evidências para interpretações analíticas sobre a história e a forma urbana do município.

A falta de legislações e obrigatoriedades sobre os espaços livres de uso público do município descreve o processo em que a forma de se projetar resultou na formação dos espaços livres de uso público atuais. Desse modo, a partir do contexto arquitetônico e do desenho urbano com seus elementos, cumpre apresentar brevemente cada capítulo a fim de guiar, você leitor, nesse processo de análise dos espaços livres de uso público, a partir de dimensões, elementos e transformações.

#### 1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A estrutura da dissertação está vinculada ao desenvolvimento de seis capítulos. O primeiro capítulo intitulado de “Introdução” apresenta os conceitos que irão nortear a pesquisa a ser desenvolvida: a Forma Urbana e os Espaços Livres de Uso Público, a partir de definições chave identificadas por meio de revisão bibliográfica. O trabalho entende os espaços livres de uso público como elementos importantes para a formação das cidades que estão em constante transformação da sua forma, justificando assim a aproximação entre autores da morfologia urbana e do urbanismo para conceitos e definições. Depois de trabalhada a problemática voltada aos espaços livres de uso público, é apresentado o objeto de estudo e sua estrutura urbana atual relacionando a área urbanizada nas dimensões urbana (área urbanizada) e setorial (fragmento da área urbanizada visto ao nível da rua).

O segundo capítulo intitulado de “Os espaços livres de uso público” apresenta noções e conceitos sobre os espaços livres de uso público com suas particularidades, auxiliando nas suas definições e tipologias. Além disso, são destacados os elementos urbanos pertencentes aos espaços livres, mais especificamente os de uso público, os quais servirão de evidências em um processo investigativo. Trata-se de analisar o desenho urbano como um instrumento para a leitura e reflexão sobre a forma da

cidade. Desse modo, após apresentar o que seriam os apetrechos, ou seja, as ferramentas e equipamentos utilizados durante um processo de investigação, cumpre apresentar como manuseá-los. Recorre-se então ao capítulo metodológico.

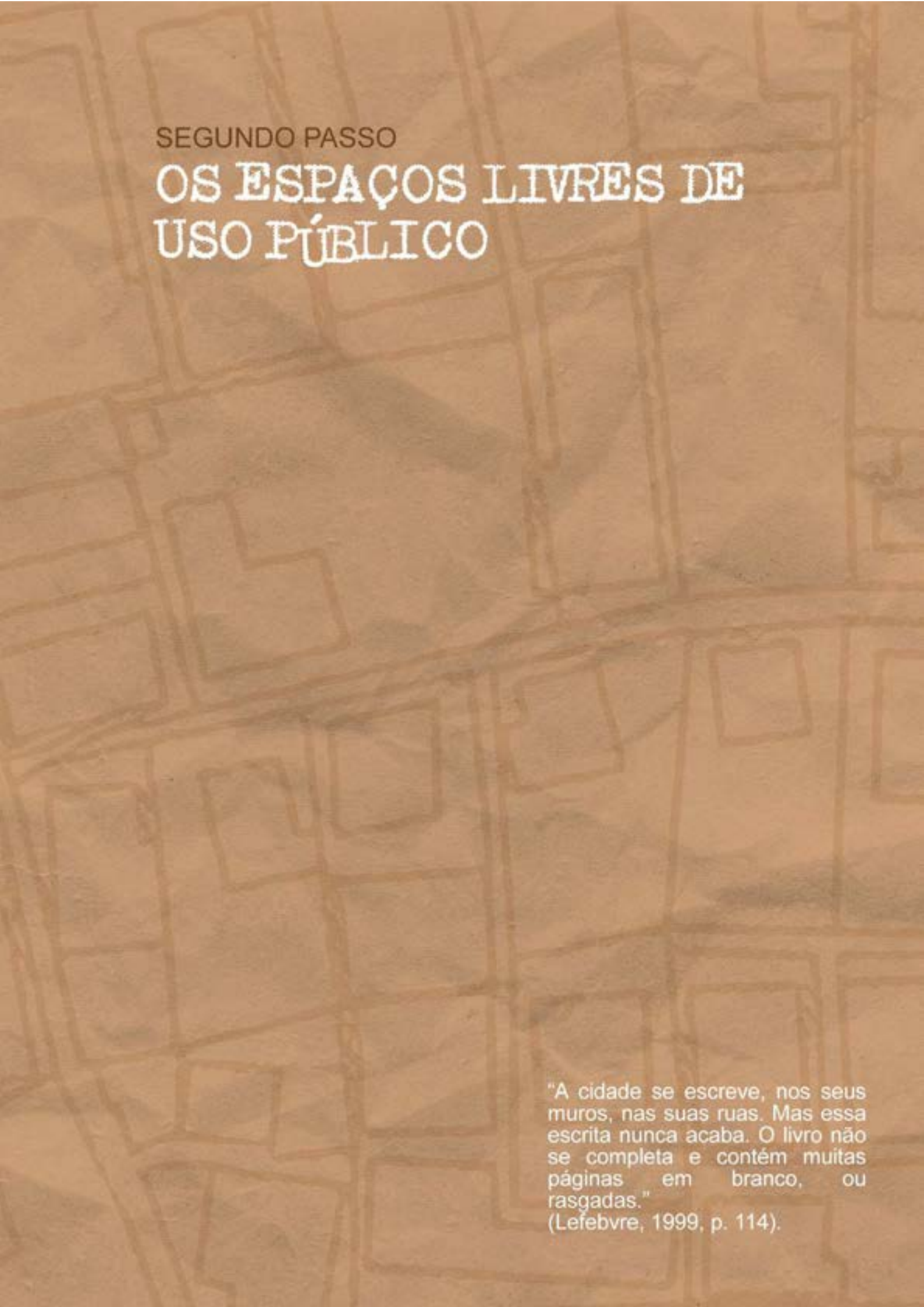
O terceiro capítulo intitulado de “Decomposição metodológica” é definido pelo processo metodológico utilizado para a investigação do trabalho. Este capítulo, na prática, cumprirá com os objetivos específicos e com uma das principais justificativas propostas para o trabalho de contribuir com a construção de um legado documental para o município através do registro de etapas de sua transformação morfológica, interligada à produção dos seus espaços livres de uso público. Como repertório guiou-se as leituras em camadas, ou seja, evidenciou-se individualmente cada parte do método organizando os vários estratos da leitura morfológica. Por fim, apresenta-se a proposição metodológica para o presente trabalho estruturada em três etapas, dividindo-se entre “aprender e estudar” o território.

Na primeira etapa definida como o “aprender o território” que, em uma abordagem sincrônica e considerando a divisão administrativa onde o distrito Sede é definido como a área urbana, possibilita o conhecimento da região seguido da descrição de suas características físicas. A análise finaliza contribuindo com a categorização dos espaços livres de uso público no momento presente. A segunda e a terceira etapa é definida como o “estudar o território”, ambas em uma abordagem diacrônica. Em um primeiro momento, pela dimensão urbana, é feita a periodização e análises sobre a formação da estrutura urbana e dos espaços livres de uso público em tempos pretéritos. Em um segundo momento, dessa vez pela dimensão setorial, recorre-se a um recorte feito, para análises dos elementos urbanos dos espaços livres de uso público. Assim torna-se propício no capítulo quatro organizar e sistematizar os dados levantados, a fim de reconhecer os espaços livres de uso público do município de São Roque do Canaã, a partir das pesquisas e leitura de sobreposições de camadas tanto históricas quanto da materialidade urbana.

No quinto capítulo como forma de considerações finais, apresenta-se os resultados que confrontam a pergunta inicial sobre quais são e como são os espaços livres de uso público do referente município seguido do sexto capítulo o qual é dedicado às referências com os autores fundamentais para a disponibilização do corpus do estudo sobre o município de São Roque do Canaã.





The background of the entire page is a textured, aged paper with a faint, light brown line drawing of a city street grid. The lines are irregular and hand-drawn, giving it a map-like appearance. The text is overlaid on this background.

SEGUNDO PASSO

# OS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO

"A cidade se escreve, nos seus  
muros, nas suas ruas. Mas essa  
escrita nunca acaba. O livro não  
se completa e contém muitas  
páginas em branco, ou  
rasgadas."  
(Lefebvre, 1999, p. 114).

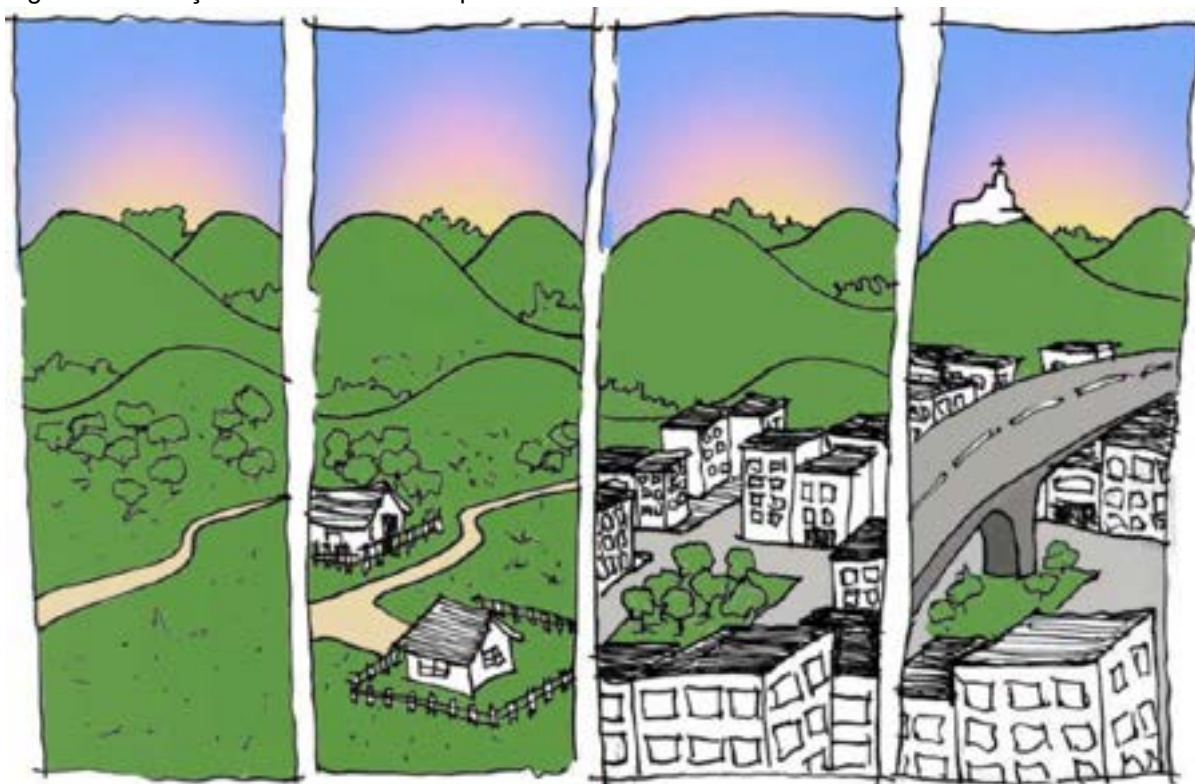
## 2. OS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO

Este capítulo apresenta a construção teórica sobre a noção de espaços livres de uso público em uma abordagem descritiva e qualitativa, a partir de referencial teórico e pesquisas sobre as cidades brasileiras. São apresentados noções e conceitos a partir de autores que buscam compreender os espaços livres, suas características e potencialidades. Também são apresentados noções e conceitos acerca dos elementos que constituem os espaços livres públicos, a fim de evidenciar cada componente utilizando sempre o desenho como instrumento essencial para leitura e reflexões sobre a forma da cidade.

### 2.1. NOÇÕES E CONCEITOS

Os espaços livres de uso público desempenham um papel importante na transformação das cidades. Essas áreas, que incluem parques, praças, calçadas e outros locais de uso comum, representam mais do que apenas lugares para recreação e interação social; são o coração pulsante das áreas urbanas. Ao longo da história, a concepção desses espaços tem desempenhado um papel fundamental na configuração das cidades, moldando a forma urbana (Figura 9).

Figura 9 - Evolução da forma urbana a partir do sítio físico.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Tardin (2008) levanta a discussão sobre o fenômeno urbano evidenciando a forma de produção dos centros adensados, descritos pela autora como áreas com assentamentos dispersos, conectados por uma rede viária potencializada.

Em situações nas quais a urbanização se manifesta de forma fragmentada são reveladas duas características resultantes, sendo uma descrita pela constituição áreas não construídas no meio urbano e outra de frentes urbanas avançando e ocupando espaços ainda não edificadas (Tardin, 2008). As descrições feitas por Tardin (2008) contribuem com o entendimento de que toda cidade tem um sistema de espaços livres (Figura 10), descritos por Macedo (2011) como a combinação do parcelamento do solo, da criação de ruas e construções.

Figura 10 - As cidades e os espaços livres.



Fonte: Autor (2024).

Seguindo os conceitos desenvolvidos por Miranda Magnoli<sup>2</sup> e associando-os a autores como Macedo (2011), os espaços livres são definidos por espaços, livres de qualquer tipo de edificação. Para os autores, por estarem ligados a qualidade espacial urbana, esses espaços evidenciam uma variedade de demandas sociais que, independentemente da sua dimensão, funcionalidade ou até mesmo pela estética da sua localização, se dividem em espaços públicos e privados.

Os espaços privados são entendidos como os quintais e jardins, que fazem parte de um lote de propriedade particular, por exemplo, constituindo “os terrenos de propriedade particular não edificadas, ou dos espaços sem edificação remanescentes da forma de ocupação adotada” (Mendonça, et al., 2011, p. 1).

<sup>2</sup> Miranda Magnoli, arquiteta e paisagista, trabalhou no escritório do arquiteto Abelardo de Souza que lecionava na FAU como assistente de Vilanova Artigas. Fundou o primeiro escritório paulista dedicado ao paisagismo com sua colega de faculdade Rosa Kliass e foi fundadora do grupo de disciplinas de Ambiente e Paisagem da FAU-USP.

Segundo Brasil (2023a), “os espaços livres públicos, são considerados os de uso comum, pertencentes à população, administrados pelo poder público, como ruas, calçadas, praças, jardins, parques, em que o ir e vir é livre”. Quando relacionados ao momento presente e a tempos pretéritos, esses locais passam a possuir sua própria identidade a partir de fatores políticos, econômicos, sociais, culturais e arquitetônicos.

Assim, entende-se que os espaços livres estiveram presentes durante todo o processo de urbanização podendo ser definidos pelo próprio “arruamento”, e ainda pelo “adro” que antecede a porta principal de uma igreja, o “Largo” como alargamento da rua, os “rossios, terreiros e o campo” como área livre externa aos muros das cidades e a “praça” como um espaço plano e regular (Lousada, 2008).

Parte-se do princípio de que toda cidade possui um sistema de espaços livres e estes, por sua vez, são reflexo de uma urbanização com formação urbana resultante. Sobre seu reconhecimento, Magnoli (1982, p.184) explica que:

[...] quaisquer que sejam as distribuições das áreas edificadas será necessário serem associadas, nos aspectos da paisagem urbana, à distribuição no solo, incorporando o espaço livre adjacente às edificações, seja ele particular ou público, individual ou comunitário.

Ao tratar da dependência entre os espaços livres de uso público e privados Macedo et al (2018) afirmam que a ideia de sistema se apoia sobretudo na vinculação funcional e ambiental, evidenciando os espaços públicos, como principal forma de acesso, tanto físico quanto visual como as ruas, avenidas, calçadas e praças.

Os espaços livres de uso público, de acordo com Macedo et al (2018), seguindo o direito civil de bens públicos, enquanto propriedade pública está associado a locais de convívio, de trocas, conflitos, circulação, descanso e lazer e se dividem em I - o uso gratuito e comum do povo como as ruas, as praças, as estradas, os rios, entre outros; II – terrenos com fins de serviços e administrativos do âmbito federal, estadual, territorial ou municipal e III – os bens de uso dominicais ou dominiais. Os dois primeiros são bens do domínio público do Estado. O terceiro é domínio privado do Estado e pode ser convertido em público de uso comum ou especial.

Essa divisão apresentada pelos autores tem por natureza a discussão sobre o espaço livre enquanto propriedade e apropriação pública. Ela regulamenta os interesses do Estado e da sociedade, defendendo o interesse público, podendo inclusive associar os espaços livres públicos à locais de conflito e a questões ambientais.

Ao associar o espaço urbano e os espaços livres de uso público, Lamas (2000) apresenta a rua, também entendida no conjunto de ruas como traçado, como uma categoria de espaço livre. O autor, assim como Dias Coelho (2013) segmenta os espaços livres de uso público relacionados a forma física construída e mostra como esses espaços estão conectados por dimensões maiores e menores. Além disso, esses autores deixam clara a importância do nível de aproximação para com o objeto, designando dimensões a serem analisadas.

## 2.2 ELEMENTOS MORFOLÓGICOS DOS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO

Considerando a possibilidade de evidenciar a relação entre os espaços físicos construídos e sua forma, torna-se possível reconhecer os elementos urbanos - rua, das praças, dos campos de futebol e das áreas de várzea - como parte dos espaços livres de uso público. Também podem ser apontados os espaços acidentais descritos pelos terrenos remanescentes do desenho das vias e demais vazios urbanos. Ao aproximar-se desses espaços podem ser reconhecidos, de forma minuciosa, os elementos que os compõem de modo tridimensional tais como o mobiliário urbano, as árvores e vegetações.

A seguir, são apresentados alguns elementos urbanos pertencentes aos espaços livres de uso público que, pela sua singularidade e de forma segmentada, diferenciam-se. Além disso, esses elementos são parte da forma urbana sujeitos a mudanças físicas, variando de época para época, e em relação à organização espacial. A prática de elementarizar esses elementos associa-se a decomposição elementar (Dias Coelho, 2013).

### 2.2.1 A rua

A rua é um elemento com características de ligação e circulação dentro do tecido urbano, sendo uma das principais estruturas no que diz respeito aos espaços livres de uso público. É um elemento urbano capaz de representar a forma de assentamento e, segundo Lamas (2000), no conjunto é perceptível em vários níveis de aproximação e dimensões.

Autores como Panerai (2006), ao abordarem as cidades contemporâneas, definem as ruas como caminhos que conduzem de um ponto a outro, de uma área a outra, dando acesso a terrenos, campos de futebol, praças e lotes. Considerando essa constatação

e relacionando ao que é apresentado por Lamas (2000), Proença (2013) explica que as ruas possuem grande riqueza morfológica, além da forma física e características de identidade, como a toponímica. Esse elemento predominante na constituição do tecido urbano, de descrição contínua e linear é considerado como um espaço canal, ou corredor, diferente dos espaços excepcionais como é o caso dos largos e das praças.

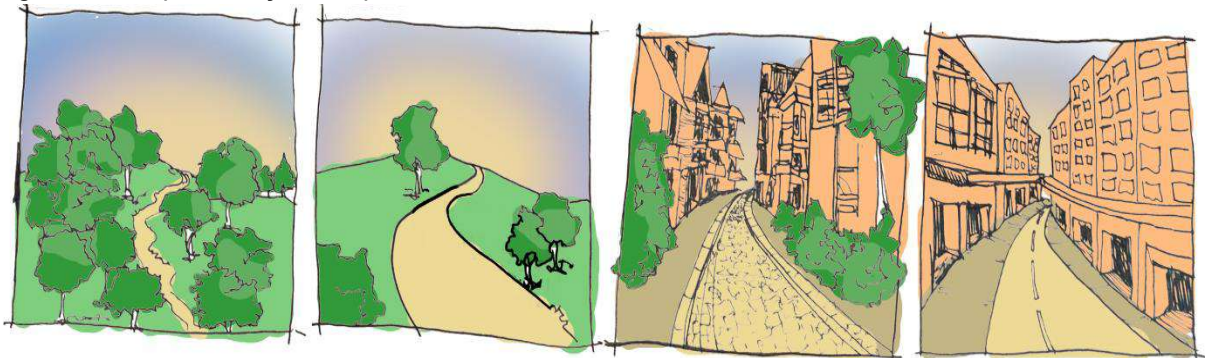
Ao recompor o desenho das cidades, Lamas (2000) explica que, a partir da Idade Média e até a Idade Moderna, esse elemento passou por um processo de adaptação, resultando em algo além da sua função e estética. O autor apresenta a rua na Idade Média como um percurso funcional, no Renascimento como um percurso retilíneo e como conector entre os demais espaços livres e como um organizador de efeitos cênicos e estéticos. Dessa forma, a rua tornou-se “[...] corredor para as grandes movimentações, procissões, cortejos e paradas” (Lamas, 2000, p.172).

As transformações ocorridas nas ruas ao longo do tempo conduzem os olhares aos processos de modificação cujas características podem definir períodos. O surgimento de novos caminhos e o uso da pavimentação, por exemplo, veio a crescer entre os séculos XI e XII, atribuindo seu uso para além de circulação e acesso a edifícios, como a extensão dos mercados para a compra e venda de mercadorias (Lamas, 2000)

Ao apresentar o período Renascentista e Barroco, Lamas (2000) explica sobre a formação das ruas. A arquitetura das fachadas, por exemplo, passou a ter a rua como suporte. O autor explica que a partir do período clássico, a identidade das ruas passou a associar o traçado às fachadas dos edifícios do seu entorno.

Assim, as ruas que antes eram tidas como caminhos e rotas passaram a fazer parte de um sistema que vai manter-se até a atualidade onde os traçados viários determinam os quarteirões e também um elemento morfológico (Figura 11).

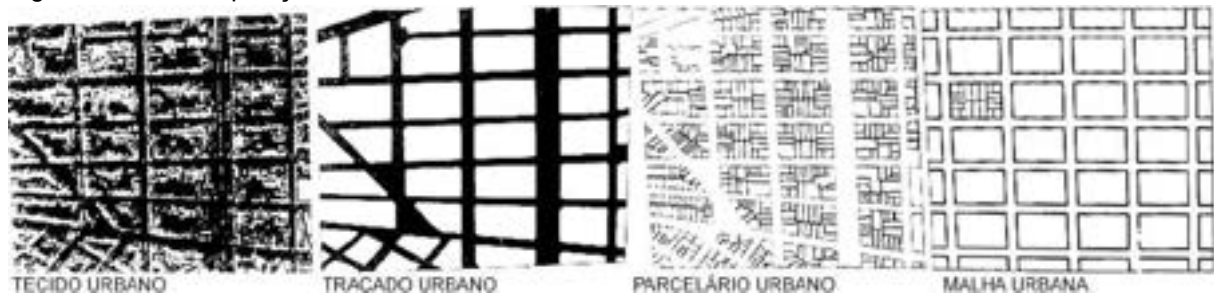
Figura 11 - Representação dos primeiros caminhos até as ruas de uma cidade.



Fonte: Autor (2023).

Quando observado de forma bidimensional, o traçado urbano remete a representação do espaço público e da estrutura parcelar: “O conceito de traçado remete uma configuração concreta – um desenho finito e dimensionável em todos os seus pormenores” (Dias Coelho, 2013, p.31). Ao contextualizar as cidades a partir da leitura metódica do tecido urbano, com a componente tridimensional, Dias Coelho (2013) apresenta a indissociabilidade dos componentes que formam os tecidos, segmentando o traçado, do parcelário e da malha. As ruas e o traçado são descritos pelo espaço vazio entre os quarteirões servindo de suporte para o edificado. O parcelário, segundo o autor, insere-se na componente privada das cidades, porém, contribuem com o entendimento da existência ou ausência de determinados elementos da componente pública (Figura 12).

Figura 12 – Decomposição sistêmica do tecido urbano.



Fonte: Dias Coelho (2013).

Segundo Lamas (2000) a partir do traçado e das vias, existe a possibilidade de interpretação sobre o processo de formação das cidades e dos elementos morfológicos dos espaços livres de uso público.

Quando vistos de forma sistemática a partir do momento presente, Tardin (2008) descreve a rua e o traçado resultante essencial para a ordenação dos demais espaços livres de uso público de uma cidade. Macedo et al (2018) reforçam a importância da malha viária, ou seja, o conjunto de caminhos para a circulação cotidiana das pessoas, mercadorias e infraestrutura urbana definindo quais são as vias públicas e justificando seu uso do sistema de convívio, lazer e conservação.

Atendo-se para a forma física desse elemento, Dias Coelho (2013) explica que esses são importantes reguladores para a investigação inicial dos espaços livres de uso público. A partir deles, pode ser identificada a riqueza morfológica pela existência de partes distintas, sendo o sítio em que está inserido, a causa primária da especificidade dos seu desenho.

A organização da forma e espaço da rua pode ser observada principalmente pelo seu plano e pode ser descrito por seu formato linear, com comprimento e largura, que varia de acordo com sua gênese e transformação ao longo do tempo. Por exemplo, um caminho de no máximo um metro de largura, pode ter sofrido transformações com o tempo, tornando-se uma rua com dimensão abrangendo dois sentidos de percurso, ou uma avenida abrangendo mais de dois sentidos de percurso. Evidencia-se aqui as mais diversas formas e dimensões da rua com seus componentes como: a calçada. Além da rua, ainda existem as variações métricas e funcionais denominadas por o beco, a alameda, a avenida entre outros tipos que são derivados dos arruamentos (Proença, 2013).

### **2.2.2 O campo de várzea**

Não restam dúvidas sobre a recreação como uma das mais promissoras atividades sociais. Em um contexto histórico, não se sabe ao certo quando a recreação começou a fazer parte como uma atividade planejada, porém o lazer atualmente tem grande importância para as sociedades contemporâneas.

Os campos de várzea são espaços públicos que surgiram espontaneamente, geralmente nas várzeas dos rios em “áreas desocupadas”, próximos a elementos morfológicos sejam eles definidos pelos caminhos e estradas ou por construções. Com o processo histórico de colonização de terras, esses campos foram criados a partir de reuniões de trabalhadores e moradores instalados nos locais, vinculando-se historicamente à prática social esportiva. A várzea desempenhou um papel significativo no desenvolvimento do esporte como uma das principais práticas de lazer (Scifoni, 2013).

Segundo Santos (2007), os campos de várzea eram predominantemente demarcados pelo solo exposto e vegetação, sem qualquer tipo de infraestrutura, como iluminação artificial, permitindo estender o horário dos jogos, que eram praticados durante o dia, mais especificamente aos finais de semana. Além da atividade esportiva, o encontro social era central na dinâmica deste esporte, funcionando como um importante elemento agregador dos frequentadores das várzeas: “Pensar na várzea era pensar no lazer, nos campos, nas ligas regionais, nos encontros de finais de semana e na prática do futebol” (Santos, 2007, p.204)

No Brasil, o campo surgiu no final do século XIX, dando origem posteriormente aos primeiros clubes esportivos e de lazer. Com o avanço do desenvolvimento urbano e a

incorporação das várzeas como “espaço produtivo” da cidade, muitos desses locais passaram a ser um espaço residual, abrigando o desenho urbano com ruas e construções (Vicente; Cardoso, 2020) (Figura 13).

Figura 13 – Croqui esquemático representando o campo de futebol na várzea do rio.



Fonte: Autor (2024)

Atualmente, poucos são os campos de futebol de várzea nas grandes cidades, mas as práticas do futebol como lazer continuam a ter presença marcante, onde, muitas vezes, é um dos poucos acontecimentos de lazer dos finais de semana. A compreensão desses locais é fundamental para analisar o surgimento dos espaços livres de uso público (Rigo; Jahneka; Da Silva, 2010).

O desenho dos campos de várzea como elementos da forma, podem ser definidos a partir do seu comprimento e largura como em uma figura geométrica retangular, porém com menor precisão se comparado aos campos de futebol oficiais. Isso se dá pela característica da superfície natural e pela sua criação espontânea. O que pode ser afirmado, de fato, é a sua posição margeando aos rios alcançando a área de várzea e delimitando-se por caminhos.

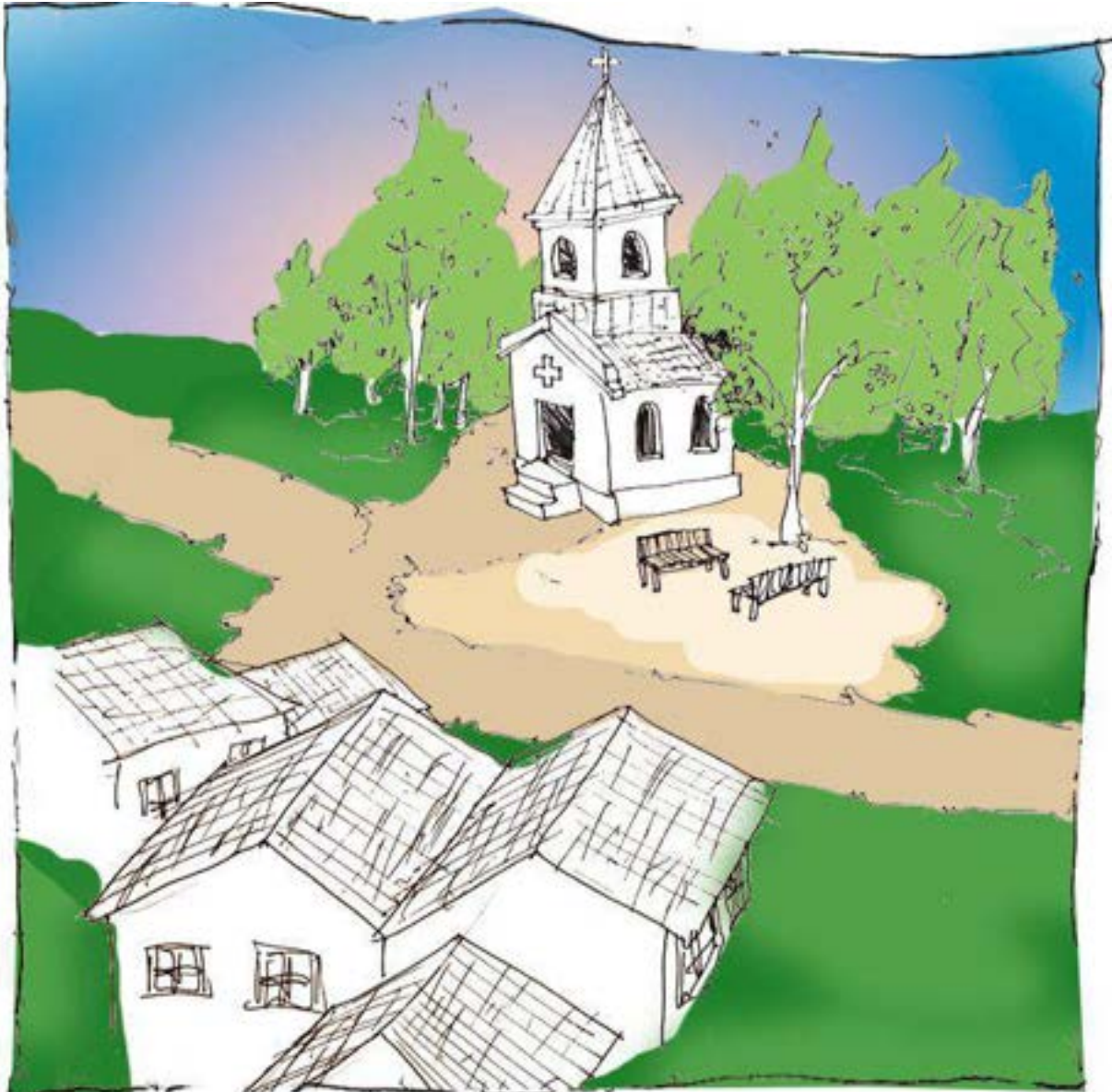
Ao ser observado pelo seu plano de inserção, o campo de várzea destaca-se pelo próprio solo com vegetação como delimitador da área, diferenciando-o dos caminhos com solo exposto. Seu entorno, muitas vezes livre pelas exigências ambientais o

coloca em um estado de grande acessibilidade e conexão com o entorno, tendo como confrontantes o rio e os caminhos.

### 2.2.3 O largo

Os largos são considerados como uma das primeiras formas de organização espacial das cidades brasileiras (Robba; Macedo, 2010). As transformações urbanas foram se adaptando aos elementos estruturantes – a rua – como é o caso dos largos das igrejas, incorporando-se aos caminhos e, dependendo da forma de estruturação urbana, transformaram-se em praças. Assim, os largos são caracterizados como espaços sem uma forma definida, com funções de visibilidade, encontro, de comércio e de reunião social (Lamas, 2000) (Figura 14).

Figura 14 – Croqui esquemático representado o largo da igreja.

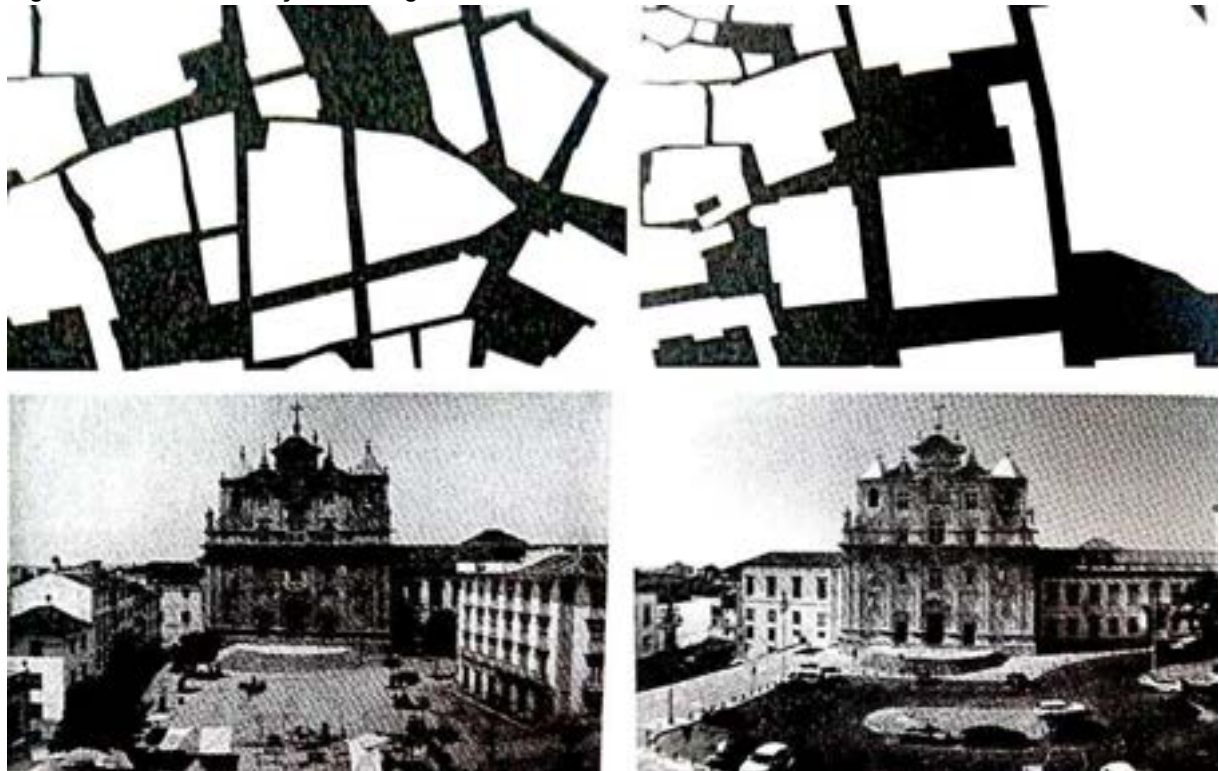


Fonte: Autor (2024).

Ao buscar apresentar o largo para a discussão que se coloca nesta dissertação, percebe-se que a sua comparação às praças é utilizada constantemente, visto suas possíveis semelhanças dentro da composição urbana. A partir do que Silva (2013) propõe para a reinterpretação do espaço público, os largos podem ser destacados como parte das relações decorrentes em espaços excepcionais, destacando-se como um elemento histórico. Assim, os largos se estabelecem como espaço público aberto, acessível a todos, diferenciando-se dos demais espaços pela sua origem e pela forma como foram utilizados e transformados ao longo do tempo.

Ao apresentar o Largo da Feira na Alta Coimbra, Silva (2013) evidencia o espaço público com seus limites redefinidos, transformando-se em um espaço residual, o qual passou a ser utilizado como estacionamento (Figura 15).

Figura 15 – Transformação do Largo da Feira na Alta Coimbra.



Fonte: Silva (2013, p. 96).

A questão posta pelo autor, especificamente para o Largo da Feira, é apenas uma das várias possibilidades de transformações que podem ocorrer nesses elementos. Essas mudanças resultam da simplificação ou aprimoramento do seu desenho, evidenciando a facilidade de transformação dos largos dentro do cenário urbano.

Os largos podem ser caracterizados sem elementos compositivos sejam eles naturais ou construídos e de dimensões métricas variadas. O que se nota é que a sua forma

esta continuamente conectada a rua principal e a um edifício singular, como templos religiosos e equipamentos públicos. Sua métrica não segue um padrão específico, porém sua área livre pode ser percebida em qualquer escala pelo alargamento das ruas.

#### **2.2.4 A praça**

A denominação praça é utilizada desde o início do século XVIII e faz referência a um local com histórico funcional para as cidades e se caracterizam por serem espaços abertos e públicos (Lousada, 2008). Desse modo, como elemento urbano excepcional<sup>3</sup>, as praças são definidas a partir de características relacionadas a sua origem, servindo de múltiplas funções tanto comerciais, políticas, religiosas e sociais, reforçando seu caráter coletivo, destacando-se dos demais espaços livres de uso público (Dias Coelho; Lamas, 2007).

A praça adquire valor funcional e político-social a partir da sua propriedade como elemento ordenador. Destaca-se aqui, que o conceito de praça está destinado ao lazer e ao convívio da população, acessíveis as pessoas e livre de veículos (Macedo, 2010). Assim, mesmo considerando os aspectos de sociabilidade para descrever as praças, desconsidera-se a possibilidade de que sejam definidos como praças, os canteiros centrais, pequenos espaços gramados, ou qualquer outro tipo de espaço público que não ofereça o acesso e permanência para a população.

Segundo Silva (2013, p. 84), “a praça é entendida como o mais importante elemento morfológico do espaço público, distinguindo-se dos outros espaços pelas vivências geradas na sua destacada importância urbana.”

Com o passar dos anos, e com os novos modos de produzir a cidade, pode correr que alguns esses espaços deram lugar a construções, pondo em evidência a discussão levantada por Tardin (2008) sobre a falta de espaços livres e o crescente adensamento urbano. Assim, novos espaços livres foram surgindo ora correspondendo aos mesmos espaços livres de uso público do passado, ora adaptados às novas realidades urbanas.

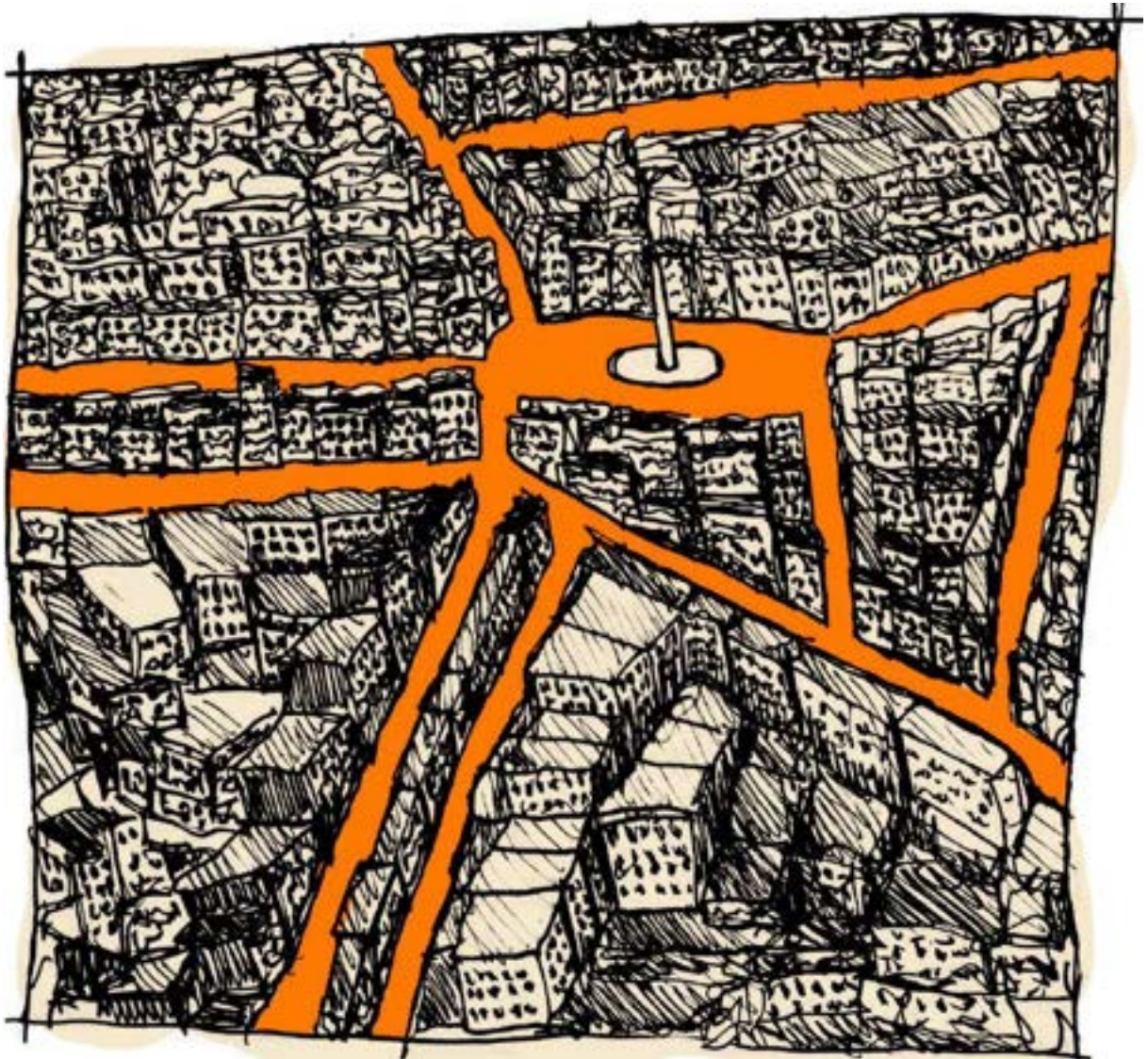
---

<sup>3</sup> Destaca-se aqui, que o conceito de praça está então destinado ao lazer e ao convívio da população, acessíveis as pessoas e livre de veículos. Assim, mesmo considerando os aspectos de sociabilidade para descrever as praças, desconsidera-se a possibilidade de definir como praças, canteiros centrais, pequenos espaços gramados, ou qualquer outro tipo de espaço público que não ofereça o acesso para a população e com lazer.

Ao estudar as praças portuguesas para entender sua caracterização no século XX, Dias Coelho e Lamas (2007) explicam que a relação entre a história e forma/função das praças. Autores como Silva (2013), inclusive, passam a dividir as definições de praça em três tipos, sendo eles: a praça a partir dos seus valores tradicionais de orientar a formação das cidades, a praça como uma forma de recuperar o espaço considerando os aspectos históricos e atual; e a praça como espaços livre com o objetivo de valorizar a contínua renovação.

De modo excepcional, o elemento urbano definido por praça, tem servido de referência como objeto, sujeito da cidade e da paisagem, sendo elementos fundamentais da urbanização e além disso, servem de ponto de encontro, manifestações, formas de socialização (Lamas, 2000) (Figura 16).

Figura 16 - A praça como eixo estruturante para a cidade.



Fonte: Autor (2023), inspirado nas representações sobre praças feitas por Lamas (2000).

No Brasil, o histórico das praças é retratado pela sua implantação no entorno das igrejas, atraindo para a sua proximidade as pessoas, as construções públicas de destaque e também o comércio. Porém, mesmo que as cidades brasileiras seguissem um padrão de surgimento a partir da construção da igreja, a expansão e/ou permanência desses elementos acontecia seguindo a disposição dos caminhos e do seu sítio (Robba; Macedo, 2002). Além disso, serviam de suporte para monumentos, obeliscos e demais elementos do cenário urbano (Lamas, 2000).

Sem uma forma padrão definida, esse espaço livre pode ser descrito por diversos desenhos geométricos, sejam eles circulares ou formando ângulos de noventa graus, ou ainda ter uma forma orgânica não definida. Seu perímetro de livre acesso, em grande parte, delimita-se pelas ruas e essas passam a ser tencionadas pelas construções do seu entorno. Desse modo, a praça pode ser um elemento, cuja forma e posição está articulada a outros elementos, em especial a rua.

Internamente, sua característica pode estar organizada de acordo com as atividades e sua disposição pode estar relacionada a espaços exteriores a seu limite. Assim, torna-se possível acomodar ou acentuar as exigências internas e externas impostas a esse espaço livre.

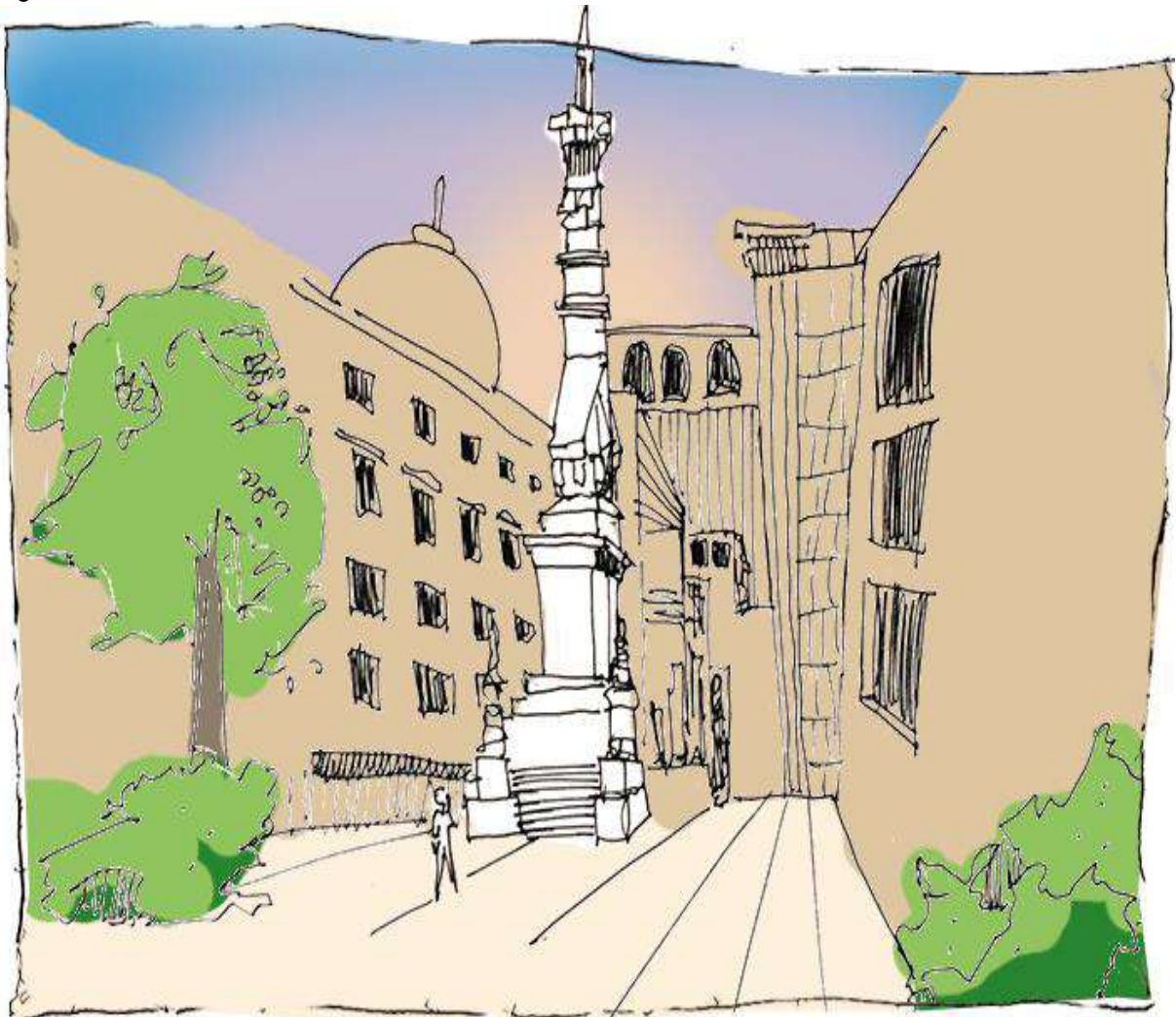
### **2.2.5 O monumento**

Além dos elementos já mencionados, o monumento também é um componente crucial na análise dos espaços livres de uso público. Segundo Benevolo (2015), o monumento é um elemento distinto por desempenhar um papel único, que se destaca pela sua presença, significado, forma e localização. Desde os tempos antigos, os monumentos têm um significado cultural para cada civilização, servindo como um registro de momentos históricos.

Em complemento, Lamas (2000) apresenta o monumento como um componente do tornando-se parte da estrutura da cidade, desempenhando um papel essencial para uma área ou um bairro específico. Além disso, o autor o define como um fato urbano singular pela sua presença, posicionamento, configuração e significado (Figura 17). No contexto urbano, grande parte dos monumentos fazem parte de espaços livres de uso público, como é o caso das praças, pela associação de excepcionalidade às suas características de valorizar e se manter conectado a forma urbana que o circunda (Silva, 2013). Desse modo, esse elemento reforça a importância de reconhecer

vivências culturais passadas do lugar e se destaca visto a sua capacidade de permitir relembrar fatos antigos.

Figura 17 – O monumento e a forma urbana.



Fonte: Autor (2023), inspirado nas representações sobre monumentos feitos por Lamas (2000).

Sobre sua forma e dimensão, esses elementos definem-se pela pluralidade de composições agrupado a um espaço dominante<sup>4</sup>. Não existe um padrão referente a sua forma e organização no espaço, podem ter diversas formas, tamanhos e podem estar dispostos em qualquer lugar de um espaço livre, porém, quando projetado, estes podem receber algum tipo visibilidade adicional.

### 2.2.6 O mobiliário urbano e vegetação

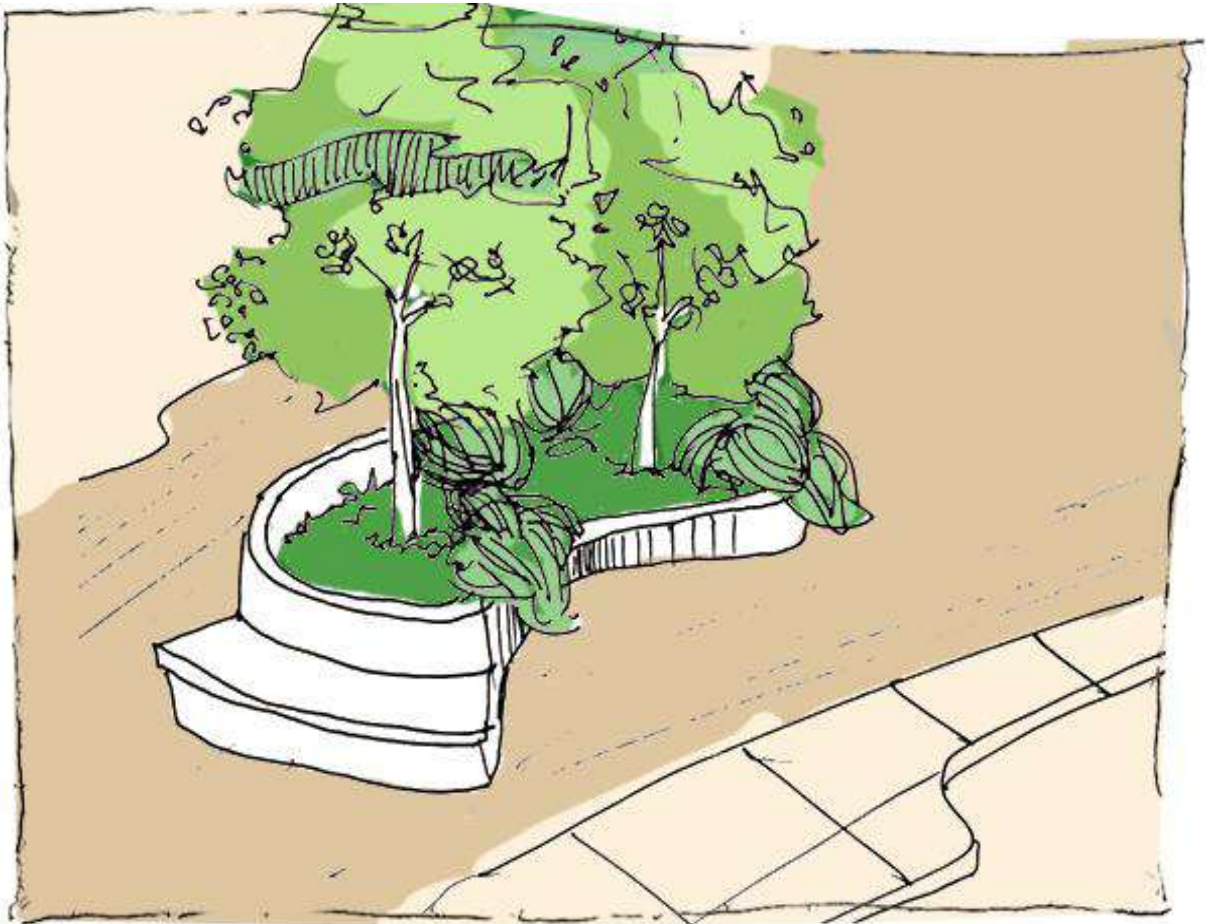
O mobiliário urbano e a vegetação são destacados como elementos fundamentais na composição dos espaços livres de uso público. O mobiliário é o conjunto de objetos

<sup>4</sup> A praça e a rua são exemplos de elementos dominantes, pois predominam e representam o espaço livre de uso público nas cidades. Prevalecem; são influentes, predominam.

existentes nas vias, nos espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos de urbanização ou de edificação, tais como: semáforos, postes de sinalização e similares, terminais e pontos de acesso coletivo às telecomunicações, fontes de água, lixeiras, toldos, marquises, bancos, quiosques. Destinam-se à promoção do conforto e da segurança do usuário, compreendendo elementos complementares e acessórios do paisagismo, da sinalização e da circulação urbana (Brasil, 2023b).

As árvores e vegetações são elementos urbanos que podem fazer parte da identidade de uma cidade, desempenhando funções desde sua individualidade ou até mesmo como parte da composição e do desenho urbano. Segundo Lamas (2000), esses elementos, definem e criam barreiras no espaço, bem com andam lado a lado com a estrutura verde (Figura 18).

Figura 18 – Árvores e mobiliário urbano.



Fonte: Autor (2023), inspirado nas representações sobre árvores e vegetação feitos por Lamas (2000).

Esses elementos estão presentes nos espaços livres de uso público assim, “[...] um traçado pode ser definido tanto por um alinhamento de árvores como por um alinhamento de edifícios. Uma praça também.” (Lamas, 2000, p.106) Nessa perspectiva, Lamas (2000) explica que tanto o edificado quanto as estruturas verdes

andam lado a lado e podem ser descritos desde a alameda ao jardim e ao parque, como elementos de composição da cidade e dos espaços livres.

O desenvolvimento urbano e as formas de organização territorial, atribuíram aos elementos vegetais em conjunto aos elementos construídos, a possibilidade de qualificar o espaço urbano. A árvore, os canteiros, espaços vegetados associados a muros e esculturas passam a servir de instrumentos com atributos culturais e estéticos influenciando em valores estéticos e formais.

Tanto o mobiliário urbano quando a vegetação pode ser identificada a partir da dimensão setorial, ou seja, na escala da rua, fazendo parte do desenho da cidade (Lamas, 2000). Também não existe um padrão referente a sua forma e organização no espaço, definindo-se por uma pluralidade de formas e tamanhos. Esses elementos podem estar em meio às vias, ocasionando o alargamento das mesmas visto as dimensões padrões dos espaços de circulação quando aplicado um projeto, e podem estar dispostos pelas praças com objetivos funcionais e estéticos.

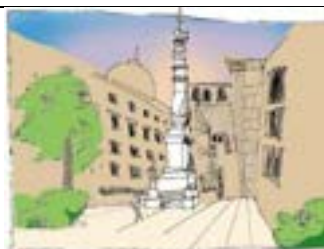
### **2.2.7 Síntese dos elementos urbanos dos ELUP's**

Ao associar esse conjunto de espaços aos demais elementos urbanos, forma-se o que é chamado de tecido urbano definido como “[...] a realidade da cidade construída, matéria como existência real e temporal, que inclui indissociavelmente o espaço e o edificado, o público e o privado [...]” (Dias Coelho, 2013, p.14). A partir do tecido, podem ser selecionados os aspectos que permitem dar início à observação dos espaços livres definindo assim a “contiguidade” dos volumes edificados.

A partir do exposto, torna-se necessário apresentar como esses elementos podem ser analisados e relacionados com as dimensões do espaço urbano. Além disso, a leitura dos espaços livres de uso público passa a ser essencialmente compreendida pela morfologia urbana e pelo conjunto de documentos para os estudos de tempos pretéritos. Dito isto, é apresentada a decomposição elementar como recurso metodológico desta pesquisa que, assim como o tecido urbano e seus elementos, pode ser segmentada e compreendida pelas características individuais.

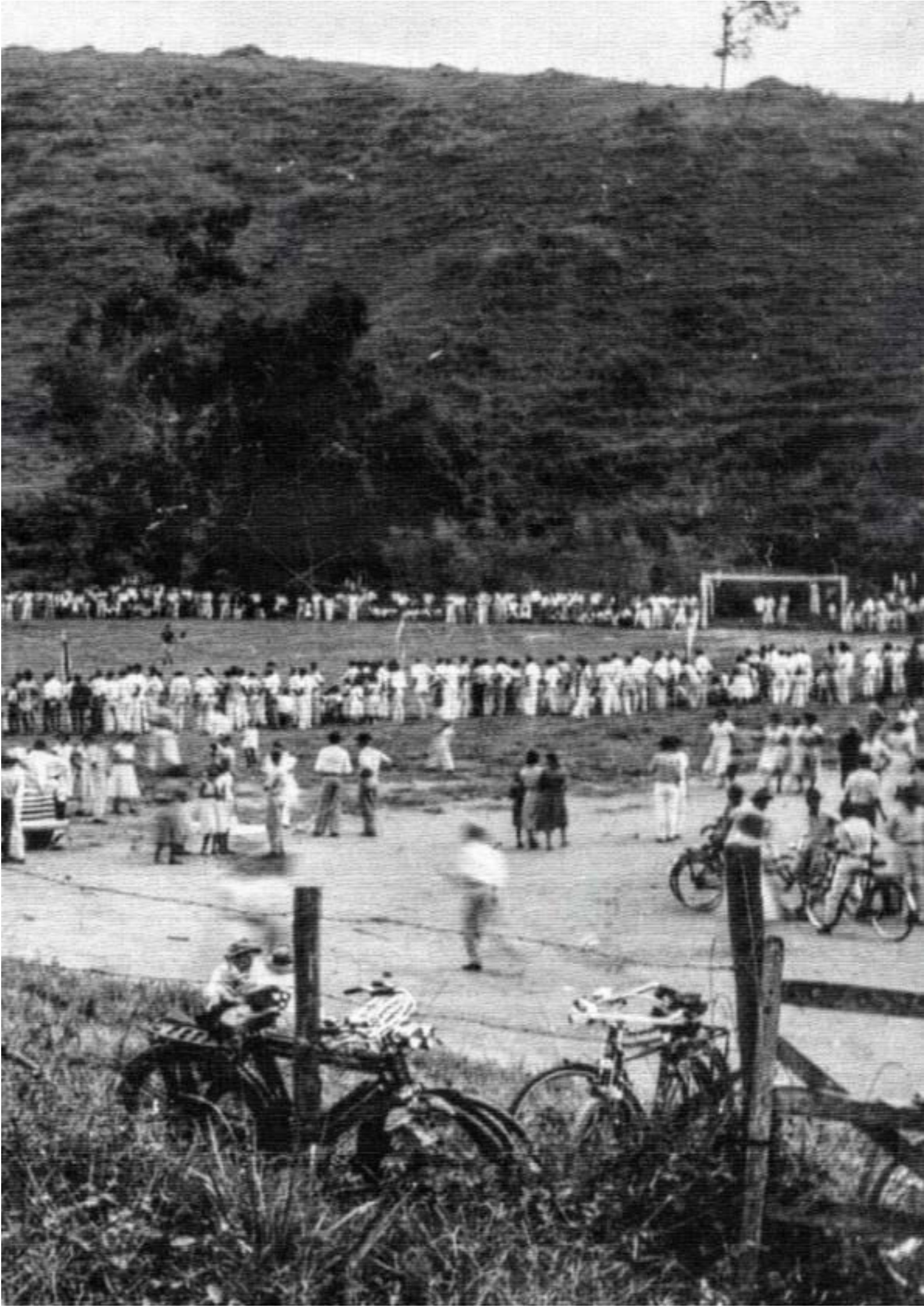
A seguir são apresentados como forma de síntese os tipos de elementos morfológicos associados a composição dos espaços livres de uso público (ELUP) apresentados anteriormente (Quadro 1).

Quadro 1 - Tipologias de espaços livres de uso público.

| ELUP                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Representação                                                                         |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>A rua:</b> é o principal elemento formador do tecido urbano que conecta os demais elementos que compõe o tecido urbano. (Lamas, 2000).</p>                                                                                                                                                                                       |    |
| <p><b>O campo de futebol de várzea</b> era um território predominantemente demarcado pelo solo exposto e vegetação, sem qualquer tipo de infraestrutura, como iluminação artificial, permitindo estender o horário dos jogos, que eram praticados durante o dia, mais especificamente aos finais de semana. (Silva, 2007)</p>          |    |
| <p><b>O largo</b> é caracterizado como um elemento de forma irregular, como espaços acidentais, sem uma forma definida, com funções de comércio e reunião social. (Lamas, 2000)</p>                                                                                                                                                    |   |
| <p><b>A praça</b> é um elemento urbano excepcional, definidas a partir de características relacionadas a sua origem, servindo de múltiplas funções tanto comerciais, políticas, religiosas e sociais, reforçando seu caráter coletivo, destacando-se dos demais espaços livres de uso público urbanos. (Dias Coelho; Lamas, 2007)</p>  |  |
| <p><b>O monumento</b> é um componente do desenho urbano tornando-se parte da estrutura da cidade, desempenhando um papel essencial para uma área ou um bairro específico. Além disso, o autor o define como um fato urbano singular pela sua presença, posicionamento no desenho urbano, configuração e significado. (Lamas, 2000)</p> |  |
| <p><b>O mobiliário e a vegetação</b> é um conjunto de objetos existentes nas vias, nos espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos de urbanização ou de edificação. (Brasil, 2023b)</p>                                                                                                                                 |  |

Fonte: Autor (2024).





TERCEIRO PASSO

# DECOMPOSIÇÃO METODOLÓGICA

"As cidades, como os sonhos, são construídas de desejos e medos, mesmo que o fio do seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa."  
(Calvino, 1990, p.44)

"[...] temos que saber ler e interpretar nossas cidades por nós já produzidas e onde vivemos o nosso cotidiano, tanto nos aspectos que nos parecem mais estabilizados e que tomamos como referência, como nos aspectos emergentes e que temos dificuldade de imediatamente compreender."  
(Dias Coelho, 2013, p.14)

### 3. DECOMPOSIÇÃO METODOLÓGICA

O termo “decomposição” define a possibilidade de separar os elementos ou partes constitutivas de um todo, a fim de examinar. Associando o termo a aplicabilidade em metodologias urbanas, autores como aqueles que compõem o grupo de pesquisa português *Formaurbis LAB* abordam a decomposição elementar ou os diferentes elementos do tecido urbano a partir da sua decomposição, utilizando sempre o desenho como instrumento insubstituível para reconhecer as particularidades da forma da cidade. Lamas (2000) também apresenta a decomposição da forma urbana como um processo que se relaciona quer com a análise quer com a concepção do espaço. O termo “metodologia”, por sua vez, é usado aqui como etapas para realizar algo, uma técnica, a reunião dos meios através dos quais é possível alcançar um objetivo. Segundo Gil (2017) esse termo está presente em pesquisas científicas com o objetivo de oferecer possíveis soluções aos problemas abordados. A decomposição como ferramenta metodológica contribui com as análises do objeto proposto, visto a necessidade de entender seus componentes de modo individualizado para então sobrepor-los.

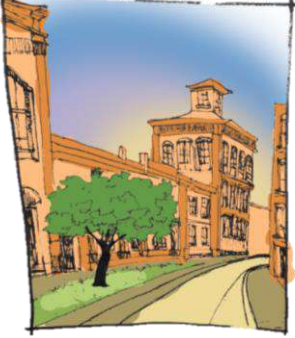
Este capítulo divide-se em subitens essenciais para o desenvolvimento desta dissertação apresentados na sequência: as dimensões de análise e estudos da forma urbana, o uso do referencial teórico da morfologia urbana considerando a característica física bidimensional do edificado e os atributos tridimensionais considerando os registros fotográficos como um recurso analítico e interpretativo para compreender as transformações ao longo do tempo. Sendo assim, vamos as dimensões de análise.

#### 3.1 AS DIMENSÕES DE ANÁLISE

As aproximações feitas aos espaços livres de uso público têm como condicionante a identificação de dimensões de análise que podem revelar diferentes elementos ao considerar o nível da cidade em que estão inseridos, de um bairro ou até mesmo de uma rua (Lamas, 2000). Essa forma de analisar progressivamente contribui com o entendimento do todo em sua complexidade e da parte em suas singularidades. Segundo Lamas (2020) são três as dimensões - territorial, urbana e setorial – entretanto dentre estas as dimensões urbana e setorial por estarem relacionadas a

concentração das intervenções formais antrópicas serão aquelas consideradas no desenvolvimento desta dissertação (Quadro 2).

Quadro 2 – Síntese das escalas de análise.

| Dimensão                                                                                                         | Descrição da dimensão                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Urbana - Cidade</b></p>   | <p>Análise a partir da <b>cidade</b>, pelo conjunto de bairros, onde os arruamentos, zonas habitacionais, centrais e produtivas, se articulam entre si incorporando todos os espaços livres de uso público no momento presente.</p>                                                              |
| <p><b>Urbana - Bairro</b></p>  | <p>Análise da parte da área urbana que quando associada a outras partes formam a cidade. Corresponde ao que se denomina por <b>dimensão do bairro</b> com suas partes homogêneas identificáveis além do protagonismo pela região com a gênese do local e seus espaços livres de uso público.</p> |
| <p><b>Setorial - Rua</b></p>  | <p>Análise feita a partir da menor unidade, a nível do observador, representado pela menor porção do espaço urbano. A <b>rua</b>, os elementos que compõem a praça, um caminho, são exemplos dessa dimensão onde o observador consegue se ater a unidade espacial no seu conjunto.</p>           |

Fonte: Autor (2023) baseado nos conceitos de Lamas (2000, p. 73-74).

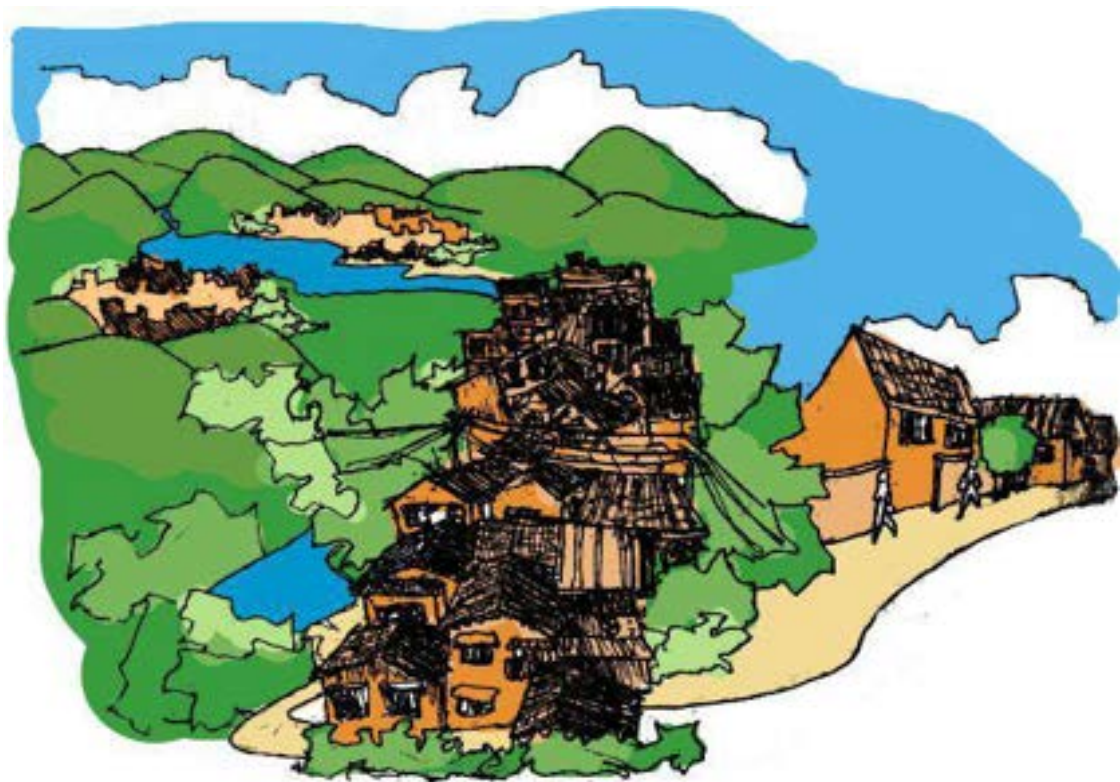
A dimensão urbana está relacionada com a área considerada urbanizada descrita, por Lamas (2000) como um lugar de transformações produzidas pelo homem. Essa dimensão pode ser identificada tanto em relação à cidade, quanto a uma determinada área urbanizada como bairros ou distritos. Nesta dimensão são analisados conjuntos de ruas, edifícios e lotes e/ou as conexões e as articulações provenientes da formação de sistemas como é o caso das redes viárias e dos espaços livres de uso público.

A dimensão setorial é fundamental para a análise e compreensão das minúcias do espaço livre de uso público, uma vez que se concentra nos detalhes e elementos

específicos que o compõe. A partir dessa dimensão, podem ser analisados o que Lamas (2000) define por aspectos complexos, acumulativos e materiais como os pormenores construtivos, o design arquitetônico dos edifícios individualizados, mobiliários urbanos e vegetações. Isso inclui a forma, a estética e os materiais de construção (Lamas, 2000).

A partir da cidade construída, a dimensão urbana contribui com o entendimento sobre quais são os espaços livres de uso público e como estes se relacionam entre si e com o tecido em que estão inseridos no momento presente. Já a possibilidade de segmentar as análises na dimensão urbana, a partir dos bairros, contribui com entendimento das ações e formas em tempos pretéritos. Ademais, entende-se que as dimensões urbana e setorial oferecem diferentes, mas complementares perspectivas de análise e compreensão dos espaços livres de uso público. Ao comparar dimensões às escalas, Lamas (2000, p.76) explica que: “[...] a cada escala de intervenção correspondem os seus próprios valores espaciais. Em cada mudança de escala, o produto enriquece-se pela introdução de novos valores e elementos morfológicos cada vez mais próximos da realidade.”

Figura 19 – Da esquerda para a direita lê-se: Dimensão urbana (cidade e bairro) e dimensão setorial como unidades de leitura.



Fonte: Autor (2024).

As dimensões passam a ter relevância a partir do objetivo da investigação, pois “a forma urbana que antigamente se ligava a um sítio, liga-se atualmente a um território” (Lamas, 2000, p.66) e assim por diante. Pode-se salientar uma das formas de se guiar a investigação da cidade a partir das dimensões, com base nas transformações da forma urbana e nas características das unidades inseridas no conjunto como um todo (Figura 19).

### 3.1.1 Dimensão urbana

A dimensão urbana desempenha um papel fundamental na compreensão dos espaços livres de uso público. Ela se refere a toda a mancha urbana presente no sítio<sup>5</sup>, buscando entender como os elementos urbanos interagem e influenciam os processos morfológicos. Autores como Tardin (2008) e Lamas (2000) contribuem com definições dos elementos morfológicos nessa dimensão.

Lamas (2000, p.80) explica que “[...] é a partir do território existente e da sua topografia que se desenha ou constrói a cidade, e começaria no chão que se pisa a identificar os elementos morfológicos do espaço urbano.” Para Tardin (2008, p.66 e p.73) “[...] a maioria dos pontos mais altos é acessível por trilhas, através das áreas florestais [...]” e “[...] a organização espacial [...] estabelecem vínculos estreitos com o sítio, sobretudo com o relevo e as águas.”

Convém destacar que a consideração da dimensão urbana impacta diretamente na leitura dos espaços livres de uso público, tendo como exemplo a conectividade e mobilidade, influenciando a localização de estradas, pontes e atuando como elementos estruturantes. Ainda levando em consideração a dimensão urbana, porém dessa vez voltada ao estudo de tempos pretéritos, torna-se possível o reconhecimento da distribuição espacial dos espaços livres de uso público e como eles se relacionaram com outros elementos urbanos, como edifícios e ruas ao longo do tempo. Dessa forma, as praças, os largos e os campos de futebol de várzea passam a servir de exemplo como os espaços livres de uso público passíveis de serem identificados em diferentes períodos de tempo.

---

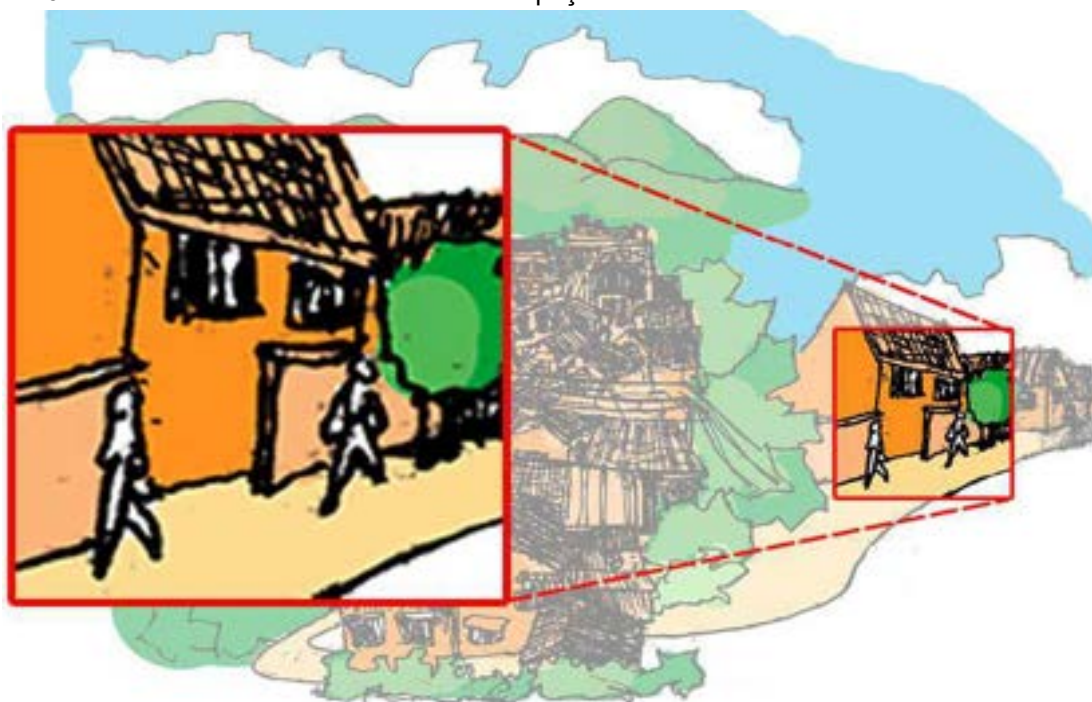
<sup>5</sup> A expressão “sítio” trazida para este trabalho se refere ao que Tardin (2008) descreve por suporte geográfico do espaço construído, o qual se divide em estruturas urbanas e rurais. Nesse caso, ambas as estruturas contêm a gênese e o potencial gerador das formas construídas como é o caso da influência no traçado urbano e as transformações urbanas a partir da ordem das condições físicas naturais.

A dimensão urbana é essencial para os apontamentos sobre as dinâmicas, os padrões e as características das áreas urbanas que são maiores do que a escala da rua, mas menores do que o sítio.

### 3.1.2 Dimensão setorial

A dimensão setorial concentra-se na compreensão das características específicas em nível micro, dentro de uma amostra, ou o que se denomina por unidade de espaço livre de uso público. Os elementos urbanos nesta dimensão permitem criar uma investigação minuciosa dos detalhes físicos dos ELUP (Figura 20).

Figura 20 – Dimensão setorial e as minúcias do espaço urbano.



Fonte: Autor (2024).

Lamas (2000) em suas definições, relaciona a dimensão setorial à linguagem arquitetônica e aos elementos morfológicos dos edifícios. O autor estabelece uma leitura a partir da necessidade da análise em que os pequenos detalhes têm grande importância e fazem parte dos elementos do edifício considerando o fato de que estão a um nível de leitura muito próximo aos olhos do observador.

## 3.2 MORFOLOGIA URBANA

A morfologia urbana é uma ciência que estuda os atores e os processos de transformações urbanas a partir da forma física das cidades (ISUF, 2013): “O termo morfologia utiliza-se para designar o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto, “interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem” (Lamas, 1993,

p. 37). Ao tratar de morfologia urbana são abordados os aspectos externos do meio urbano e suas relações de troca, a paisagem urbana e sua estrutura.

Segundo Lamas (1993) esse campo de análise define-se pela conjunção de dados das mais diversas áreas como a arquitetura, a geografia, a história, a economia e a sociologia que, ao serem convergidas, auxiliam na explicação da concretização da cidade como um fenômeno físico e construído. Essa convergência de informações se faz essencial para compreender a forma urbana e todo o seu processo de transformação, o qual não se limita à uma análise da forma imediata (estática), reconhecendo assim que sua formação é composta por camadas historicamente acumuladas (Costa; Netto, 2017).

Estudar as cidades e seus espaços livres de uso público a partir da morfologia urbana, implica no uso de instrumentos de leitura os quais contribuem com o entendimento sobre as estruturas e elementos. Entende-se que os diversos elementos presentes na forma urbana podem ser “aprendidos” e “estudados” a partir de métodos relacionados à produção, quer seja para entender sua configuração, quer seja voltado ao seu processo de formação.

Diversos morfologistas se dedicam a examinar a evolução das cidades desde os seus elementos isolados, a sua fundação e até as transformações subsequentes, identificando e examinando minuciosamente seus diversos componentes. Edifícios, jardins, ruas, praças e monumentos estão entre os principais elementos da análise os quais são considerados organismos que estão constantemente sendo utilizados e transformados ao longo do tempo (ISUF, 2013).

Segundo Kropf (2011) é a partir da morfologia urbana que podem ser identificados e descritos os elementos comuns da estrutura da forma urbana. Sendo assim, essa área é um instrumento de leitura, onde visualmente podem ser descritos e analisados externos ou internos (a depender dos interesses investigativos). A questão apontada por Lamas (2000) sobre a leitura da forma é que as informações nem sempre estarão explícitas e que a interdisciplinaridade é essencial para a descoberta de conteúdo a partir de outros instrumentos de leitura.

Sobre a forma urbana, Krafta (2014, p.9) explica que:

[...] resulta da distribuição de grandes quantidades de formas construídas elementares sobre um território. Essa distribuição pode ocorrer segundo uma prévia partição desse território em parcelas, ou ela mesma provocar essa partição. Da necessidade de prover acesso a

cada uma dessas formas construídas resulta a criação de um terceiro elemento, de mediação, chamado genericamente de espaço público. Toda e qualquer manifestação do urbano, da grande metrópole à minúscula vila, pode ser entendida como um arranjo específico e particular desses três elementos: formas construídas, parcelas destinadas à edificação e espaços públicos. Morfologia Urbana é o estudo sistemático dessas manifestações.

A descrição feita por Krafta (2014) complementa-se às considerações feitas sobre a tipificação dos elementos que compreendem a forma urbana. O autor explica que:

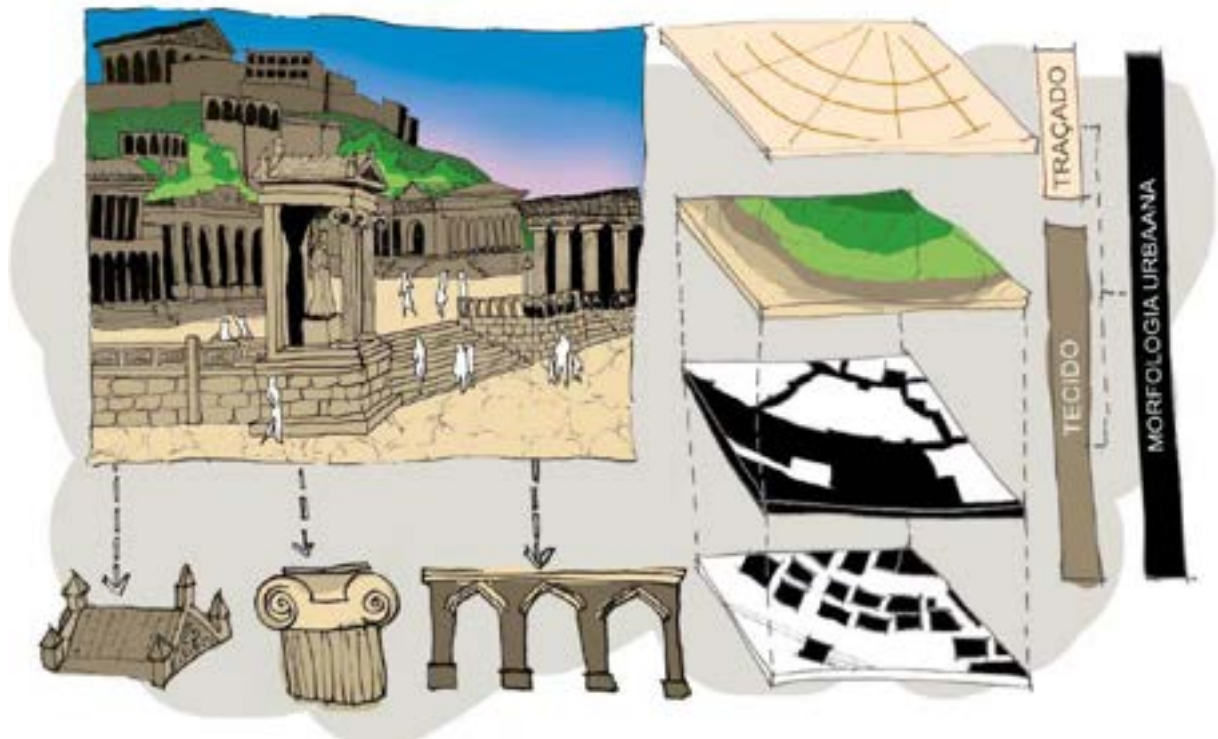
[...] à classificação tipológica implica um procedimento de “desmontagem” da cidade em componentes unitários, os quais serão, subsequentemente, comparados e classificados, seguido de uma “remontagem” em agregados e arranjos morfológicos, quando então as regras de articulação são identificadas. Para pôr em prática o procedimento, o analista suporá a cidade desmontada, seus milhões de componentes identificados, listados um a um e descritos por suas características. Justamente aqui, nas características, situam-se os possíveis discriminadores tipológicos, ou seja, elementos de diferenciação que permitam reduzir a lista de milhões de componentes para outra com milhares, ou melhor ainda, centenas de grupos de componentes que compartilham um certo número de características relevantes e que, por isso, podem ser equiparados. (Krafta, 2014, p.56).

Ao retratar a arte de interpretar as cidades a partir da experiência mais direta sobre a sua matéria física, Dias Coelho (2013) destaca a questão do tecido urbano o qual evidencia a realidade da cidade consolidada incluindo os elementos urbanos (espaço edificado, espaço público e privado), ou seja, as ruas, as parcelas, os edifícios, infraestruturas: “Os desafios de produzir cidade do ponto de vista físico, a sua forma, ou melhor ainda a sua matéria, far-se-á em grande medida sobre a cidade existente, tendo-a como realidade a criticar ou como modelo a seguir” (Dias Coelho, 2013, p.13).

O fato desses componentes físicos serem indissociáveis, assegura a realidade concreta e tridimensional do conceito de tecido, cuja fragmentação objetiva somente a identificação dos elementos e a facilidade na sua leitura (Dias Coelho, 2013). Assim, da mesma forma que o autor também segmenta os componentes urbanos, Lamas (2000) descreve as possíveis formas de leitura comparando os métodos interpretativos da arquitetura aplicados ao espaço urbano e destaca as ruas e os edifícios como importantes artifícios de leitura da evolução das estruturas urbanas, essencialmente dos seus espaços livres.

Dias Coelho (2013) explana sobre o tecido urbano e destaca os elementos que, segundo Lamas (2000), estão organizados como unidades elementares da forma (Figura 21).

Figura 21 – Decomposição dos elementos morfológicos da forma urbana a partir da representação de um espaço livre público.



Fonte: Autor (2024).

A partir do exposto pode ser salientado a importância do estudo dos espaços livres a partir da forma e reforça o fato de que a cidade construída é rica em evidências, as quais resistem ao tempo mais do que seus utilizadores e as práticas a que são sujeitas. A morfologia urbana passa a ser uma das ferramentas para o estudo da cidade que por sua vez analisa o traçado e o tecido urbano, sendo este último composto pelos elementos urbanos.

Segundo Costa e Netto (2017), é necessário lembrar a relação intrínseca entre o solo edificado e a Morfologia Urbana, por estarem ligadas, portanto, às construções e espaços livres, que são representações das necessidades humanas, impactando no traçado das vias, praças, além dos quarteirões, quadras e lotes.

Lamas (2000) explica que essa convergência de informações se faz essencial para compreender a forma urbana e todo o seu processo de transformação. Essa afirmativa corrobora com o que Kropf (2011) explica sobre a tarefa inicial da morfologia urbana de identificar e descrever a estrutura genérica da forma urbana e seus elementos comuns.

No que diz respeito aos espaços livres de uso público, a morfologia urbana passa a ser entendida como uma ferramenta de análise a qual tem sido abordada por diversos

autores. Essas análises diferenciam-se pela maior ênfase dada aos elementos urbanos e a representação deles em seus aspectos físicos bidimensionais e tridimensionais.

### **3.2.1 Abordagens morfológicas**

As abordagens morfológicas são conjuntas de métodos e noções aplicáveis ao estudo das formas, a partir de observações interdisciplinares. Segundo as descrições feitas por Kropf (2022) e considerando as abordagens tipo-morfológica e histórico-geográfica é necessário que ambas tenham um ponto em comum, elementos urbanos em comum, para que se torne possível associá-las.

Tais abordagens se fazem essenciais para a leitura da cidade construída para compreender a forma urbana em diferentes contextos disciplinares. A abordagem histórico-geográfica tem como referência os estudos feitos por Conzen (1960) para a caracterização dos períodos do tecido urbano: “O objetivo da análise do plano de cidade de Conzen é explicar a estrutura geográfica e o caráter das cidades por meio de uma análise sistemática de seus elementos constituintes e do desenvolvimento ao longo do tempo” (Kropf, 2022, p.9).

As análises seguindo a abordagem histórico-geográfica, se apoiam em exercícios práticos tais como a formação da composição e os elementos típicos de estruturação. A partir dessa abordagem, fica perceptível a hierarquia das transformações dos elementos ao longo do tempo (Costa; Netto, 2017).

Segundo Costa; Netto (2017), as referências temporais na morfologia urbana podem ser descritas pelos seus períodos históricos e evolutivos: “[...] os períodos evolutivos, tais como as divisões da história geral e periodização de diferentes ramos da história social, econômica, política e cultural, são gerados por seus conteúdos históricos.” (Costa; Netto, 2017, p.70).

Sobre a análise sistemática dos elementos e o desenvolvimento ao longo do tempo, Kropf (2022) apresenta os possíveis aspectos gerais de análise dentro da referida abordagem, que segundo MRG Conzen são: o plano da cidade, o padrão do uso do solo e o tecido edificado. O plano da cidade por sua vez se divide em sistema viário, quarteirão e padrão de ocupação do solo, os quais são descritos como:

O elemento constitutivo do sistema viário é a rua; o elemento que gera os quarteirões é o lote; e o elemento do padrão de ocupação do solo é a implantação do edifício. Além disso, combinações distintas de ruas, lotes e edifícios são identificadas como unidades de plano (Kropf, 2022, p.9).

A abordagem tipo-morfológica, por sua vez, relaciona-se a escola italiana de morfologia urbana pela aplicação de métodos representados por Caniggia e Maffei, alunos de Saverio Muratori (Kropf, 2022). Ao apresentar as interpretações das estruturas edilícias, Caniggia; Maffei (2001) explicam que a análise tipo-morfológica da escola italiana se estrutura na definição do tipo representado pelas residências multifamiliares ou unifamiliares.

Ao abordar os espaços livres de uso público pela morfologia urbana, Caniggia; Maffei (2001) contribuem com o entendimento de análises a partir do desenho dos edifícios adjacentes a esses espaços, de forma que torne explícita a estrutura urbana e a identidade do lugar. Em complemento aos autores, Costa; Netto (2017), ao estudar o processo tipológico em ouro preto, apresentam a comparação entre os objetos edilícios reconhecidos a partir de registros fotográficos ao longo do espaço livre de uso público.

Como artifício de leitura, são abordadas as variações sincrônicas a partir da planta baixa de cada espaço livre de uso público e do entorno para posterior sistematização e agrupamento dos tipos identificados.

Ao relacionar os espaços livres de uso público com abordagem tipo-morfológica, apoia-se o uso do sincronismo das formas destacando o elemento a ser estudado, sendo este o próprio espaço livre de uso público, e o relaciona com sua implantação, dimensão e forma. Esses apontamentos, por sua vez, são feitos a partir do seu reconhecimento em cada período delineado pela abordagem histórico-geográfica.

Dessa forma, as abordagens morfológicas associadas ao protocolo das interpretações diacrônica e sincrônica se fazem essenciais para o comparativo formal dos espaços livres de uso público. Segundo Kropf (2022) essas abordagens predominantes, que estão se expandindo e se aprofundando no campo do estudo urbano, são de extrema importância, visto suas visões singulares sobre a forma: “O objetivo da análise e síntese não é compilar uma tabela exaustiva de peças desenraizadas. Para ir além de uma desmontagem irracional, há um terceiro componente absolutamente essencial para o processo que é a comparação” (Kropf, 2022, p.13).

Destaca-se ainda a importância do uso de registros fotográficos e materiais iconográficos sendo ferramenta analítica de referência para alcançar resultados sobre a transformação urbana desde os tempos pretéritos.

Desse modo, as diferentes técnicas investigativas podem ser apresentadas a partir da bidimensionalidade e da tridimensionalidade. Isso se explica pelo conjunto de artefatos estabelecidos a partir do planejamento urbano e do tecido: “Seja qual for a cidade sob escrutínio, o primeiro discriminador tipológico é o que difere edificações – componentes tridimensionais- de espaços – componentes bidimensionais (Krafta, 2014, p. 57).

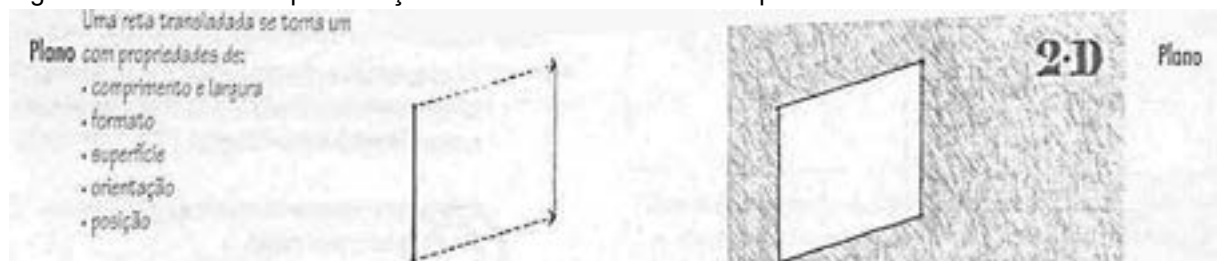
### 3.2.2 Representação bidimensional

A representação bidimensional refere-se à utilização do plano da cidade e da cartografia como fonte de informação primordial. Com o mapeamento, associado ao contexto físico, na formação e desenvolvimento do plano urbano, podem ser apresentados os períodos morfológicos e as formas com que ocorreram as transformações dos elementos ao longo do tempo (Costa; Netto, 2015).

Essa forma de representar as cidades advém de cartografias com identificação de ruas, lotes, quadras, edifícios, espaços livres, entre outros elementos, em várias escalas a partir da vista do topo, ou seja, em planta baixa. Costa; Netto (2015) explicam que ao analisar os processos espaciais da estruturação urbana são alinhados fatores relacionados a historicidade e descrevem uma leitura de representação bidimensional.

Ao apresentar as formas de representação dos elementos primários, Ching (2005) explica que a forma bidimensional pode ser descrita por um plano com a possibilidade de definir-se pelo seu comprimento e largura, formato, superfície, orientação e posição. É uma forma de representar os elementos para além de uma reta, a qual possui propriedades de apenas comprimento, direção e posição (Figura 22).

Figura 22 – Forma de representação bidimensional do elemento primário.



Fonte: Ching (2005, p. 3).

Ao estudar os elementos urbanos associados ao fator tempo, Botechia (2018, p.20) explica que “[...] não se deve esquecer de que os elementos bidimensionais também

possuem níveis de perenidade [...]”, ou seja, apresentam as permanências e persistências possibilitando identificar os espaços livres de uso público ao longo do tempo. De Holanda et al. (2018) também explicam que o plano de cidade é definido pela bidimensionalidade a partir da organização topográfica de uma área urbana em todas as características construídas pelo homem, contendo três elementos complexos do plano: as ruas e a sua organização num sistema de ruas, as parcelas e sua agregação em quarteirões e, por fim, as plantas de implantação dos edifícios.

O plano urbano passa a ser definido pela representação bidimensional, considerando a rua de modo individual tanto quanto o padrão de parcelamento do solo. Logo, a partir do plano urbano podem ser estabelecidas informações sobre a organização do espaço em relação a topografia e as características naturais do sítio, além do sistema viário e na organização das edificações. Um exemplo utilizado para essa análise é a técnica figura-fundo.

Considerando a escala bidimensional, autores como Magnoli (1982), Macedo et al (2018), Dias Coelho (2013), Lamas (2000) e até mesmo Panerai (1994) utilizam a representação figura-fundo para justificar questões referentes aos espaços livres e o espaço construído a partir da relação de “cheios e vazios”. Em relação ao contexto de cheios e vazios, essa prática criada em 1978 por Giambattista Nolli veio a ser utilizada por Roger Trancik<sup>6</sup>, professor que se dedicou em estudar o design urbano.

Para Panerai (1994)<sup>7</sup>, a técnica figura e o fundo está em constante interação e a formação de um é influenciada pela presença do outro. A prática de entender o espaço público através do figura-fundo contribui com a legibilidade e clareza na definição dos limites. Nesse sentido, seguindo a representação bidimensional de cheios e vazios de uma cidade, apresenta-se em laranja o edificado e as áreas livres privadas e públicas de uma região hipotética (Figura 23).

Em sua metodologia, e em se tratando especificamente dos espaços livres de uso público na dimensão urbana, Macedo et al (2018)<sup>8</sup> buscam entender o panorama atual

---

<sup>6</sup> TRANCIK, Roger. *Finding Lost Space: Theories of Urban Design*. New York, 1943, p.242.

<sup>7</sup> Teórico que utiliza o conceito de figura-fundo para descrever a relação entre os elementos construídos e os espaços circundante. O autor reforça a definição do termo onde a figura é o objeto construído e o fundo é o espaço vazio da figura.

<sup>8</sup> Seguindo os conceitos desenvolvidos por Magnoli (1982)<sup>8</sup> e associando-se a autores como os pesquisadores do Laboratório Quadro do paisagismo no Brasil (QUAPÁ) da FAUUSP e outros pesquisadores de dezenas de instituições públicas de ensino brasileiras, criou-se o projeto de pesquisa “os sistemas de espaços livres na constituição da esfera pública contemporânea no Brasil”. O trabalho desenvolvido pelos autores segue um método de apresentação dos sistemas de espaços livres,

do objeto a partir de mapas para as análises da estrutura urbana evidenciando características morfológicas na relação dos espaços construídos com os espaços livres. Os espaços livres passam a ser o elemento analisado a partir dos mapas gerados, e fotointerpretação junto de imagens geradas pelo Google Earth.

Figura 23 – Representação de cheios e vazios com a figura-fundo e imagem satélite.



Fonte: Autor (2024), com base em dados do Google Earth Pró (2023).

No contexto das abordagens tipológica processual e histórico-geográfica, os diferentes autores realizam o estudo das cidades utilizando materiais bidimensionais desenvolvidos a partir de cartografias, as quais possibilitam entender o processo de transformação urbana ao longo do tempo e, conseqüentemente, as mudanças

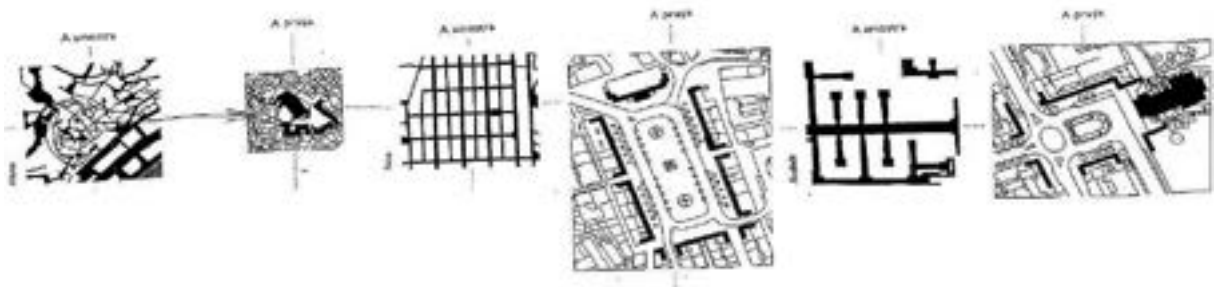
---

possíveis causas e finaliza com avaliações e análises dos espaços livres brasileiros. A partir da obra, são evidenciadas as características espaciais e estruturas básicas de gestão de cada cidade utilizada como estudo de caso a partir de materiais iconográficos e cartográficos.

ocorridas entre o espaço livre e o construído. Nesse sentido, Lamas (2000) destaca a importância da representação cartográfica como método fundamental de leitura e explica que “[...] o desenho significa a unidade do método arquitetônico, sem o qual não poderá existir verdadeira criação de espaços urbanos ou transformações qualitativas do território” (Lamas, 2000, p. 511).

A leitura urbana produzida pelo laboratório Forma Urbis Lab. também é uma importante referência para a decomposição analítica. A análise gráfica utilizada por Dias Coelho (2013), por exemplo, é um método para a compreensão da estrutura física bidimensional que molda e estrutura a cidade construída (Figura 24).

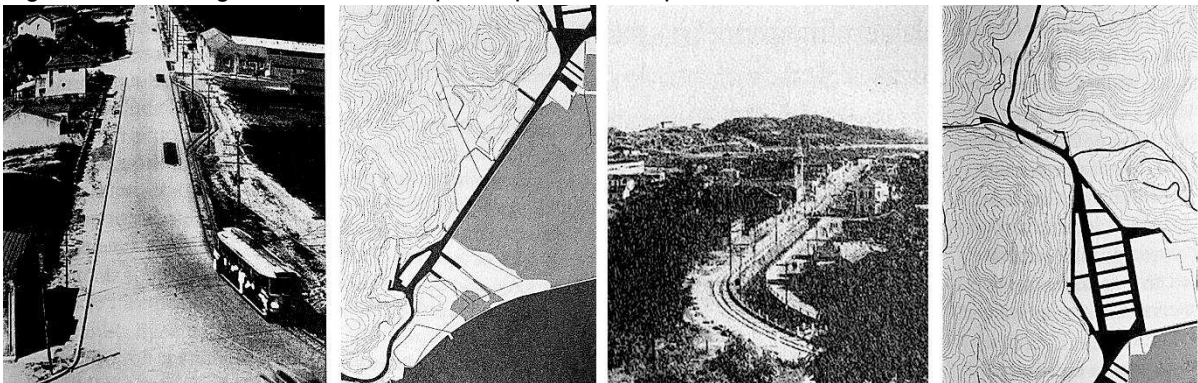
Figura 24 – Representação bidimensional dos estudos da forma urbana.



Fonte: Dias Coelho (2013, p. 26).

Essa forma de analisar os processos urbanos a partir da associação da história e geografia é muito utilizada pelo campo da morfologia urbana como é o exemplo apresentado nas persistências materiais do eixo Maruípe em “A forma indelével” produzido por Flávia Botechia. Ao apresentar as estradas em Vitória (Espírito Santo) em épocas passadas a partir de fotografias, Botechia (2018) torna possível entender as transformações ocorridas no eixo Maruípe e redesenhar para possíveis comparações dos estágios morfológicos a partir de plantas existentes (Figura 25).

Figura 25 – Montagem do Eixo Maruípe e o processo de parcelamento dos lotes.



Fonte: Botechia (2018, p. 69).

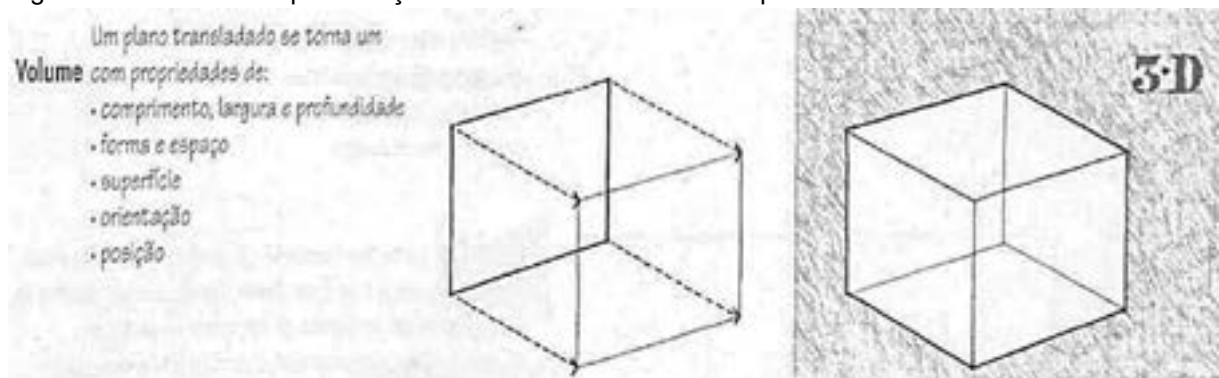
### 3.2.3 Representação tridimensional

A diversidade e complexidade dos tecidos, vistos de forma tridimensional, refletem as mais variadas formas de entendê-los durante seu processo de estruturação. A tridimensionalidade é a representação mais fácil de ser reconhecida, onde as estruturas físicas, são vistas para além do chão urbano. Ela pode ser descrita pelas dimensões e proporções das cidades com suas características geométricas, possibilitando a diferenciação e classificação dos elementos. A partir desse modo representativo da cidade, são descritos o suporte para a criação de edificações e espaços livres, os quais formam os tecidos articulando os elementos urbanos (Krafta, 2014).

Sobre o agrupamento dos objetos tridimensionais, Krafta (2014) explica que se torna possível classificar e categorizar os elementos que formam as cidades, associando as duas formas de representação e como são formados. Desse modo, o tecido urbano pode ser considerado a expressão física e tridimensional da cidade.

Segundo Ching (2005) os elementos a partir da representação tridimensional se fazem visíveis com suas características de matéria, formato, tamanho, cor e textura. O autor apresenta a possibilidade de analisar o elemento primário a partir do seu comprimento, largura e profundidade, forma e espaço, superfície, orientação e posição (Figura 26).

Figura 26 – Forma de representação tridimensional do elemento primário.



Fonte: Ching (2005, p. 3).

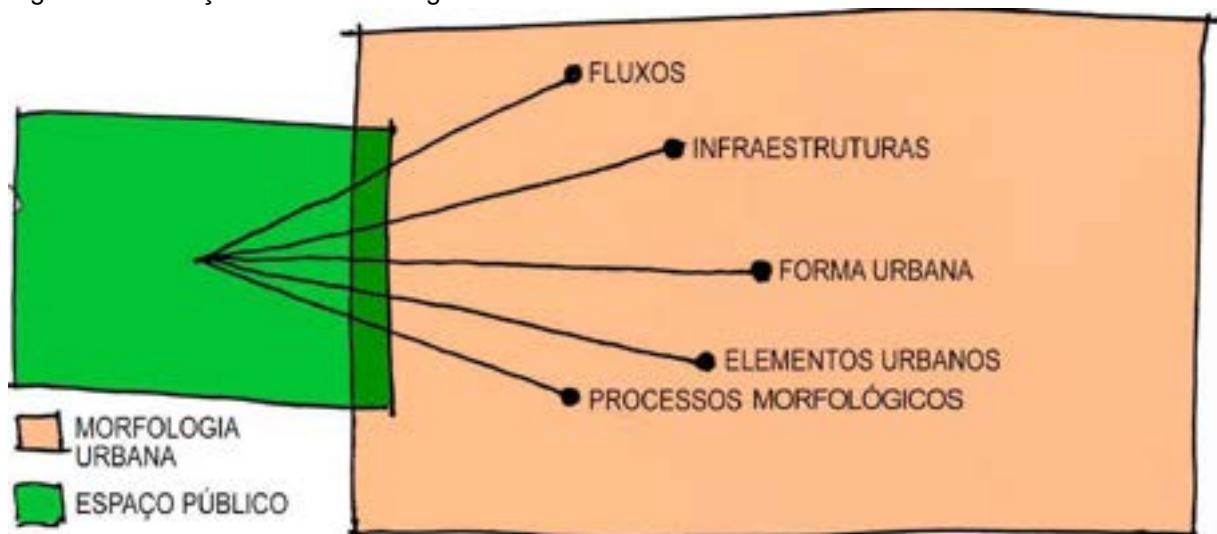
Lamas (2000) explica que o tecido urbano se assenta sobre um suporte preexistente (a topografia) e expressa a realidade da cidade construída e sua relação indissociável entre seus elementos. A transformação do desenho das ruas, lotes e quadras passam a ser vistos pelo tecido em que se inserem, permitindo classificá-los a partir de arranjos planialtimétricos, volumetrias e até posição de lotes. Em se tratando de

espaços livres de uso público, esses são igualmente passíveis de serem estudados a partir de representação e posterior análise.

Considerando as formas de representação apresentadas por Lamas (2000), a tridimensionalidade dos espaços livres pode ser entendida a partir da característica formal de seus elementos tais como canteiros centrais em avenidas, cobertura vegetal, arborização etc. Além disso abrange-se também as fachadas, o mobiliário urbano e iluminação.

A partir do exposto e relacionando os espaços livres de uso público e a morfologia urbana, efetiva-se o papel fundamental da leitura urbana no enquadramento do tecido urbano. Na relação entre espaço público e morfologia urbana, prevalece o espaço livre e o construído e as transformações morfológicas. Destaca-se aqui o plano e o tecido urbano relacionando os espaços livres de uso público e a morfologia urbana (Figura 27).

Figura 27 – Relação entre a morfologia urbana e os ELUP's.



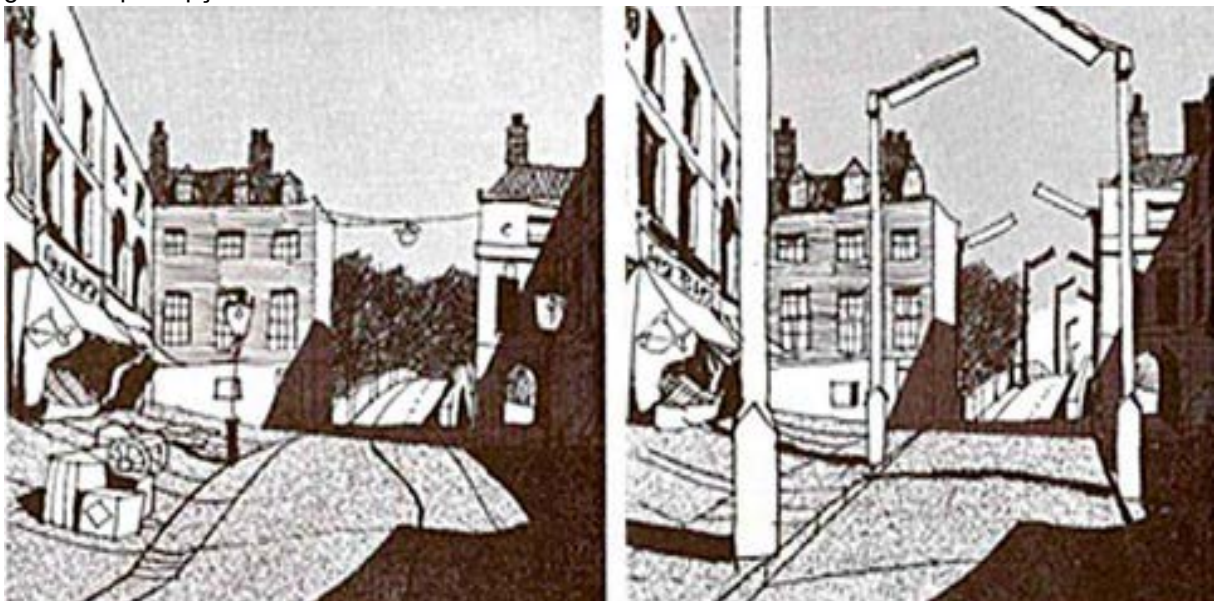
Fonte: Autor (2024).

Uma representação que se destaca quando são associados passado e presente são os registros fotográficos. Em uma breve descrição, cumpre definir a fotografia como um registro que contribui com diferentes abordagens metodológicas. A prática de fotografar o espaço urbano decorre de um dado momento histórico e em áreas específicas, muitas vezes para reproduzir os cenários urbanos e o cotidiano como os momentos sociais, políticos, culturais. Utilizar a análise visual representa uma importante área de pesquisa que possibilita realizar interpretações analíticas associados aos processos históricos das cidades.

O trabalho de Cullen (2010), nesse sentido, é um contributo para análise visual a partir da “visão serial”. Embora seus estudos também sejam utilizados considerando a percepção do ambiente, tema que vai além da reprodução dos aspectos visuais do ambiente, o autor exemplifica como uma imagem pode preservar a história de tempos pretéritos.

Dentre as formas de investigar, Cullen (2010) apresenta-se a categoria conteúdo a qual define a constituição da cidade com suas características físicas como cor, escalas, texturas, tempos, estilos e elementos. A partir das formas de leituras propostas pelo autor, torna-se possível reconhecer a presença e ausência de elementos, a configuração dos elementos em relação ao conjunto do sítio e suas transformações (Figura 28).

Figura 28 – Representação da formação urbana com o tratamento diferenciado da paisagem urbana que geram as percepções.



Fonte: Cullen (2010).

Ao estudar as possibilidades metodológicas para a investigação de vistas urbanas, Possamai (2008) traz o exemplo de como utilizar as fotografias em análises urbanas. Em seu trabalho, a autora busca analisar álbuns fotográficos com registros de um determinado período de tempo. Segundo Possamai (2008, p.1), “[...] as fotografias podem ser analisadas como imagens que apresentam um imenso potencial de investigação pela História, principalmente, por permitirem o contato com uma realidade passada”. Possamai (2008, p.1) apresenta as vistas urbanas no sentido de contribuir para o conhecimento sobre a fotografia e, certamente, para a compreensão do processo histórico possibilitado pelas fontes fotográficas.

A partir das fotografias analisadas, uma das constatações feitas por Possamai (2008) foi que a maior incidência desses registros se referiu às imagens de ruas, avenidas e esquinas. As praças também apresentam considerável recorrência, bem como associadas a ruas e esquinas. Dessa forma, a autora explica que a forte presença de ruas e avenidas aponta para a importância dos aspectos relacionados à circulação urbana no contexto de produção das imagens.

A Figura 29 exemplifica o que Possamai (2008) apresenta sobre os temas fotografados descrevendo a representação das ruas, calçadas, edifícios e demais elementos, reforçando a importância da fotografia para reconhecer as mudanças da fisionomia urbana, sejam elas, pelas construções de edificações ou pelas reformas viárias.

Figura 29 – Rua dos Andradas/ 1931.



Fonte: CARVALHO, Pedro. (Ed.). Porto Alegre: A Noite, 1931, apud POSSAMAI (2008, p.262).

As fotografias tornam-se evidências gráficas fundamentais para sistematizar a análise com o reconhecimento em tempos pretéritos tanto a partir da bidimensionalidade quanto pela tridimensionalidade, evidenciando historicamente os elementos urbanos e suas transformações, complementando as demais abordagens e formas de representação.

### 3.3 PROPOSTA METODOLÓGICA

A decomposição metodológica feita a partir das dimensões de análise e da morfologia urbana contribuem com o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica e documental, a partir do delineamento feito pelas “fontes de papel” (Gil, 2017), em que é possível ter contato com tudo o que foi escrito, dito, filmado e fotografado sobre o objeto de estudo.

Logo, a estruturação metodologia proposta para esta dissertação busca responder as perguntas sobre quais são e como são os espaços livres de uso público de São Roque do Canaã, relacionando o “aprender o território” direcionado ao tempo presente. A proposta metodológica também contribui para entender onde estão os espaços livres de uso público, relacionando o “estudar o território”, que direciona o olhar para tempos pretéritos. Ambos são aplicados a partir das dimensões urbana e setorial (Figura 30).

Figura 30 – Representação do modo de aprender o território.



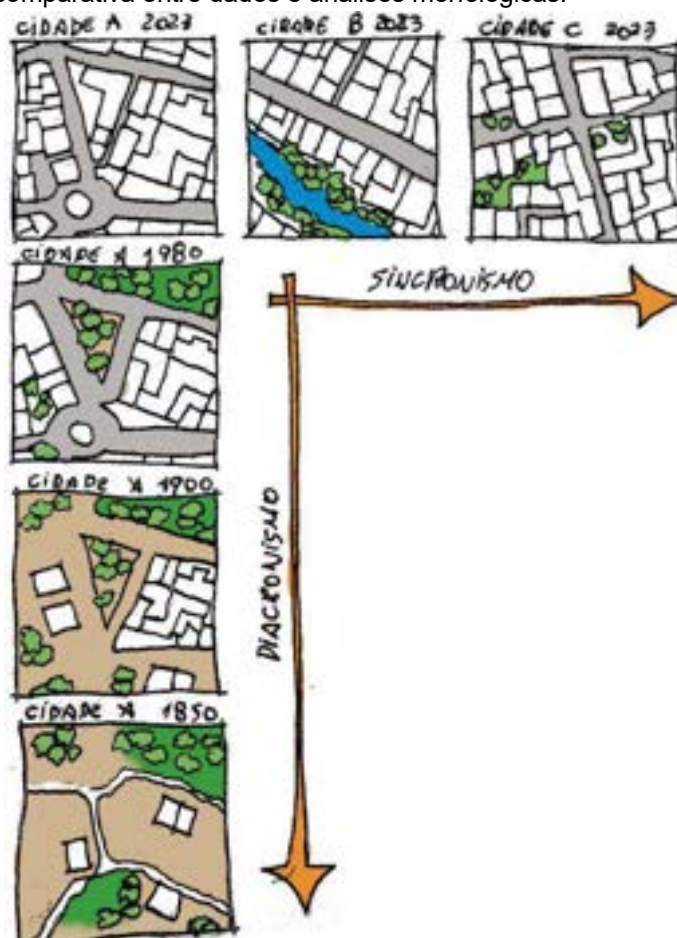
Fonte: Autor (2024).

Tanto “aprender” quanto “estudar” o território são formas de investigar os elementos urbanos como as ruas, os lotes, os edifícios, os espaços livres de uso público, os monumentos, entre outros.

Assim, a partir da escolha do objeto empírico serão coletados dados que possam apresentar informações tanto para o momento presente quanto para tempos pretéritos a partir de pesquisas em instituições públicas como o arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), biblioteca central da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo (BPEES), Instituto Jones do Santos Neves (IJSN), Prefeitura Municipal de São Roque do Canaã, registros fotográficos e cartográficos históricos de acervos particulares e consultas bibliométricas de artigos, jornais e revistas.

A interpretação analítica contará com as abordagens sincrônica e diacrônica, como é proposto por Scheer (2015), e alinhado as duas dimensões – urbana e setorial definidas por Lamas (2000), cada uma com as aproximações necessárias aos diferentes elementos morfológicos (Figura 31).

Figura 31 – Estrutura comparativa entre dados e análises morfológicas.



Fonte: Scheer (2015), adaptado pelo autor (2024).

O sincronismo é o resultado, apresentado de forma clara e objetiva onde podem ser comparados diferentes elementos em um mesmo momento. O diacronismo, por sua vez, faz-se necessário voltar ao passado definindo-se como o processo, em que o mesmo elemento pode ser analisado em diferentes momentos. A partir do exposto, cumpre apresentar de forma particular cada modo de análise e suas contribuições confrontadas.

### **3.3.1 aprender o território**

Pretende-se “aprender o território” a partir da abordagem sincrônica, a fim de reconhecer os espaços livres de uso público especializados no momento presente. As descrições correspondem a aproximações ao território construído, no que implica os elementos morfológicos do espaço urbano, pressupondo quais são as partes da forma, onde se localizam e como estes se estruturam. Busca-se fazer o reconhecimento da dimensão urbana (Lamas, 2000) a partir da delimitação do município, mais precisamente da área urbanizada.

Com o auxílio de imagens da ferramenta Google Earth Pró e com a elaboração de mapas a partir de programa de georreferenciamento baseando-se em informações cedidas pelas plataformas Open Buildings, Geobases e pela Agência Nacional de Água (ANA), tem-se como resultado dessa primeira etapa o entendimento de quais são e como são os espaços livres de uso público na área urbanizada do município. As contribuições de autores como Lamas (2000) e Dias Coelho (2013) são fundamentais para elaboração de uma abordagem qualitativa.

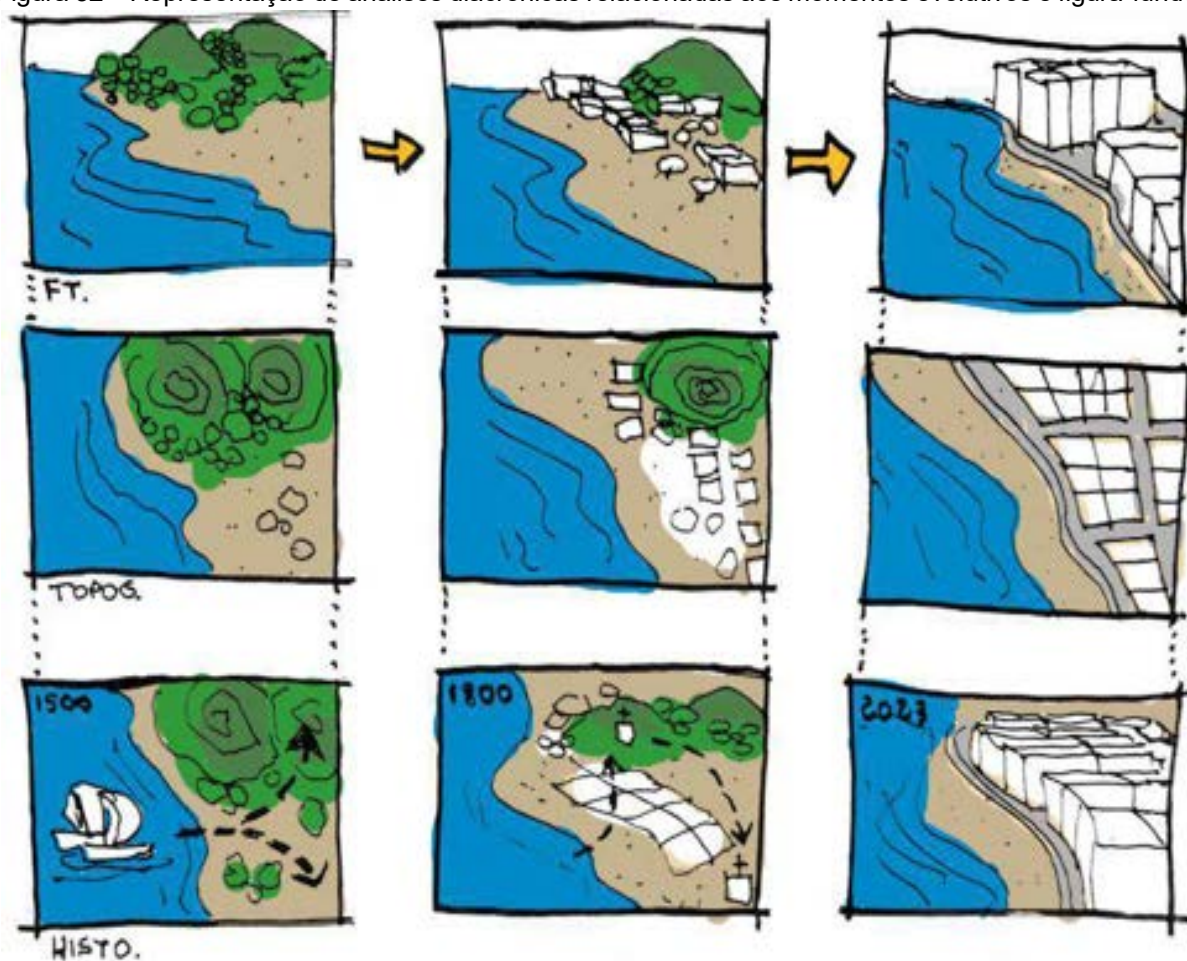
### **3.3.2 estudar o território**

Na segunda parte, pretende-se “estudar o território”, em que a metodologia passa a seguir uma abordagem diacrônica, na dimensão urbana e na dimensão setorial (Lamas, 2000). A investigação retrospectiva é um contributo para o reconhecimento do processo da formação urbana, buscando evidenciar o protagonismo dos espaços livres de uso público em tempos pretéritos com base nos elementos morfológicos.

Nessa etapa, busca-se analisar os espaços livres de uso público em tempos pretéritos como os campos de várzea, os largos, o espaço viário, a várzea dos rios, dentre outras categorias a serem localizadas e destacadas. São abordados autores como Lamas (2000) e Dias Coelho (2013) relacionando dimensões urbana e setorial.

Julga-se necessário retroceder no tempo, visto que o espaço livre pode estar, mesmo nos dias atuais, condicionado a sofrer mudanças capazes de redefinir suas características físicas. Essa questão passa a ser complexa visto a necessidade de reunir o maior número de informações sobre o objeto que torne possível a reconstituição de tempos pretéritos, além dos termos pré-estabelecidos como o uso (público) associado a leitura da forma física construída.

Figura 32 – Representação de análises diacrônicas relacionadas aos momentos evolutivos e figura-fundo.



Fonte: Autor (2024).

Aplica-se, aqui, uma análise interpretativa histórica objetivando caracterizar os períodos, determinando assim os períodos históricos e evolutivos<sup>9</sup> do local (Figura 32).

<sup>9</sup> Costa; Netto (2017) descrevem por períodos históricos, de grandes feitos, como é o caso dos períodos colonial, imperial e republicano. Os períodos evolutivos, por sua vez, são definidos com uma revisão histórica dos parâmetros que conduziram a formação e consolidação espaciais regionais. Tardin (2008), após descrever a atual situação de um local para justificar o problema, seguindo uma abordagem descritiva histórica, define os períodos de determinada região os quais contribuem para a reconstrução da morfogênese urbana. Assim como ela, Costa; Netto (2017), baseadas nos conceitos descritivos morfogênicos adotados por Conzen (1960) denominam de historicidade a prática de definir os períodos históricos e evolutivos para o entendimento do tecido urbano resultado no que as autoras ainda definem por palimpsesto.

Assim, procede-se com a sobreposição do mapa produzido no programa AutoCAD 2020 (a partir de base cedida pela prefeitura local) com imagem satélite do Google Earth Pro. Em seguida, são produzidos mapas de figura-fundo para o reconhecimento da estrutura urbana com foco nos espaços livres de uso público.

Na dimensão setorial são feitas interpretações a partir do redesenho utilizando croquis a próprio punho e softwares como ArqGis, photoshop e autoCAD 2020, possibilitando a classificação e análise desse espaço. São utilizados autores como Biasutti; Loss (1999), Silvestre (2012), IBGE (2010), além de documentos pesquisados na Biblioteca estadual, registros fotográficos e cartográficos históricos de acervos particulares e de acervos do IPES (1994) e IJSN (2013).

### **3.3.3 aprender e estudar**

Após as leituras sincrônica e diacrônica, pretende-se articular os componentes da leitura do espaço urbano nas duas dimensões para responder as perguntas de quais e como são os espaços livres de uso público de São Roque do Canaã. Busca-se entender as relações dos elementos edificados com esses espaços e como esses se transformaram ao longo do tempo. Julga-se necessário reforçar, pelos conceitos e definições dos elementos citados, que os espaços livres de uso público são elementos morfológicos do espaço urbano e que estes podem possuir elementos, ou seja, calçadas, canteiros, rotatórias, postes, árvores, entre outros elementos os quais podem pertencer ao mesmo grupo morfológico do espaço urbano, porém precisam de uma aproximação maior para serem lidos e analisados.

Ressalta-se que para a identificação e definição dos períodos morfológicos nas dimensões urbana e setorial, em tempos pretéritos, serão associadas as transformações significativas dos espaços livres de uso público e dos elementos contidos nestes. A definição desses momentos morfológicos se faz essencial para compreender a evolução temporal e espacial da área urbana com a identificação e caracterização de diferentes fases ou períodos de desenvolvimento urbano ao longo do tempo. Para tanto, os critérios atribuídos foram as mudanças significativas na estrutura urbana, principalmente os que se relacionam aos espaços livres de uso público, como a introdução e/ou transformação de novas tecnologias de construção e eventos históricos importantes. Esses critérios são frequentemente analisados em conjunto para identificar padrões e tendências que marcam a transição entre os diferentes momentos morfológicos com a análise comparativa de mapas, fotografias,

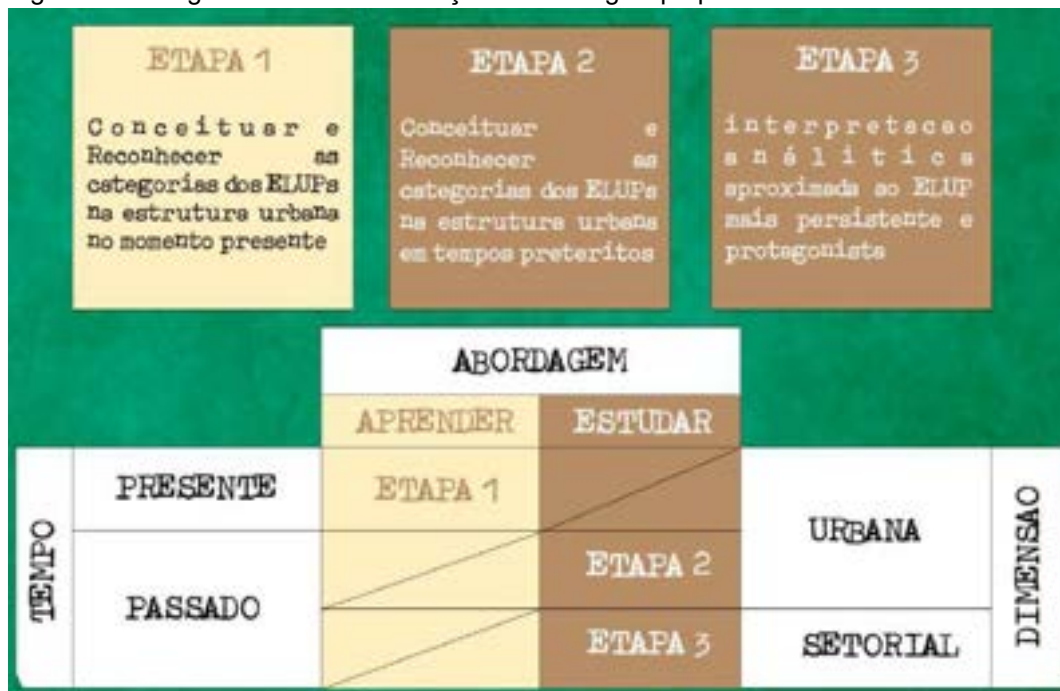
registros cartográficos, documentos históricos e outras fontes de informação levantadas para identificar mudanças na forma urbana ao longo do tempo. Uma análise cuidadosa e multidisciplinar da forma urbana e seu contexto histórico, com o objetivo de identificar e caracterizar os diferentes períodos de desenvolvimento urbano em uma determinada área.

A escolha de um recorte mais aproximado para a análise se justifica pela necessidade de aprofundamento e detalhamento na compreensão dos elementos urbanos em São Roque do Canaã. Ao delimitar uma área mais específica para análise, podem ser concentrados esforços para investigar detalhes e nuances que podem passar despercebidos em uma abordagem mais ampla. Além disso, ao focalizar em uma área delimitada, podem ser considerados de forma mais precisa os elementos contextuais e históricos que influenciaram a configuração urbana da região, permitindo uma análise mais aprofundada e significativa dos momentos morfológicos específicos que moldaram a área em questão.

Acredita-se que com as duas dimensões associadas às formas de categorizar o espaço, como é feito por Macedo et. al. (2018) e as aproximações com os elementos urbanos, como é feita por Lamas (2000) e Dias Coelho (2013) efetiva-se o método para a análise do problema contribuindo não só com a quantificação desses espaços, mas, também, com a elaboração de um banco de dados sobre o patrimônio documental do município em estudo. Segundo Scheer (2015, p.7) “[...] uma das principais questões epistemológicas da morfologia urbana é a seletividade dos dados”, os quais podem ser mensurados e resultantes de medições ou coordenadas da forma construída.

Cumprir destacar que durante toda a dissertação serão elaborados croquis como método e justificativa, a fim de contribuir com o entendimento, associação e devido ao ineditismo do trabalho para a contribuição com o acervo patrimonial histórico e morfológico do município. Serão utilizados croquis tanto para o referencial teórico quanto para as análises no estudo empírico, variando nos usos de ferramentas, dependendo da necessidade e grau de representação. Croquis a mão livre e desenhos georreferenciados serão fundamentais assim como fotografias também serão utilizadas, bem como todo o material iconográfico encontrado e que possa, de alguma forma, servir de pista sobre o processo histórico local. A Figura 33 a seguir sintetiza o processo metodológico estruturado para a pesquisa que se divide em três etapas.

Figura 33 – Diagrama sobre a construção metodológica proposta.



Fonte: Autor (2024).





QUARTO PASSO

# OS ELUP's DE SÃO ROQUE DO CANAÃ E AS DIMENSÕES DE ANÁLISE

"As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas"

"[...] ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder"

(CALVINO, 1990, p.44)

#### 4. OS ELUP's DE SÃO ROQUE DO CANAÃ E AS DIMENSÕES DE ANÁLISE

Pretende-se neste capítulo, a partir de fotografias, documentações formais, cartografias, dados iconográficos, visitas de campo, análises morfológicas e topográficas, construir uma narrativa que descreva os espaços livres de uso público de São Roque do Canaã e seus elementos morfológicos.

Assume-se para as leituras que a dimensão urbana se refere ao distrito Sede do município considerando a área urbanizada. A mesma dimensão assume o papel de interpretação analítica da formação dos espaços livres de uso público. Espera-se, a partir dessa dimensão, reconhecer quais são os espaços livres de uso público de São Roque do Canaã e a localização desses no presente e em tempos pretéritos.

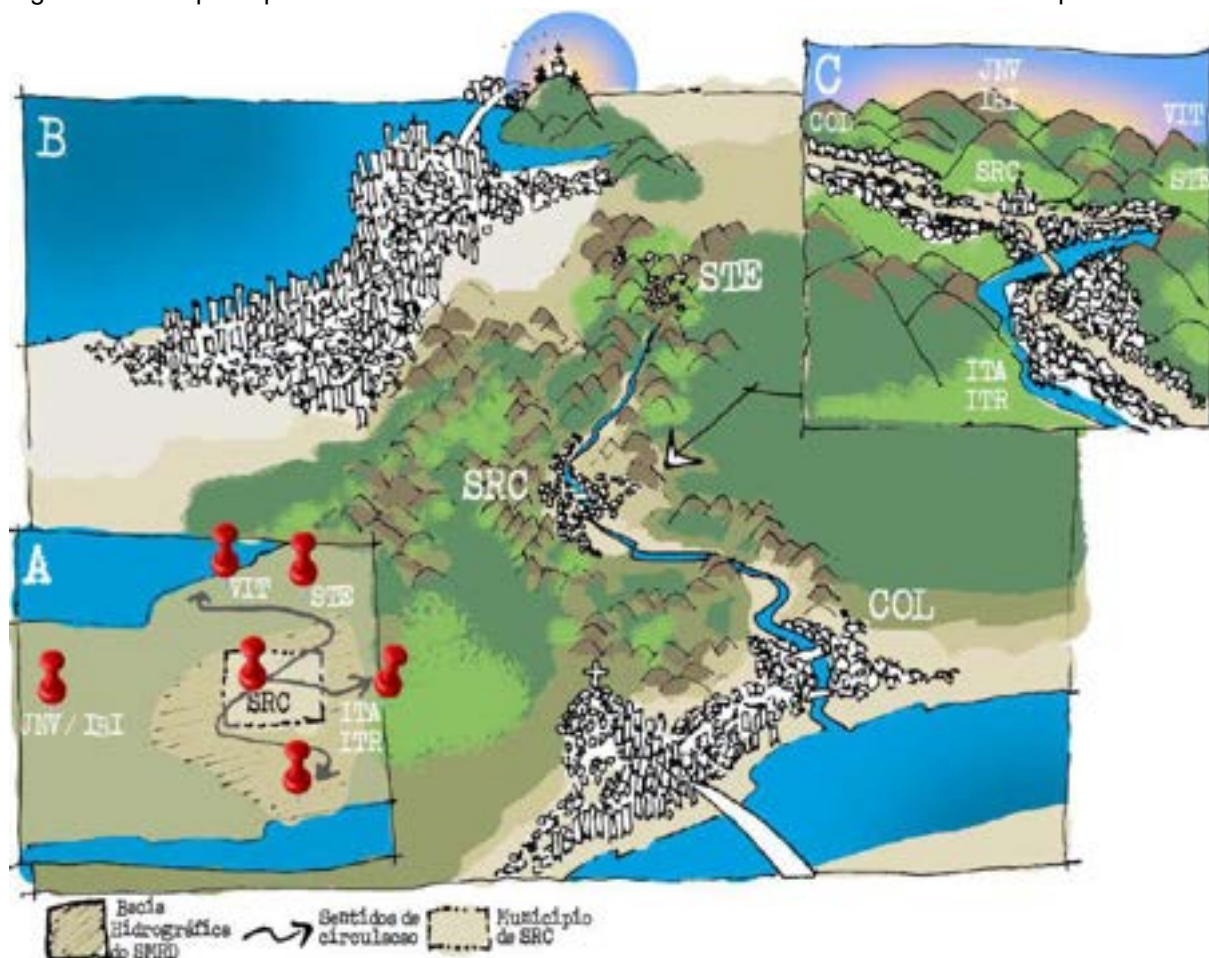
A dimensão setorial surge como forma de (re)conhecer o espaço livre de uso público do município possibilitando responder à pergunta sobre como são/foram esses espaços, especificamente identificando protagonismos, persistências e transformações ao longo do tempo.

##### 4.1 DIMENSÃO URBANA

Inicialmente e de forma breve cumpre apresentar o município e as suas características vistas de longas a pequenas distancias. Sendo assim, se comparado as cidades limítrofes - limítrofes especificamente à bacia hidrográfica do Santa Maria do Rio Doce - e considerando grandes dimensões, São Roque do Canaã é pouco perceptível com sua forma urbana espraiada pelo fundo do vale e com resquícios de construções rurais por todo o território.

Cercado por grandes áreas verdes e montanhas, os limites da bacia são descritos pelos municípios de Colatina (COL) ao norte, Santa Teresa (STE) ao sul, João Neiva (JNV) e Ibiraçu (IBI) ao leste e Itaguaçu (ITA), Itarana (ITR) a oeste e a região metropolitana de Vitória (VIT), que por sua vez e assim como a cidade de Colatina (COL) (Figura 34).

Figura 34 – Croqui esquemático com as características territoriais do sítio físico em São Roque do Canaã.

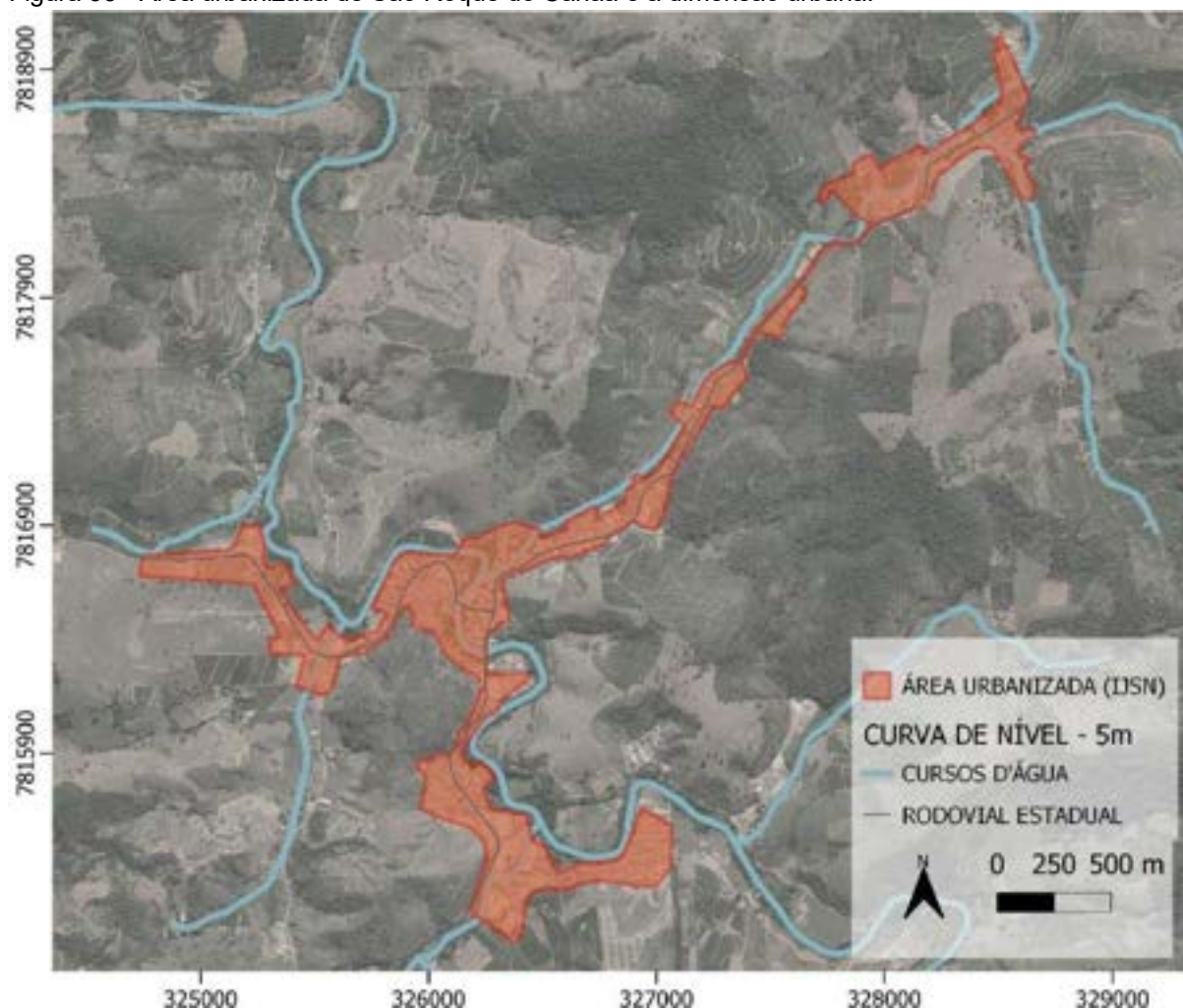


Fonte: Autor (2023).

Verifica-se, a partir do exposto, que o sítio onde se localiza São Roque do Canaã evidencia singularidades do local. A influência da modelagem do terreno pode ser percebida pela forma que se articula determinando os pontos de cota mais baixos entre os morros como influência do curso d'água. Assim como nota-se que o sítio eleito para início do assentamento possui uma localização estratégica de estreita relação com a via de comunicação regional, especificamente a rodovia estadual ES-080 e a rodovia 484 tida como Rua Lourenço Roldi (Figura 35).

A forma urbana acompanhando o sítio natural e os fundos do vale é um indício de uma possível forma de ocupação que considera primeiro os morros e em um segundo momento as áreas planas. Não sendo essa uma regra, as análises passam por uma complexidade correspondendo a discussão levantada por Tardin (2008) sobre a intrínseca rede de relações do sítio com a realidade física e funcional do tecido urbano.

Figura 35 - Área urbanizada de São Roque do Canaã e a dimensão urbana.



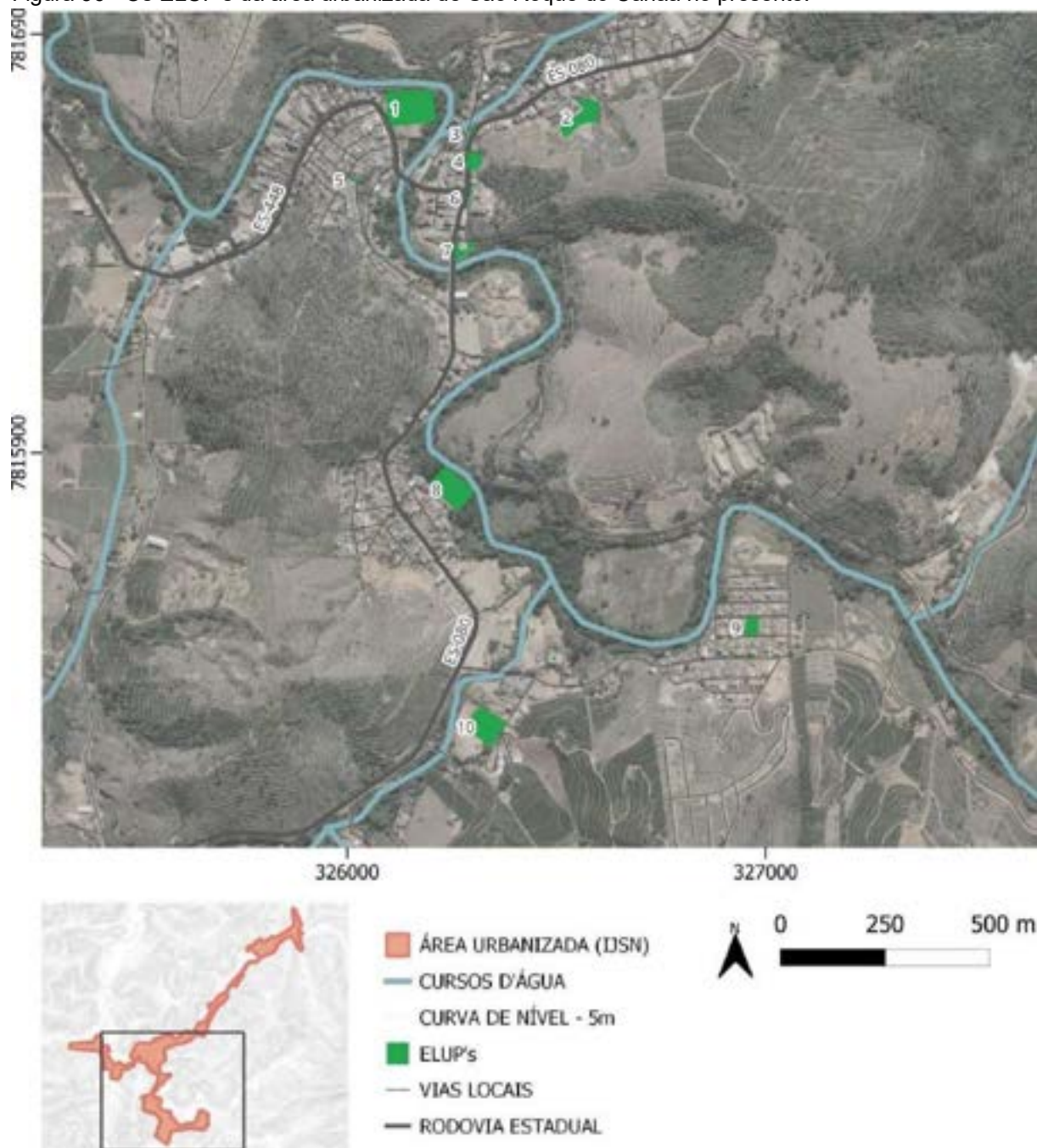
Fonte: Geobases, IJSN, ANA, adaptado pelo Autor (2024).

#### 4.1.1 Os ELUPs no momento presente

Em um primeiro momento, os espaços livres de uso público puderam ser reconhecidos, de forma isolada, mas estruturados a partir da identificação da Rua Lourenço Roldi e da Rodovia ES-080. Puderam ser apontados dez espaços livres de uso público além das ruas, os quais de alguma forma aproximam-se das métricas esperadas e até mesmo da excepcionalidade (Figura 36).

Assim sendo, cumpre apresentar os espaços livres de uso público presentes pelo distrito Sede atendo-se a áreas mais específicas descritas como espaços de permanência, lazer, descanso e contemplação. A rua, que é destinada ao fluxo de veículos e pedestres, muitas vezes não oferece condições adequadas para permanência, por isso não foi considerada em toda a sua extensão para a tipificação detalhada nesse momento embora se reconheça o valor deste elemento como parte do sistema de espaços livres de uso público.

Figura 36 - Os ELUP's da área urbanizada de São Roque do Canaã no presente.



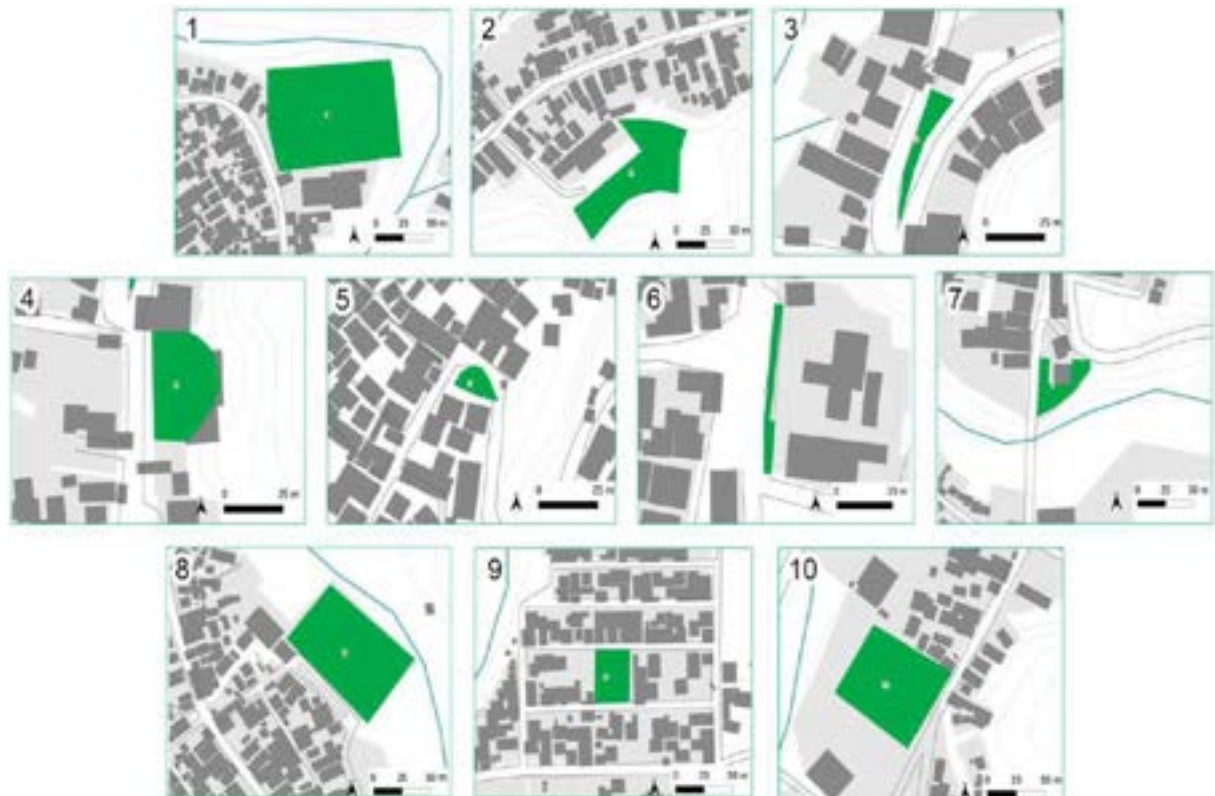
Fonte: Geobases, Google Earth Pró, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

A variação observada ocorre por meio dos diferentes tipos de espaços livres de uso público, os quais se adaptam ao tecido, ora se aproximando do conceito excepcional, ora se enquadrando como parte da rede de espaços estruturantes, ou seja, as vias.

Ao recolher amostras de onde estão inseridos os espaços livres de uso público descrevendo-os como elementos urbanos, podem ser registradas as diferentes características como, por exemplo, suas características físicas, a sua inserção e como estes se relacionam no tecido urbano. Destacam-se o campo de futebol ABC (1),

Espaço livre frontal ao posto de saúde (2), o terreno remanescente de sistema viário (3), o estacionamento/área de feira (4), a praça do bairro Nossa Senhora das Graças (5), a calçada pública (6), o Espaço livre da rodoviária (7), o campo de futebol da Vila Verde (8), a praça do bairro Vila Espanhola (9) e o espaço livre lateral à escola que se aproxima a noção de largo (10) (Figura 37).

Figura 37 – Amostras dos tecidos com os ELUP's no distrito Sede de São Roque do Canaã.



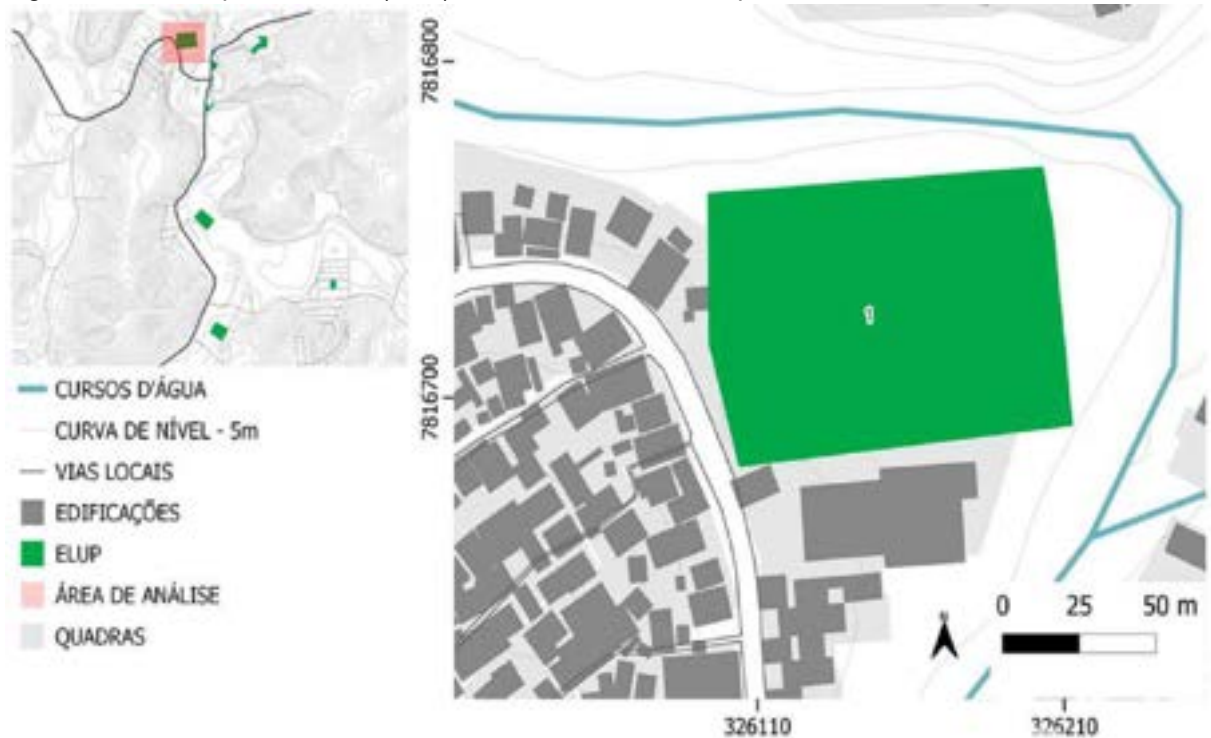
Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

No primeiro espaço livre de uso público (1), observa-se um dos campos de futebol de São Roque do Canaã, nomeado de ABC (Associação beneficente e cultural de São Roque do Canaã), o qual pode ser descrito como um lugar intencional de encontro e lazer (Figura 38).

O Campo de futebol ABC está localizado a norte do distrito Sede do município, no bairro Centro, delimitando-se com o Santa Maria do Rio Doce a norte e leste, com a Sede da prefeitura a sul e pela Rua Lourenço Roldi e edificações a oeste. Sua forma retangular definindo ângulos de 90 graus pelas quatro extremidades mede aproximadamente 70 x 90 metros, totalizando 6.300 metros quadrados e um perímetro de 320 metros.

Apesar da inexistência de uma métrica precisa define-se esse espaço livre como um elemento notório visto seu tamanho e proporção em relação as edificações do seu entorno e a escala humana. A escala visual, por sua vez, tem grande influência quando visto principalmente na representação bidimensional.

Figura 38 – O campo de futebol (ABC) como ELUP de São Roque do Canaã.

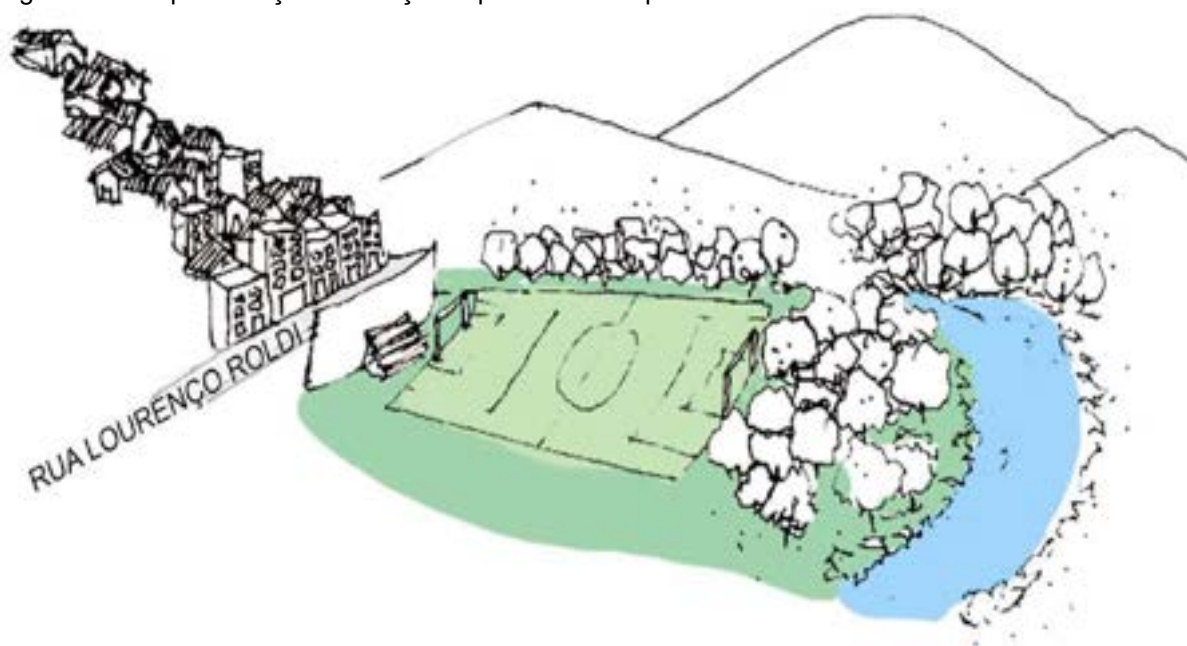


Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

No contexto do tecido urbano, o campo destaca-se pelo seu posicionamento no fundo do vale entre os pés do morro e o curso d'água. A área da várzea do rio é utilizada como suporte para o espaço livre de uso público, porém a inserção do campo não segue uma simetria, ritmo ou qualquer outro tipo de princípio ordenador, a não ser pela sua conexão com a Rua Lourenço Roldi que reúne e organiza o padrão das formas no espaço. É um espaço livre organizado de modo que se conecta e se destaca relativamente pela articulação através do seu tamanho, formato e localização em relação as outras formas do tecido.

Assim, o campo ABC faz parte de um momento em que o desenho urbano começa a ser inserido no planejamento, mesmo de forma superficial, sendo resultado de uma implantação controlada. Esse espaço livre passa a ser uma adição à forma urbana, possuindo ligação direta com a várzea do Santa Maria do Rio Doce (Figura 39).

Figura 39 – Representação da relação espacial do Campo ABC.



Fonte: Autor (2024).

O segundo espaço livre de uso público (2), é uma extensão de um equipamento público descrito como um espaço livre frontal ao posto de saúde que se aproxima à noção de largo. Com seu acesso a oeste pela Rodovia ES-080, o espaço livre está localizado a norte do distrito Sede, em uma área de grande declive e ao lado da Unidade básica de saúde do município no bairro Cinco Casinhas. O Espaço livre frontal ao posto de saúde possui um tratamento de corte/ aterro para nivelamento da área, a qual não possui pavimentação ou qualquer outro tipo de intervenção infraestrutural, resultando em uma área ampla adjacente ao acesso à construção para fins de serviço de saúde do município.

O espaço livre frontal ao posto de possui uma área, em média, de 3.600 metros quadrados e é delimitado a norte e oeste por construções junto ao posto de saúde e a sul e leste por uma topografia de relevo íngreme. Não se verifica a disposição de mobiliário urbano, vegetação ou qualquer outro tipo de elemento que conduza a leitura para um espaço excepcional, apenas para o uso de estacionamento (Figura 40).

Esse espaço livre está diretamente ligado ao equipamento público e não possui uma métrica específica definida em relação ao tecido em que está inserido. É apenas um espaço decorrente do planejamento do solo para a construção do equipamento público com o perímetro de acesso formado por uma linha reta resultante do desenho da rua.

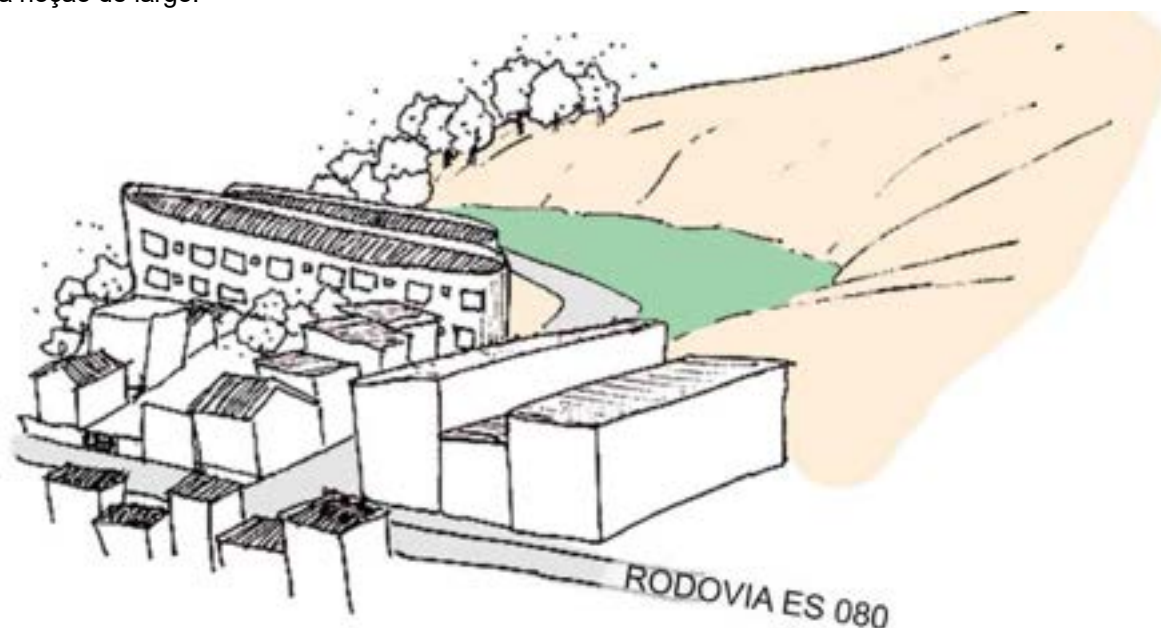
Figura 40 – O Espaço livre frontal ao posto de saúde que se aproxima a noção de largo como ELUP de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

Assim como no campo ABC apresentado anteriormente, sua escala visual também tem grande influência quando vista, principalmente, pela sua representação bidimensional, dependendo do contexto em que está relacionado, sua forma orgânica o diferencia dos elementos e não possui uma organização espacial (Figura 41).

Figura 41 - Representação da relação espacial do Espaço livre frontal ao posto de saúde que se aproxima a noção de largo.

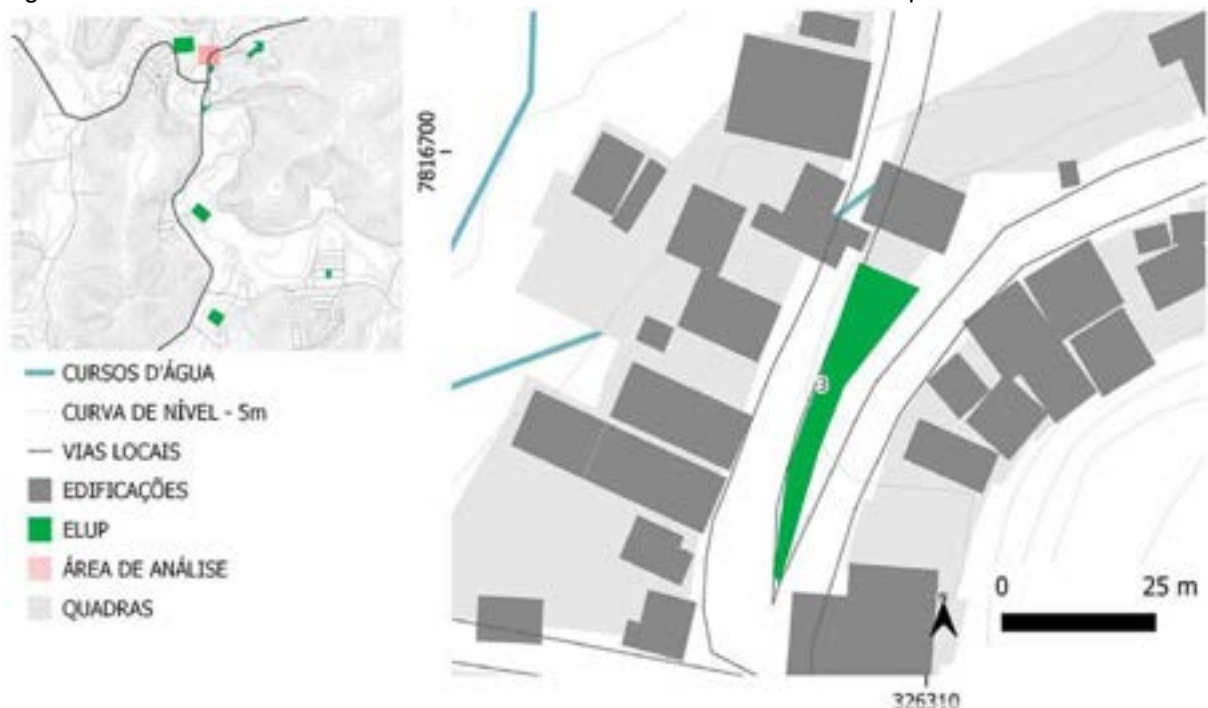


Fonte: Autor (2024).

O terceiro espaço livre de uso público (3) está localizado a norte do distrito Sede, no bairro Centro, sendo confrontado em todos os seus limites pela própria rua e por edificações. Esse espaço livre é reconhecido por receber transformações, pressupondo um espaço de descanso, tendo como referência uma ideia tradicional de praça sem atingi-la.

Sua forma estreita é uma possível justificativa para descrevê-lo como parte de um terreno remanescente do sistema viário, sendo assim, uma área residual da Rodovia ES-080 (à direita) e a Rua João Vago (à esquerda), também conhecida como a “Rua do Cemitério”<sup>10</sup>. Considerando a topografia, o presente espaço livre está inserido em uma área de relevo acentuado que em determinado momento propicia a segmentação de uma via em duas partes formando um “Y” seguindo assim em direções distintas (Figura 42).

Figura 42 - O terreno remanescente do sistema viário como ELUP de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

A sua forma possui três extremidades aproximando-se de uma figura geométrica triangular. As duas maiores retas medem, em média, cerca de 40 metros e se articulam a uma base com média de 5 metros, totalizando uma média de 120 metros quadrados.

<sup>10</sup> Historicamente, antes mesmo de ser nomeada de Rua João Vago, este já era o caminho feito pelos religiosos que iam de encontro ao cemitério da região.

No contexto do tecido urbano, as duas ruas do entorno somam uma média de quatorze metros de largura, ampliando a área em que está inserido, e seu acesso se dá de forma oblíqua na abertura para a calçada pública a leste como extensão da circulação linear feita pela Rodovia ES-080. Sua organização se apresenta de modo aglomerado pela proximidade e compartilhamento de características presentes no entorno e linear pelo desenho das vias.

Seguindo a hierarquia do desenho das vias, por sua continuidade e regularidade, seu eixo articula-se ao desenho pelo encontro das duas retas que convergem e formam uma única rua, inserindo-se em um conjunto organizado (Figura 43).

Figura 43 - Representação da relação espacial do Campo ABC.



Fonte: Autor (2024).

No quarto espaço livre de uso público (4), observado na Figura 44, têm-se espaço destinado a função de estacionamento/área de feira. Esse espaço, por sua vez, está inscrito na prefeitura de São Roque do Canaã como “praça”, porém não atende às características com valores tradicionais para ser tido como um elemento excepcional, como abordado por Dias Coelho (2013). A ação de criação desse espaço pelo poder municipal foi executada através da demolição do antigo posto de saúde o qual compunha o tecido histórico envolvente.

Esse espaço livre localiza-se a norte do distrito Sede pelo bairro Centro, medindo, em média, 850 metros quadrados. Ele surge a partir de um lote vazio que atende às

demandas locais, delimitando-se pela Rodovia ES-080 a oeste, por construções a norte e sul e pela própria topografia com relevo íngreme a leste.

Figura 44 - O estacionamento/área de feira livre como ELUP de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

Sua forma tende, inicialmente pelo seu acesso, a traços retos, evidenciando a divisão de lotes, porém seus fundos de desenho orgânico dispõem-se a partir da topografia. Sua inserção junto ao conjunto organizado no entorno da Rodovia ES-080 contribui para acesso oblíquo pelo passeio, atribuindo certa linearidade a sua configuração espacial (Figura 45).

Figura 45 - Representação da relação espacial do estacionamento/área de feira.

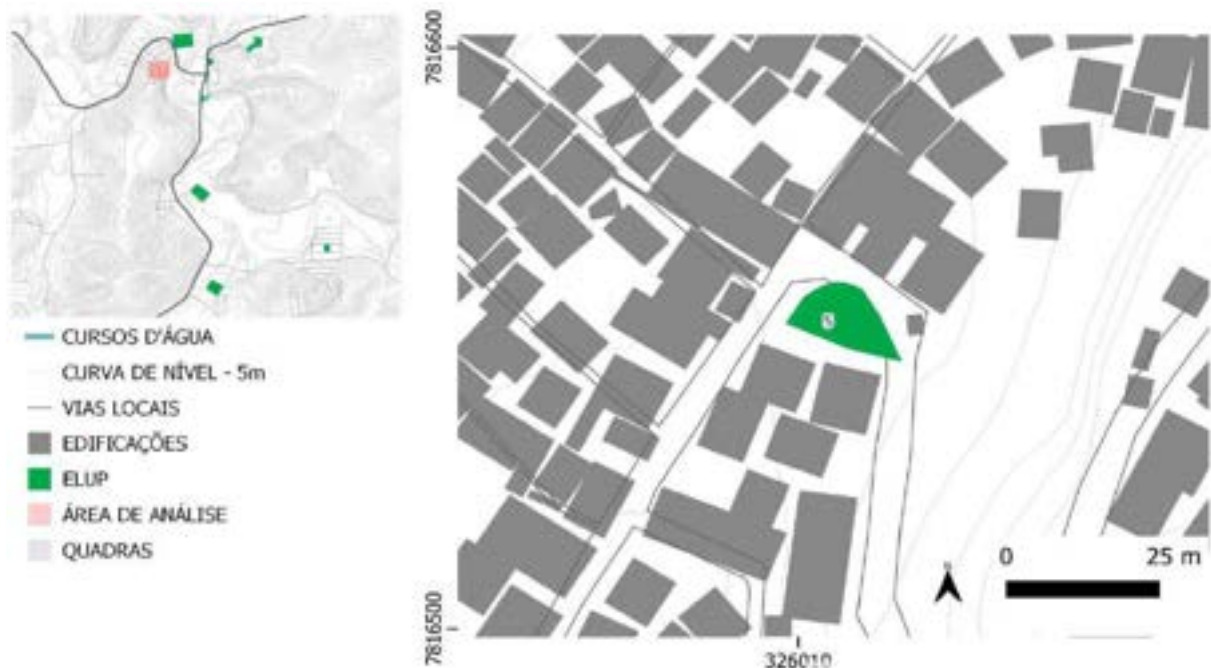


Fonte: Autor (2024).

O estacionamento/área de feira proporciona vivências inspirado pela ideia de praça, fazendo da permanência e uso característicos pontuais com alguns elementos do convívio diário, como bancos dispostos na calçada limítrofe. Apesar da mudança de contexto, o uso público desse espaço livre introduz o comércio de caráter alimentício e o uso durante as épocas comemorativas.

O quinto espaço livre de uso público (5), observado na Figura 46, refere-se à praça do bairro Nossa Senhora das Graças. Localizada a norte do distrito Sede, no bairro Nossa Senhora das Graças, a praça possui aproximadamente 180 metros quadrados estruturados em um lote que possui uma curvatura delineada a partir do desenho de uma rua que possui uma média de cinco metros de largura.

Figura 46 – A praça do bairro Nossa Senhora das Graças como ELUP de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

Em relação ao tecido urbano, sua forma curva delimita-se com edificações a norte, sul e oeste, sendo leste uma área com topografia acidentada. Nesse caso, a forma da praça encontra-se dentro do espaço urbano em meio ao desenho de lotes, ligados por um espaço comum, no caso a rua.

Seu entorno tem como confrontante a Rua Nossa Senhora das Graças e as edificações e seu acesso se dá de forma frontal ou oblíquo por não possuir nenhum tipo de interferência ou bloqueio em suas extremidades com exceção da orientação sul.

Sua proporção está ligada diretamente ao tamanho e escala, além disso, a existência de arborização e mobiliário urbano confere ao espaço livre a característica de descanso, lazer e contemplação, com forma radial de circulação (Figura 47).

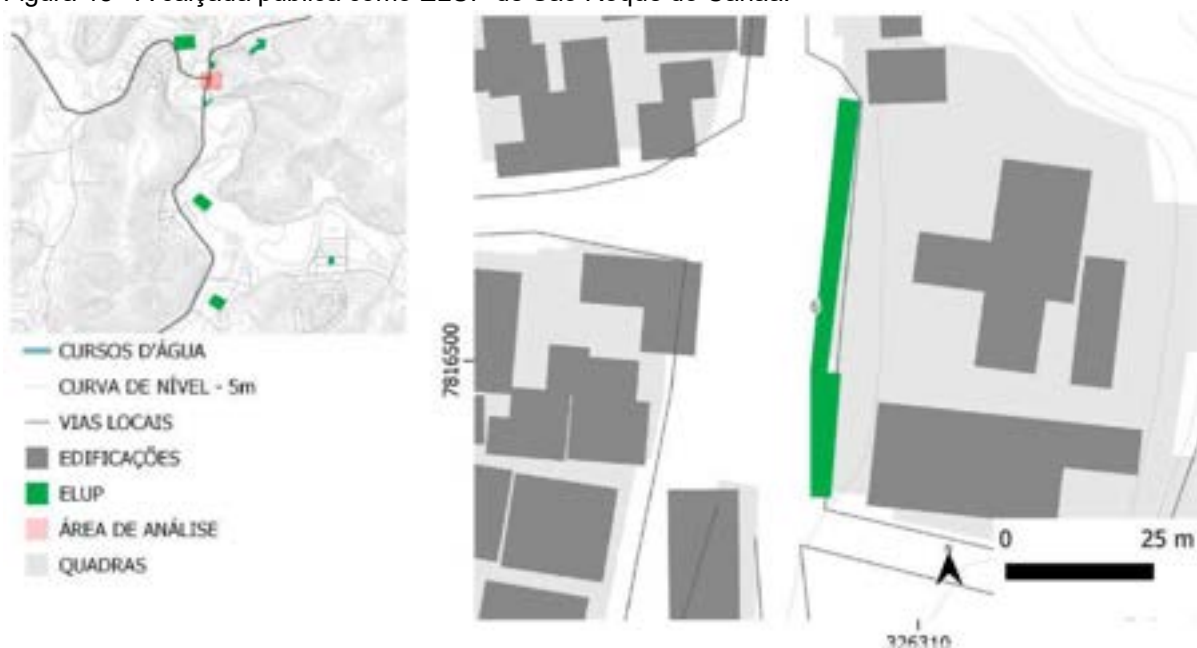
Figura 47 - Representação da relação espacial da praça do bairro Nossa Senhora das Graças.



Fonte: Autor (2024).

O sexto espaço livre de uso público (6), observado na Figura 51, localiza-se na convergência da Rua Lourenço Roldi com a Rodovia ES-080, em frente à igreja Matriz de São Roque, ao norte do distrito Sede. É definido pela própria calçada possuindo aproximadamente 50 m x 3 m e uma área de 150 metros quadrados intercalando bancos e acessos à igreja (Figura 48).

Figura 48 - A calçada pública como ELUP de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

Sua forma estreita e alongada apresenta uma possível figura geométrica retangular que delimita toda a parte frontal de acesso ao elemento singular religioso. Em relação ao tecido urbano, esse espaço livre organiza-se dentro de um outro espaço a partir da representação da calçada inserida no desenho da rua. Os elementos rua e calçada estão em planos diferentes, sendo um adjacente ao outro, cada qual com seus elementos específicos, com a calçada recebendo a inserção de mobiliário urbano e a circulação de pedestres.

A calçada em frente à igreja matriz segue o eixo da Rodovia ES-080 como uma reta estabelecida por dois pontos, onde ambos estão desenhados de forma paralela, reunindo planos e volumes pela sua continuidade (Figura 49).

Figura 49 - Representação da relação espacial da calçada pública.



Fonte: Autor (2024).

O sétimo espaço livre de uso público (7), observado na Figura 50, refere-se ao espaço livre anexo à rodoviária. Localizado a norte do distrito Sede, também no bairro Centro, esse espaço livre trata-se de uma abertura, de espaço acessível, ligada à construção de um equipamento público.

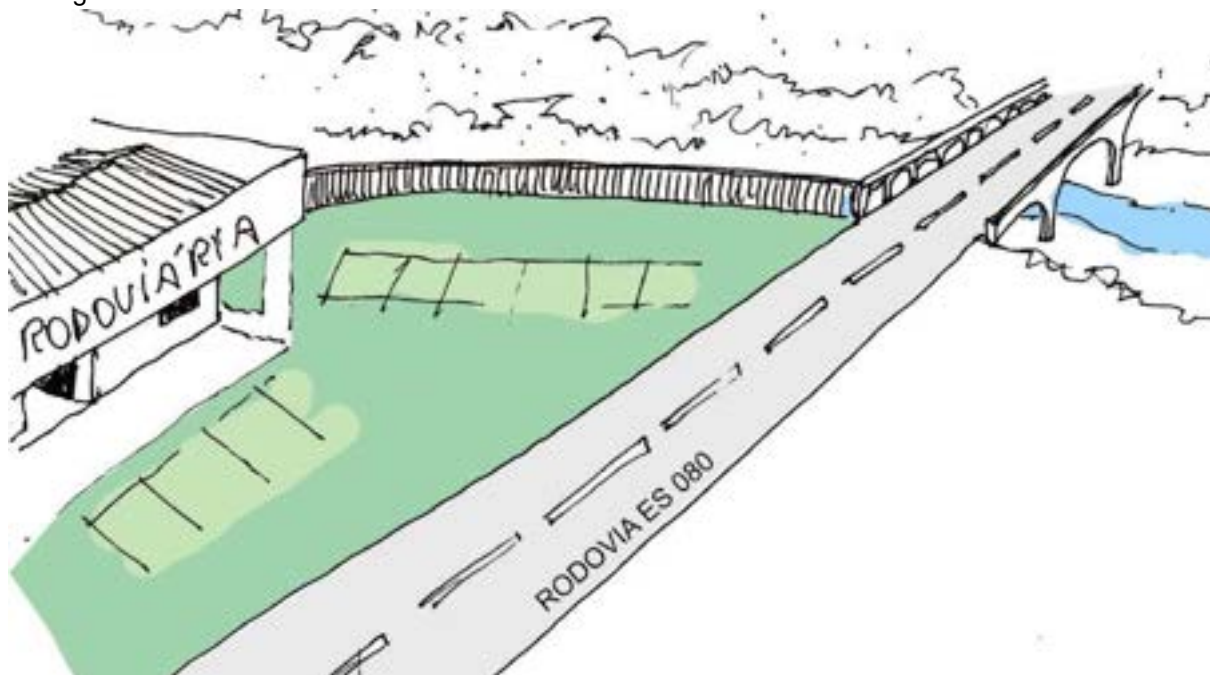
Figura 50 – O pátio como ELUP de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

Com uma área de aproximadamente 780 metros quadrados, o largo possui uma forma irregular por consequência imposta pelas preexistências. Desse modo, tem como delimitação a própria topografia, a sul e leste o Santa Maria do Rio Doce e a oeste a Rodovia ES-080 por onde se dá o acesso a ele (Figura 51).

Figura 51 - Representação da relação espacial do Espaço livre da rodoviária que se aproxima à noção de largo.



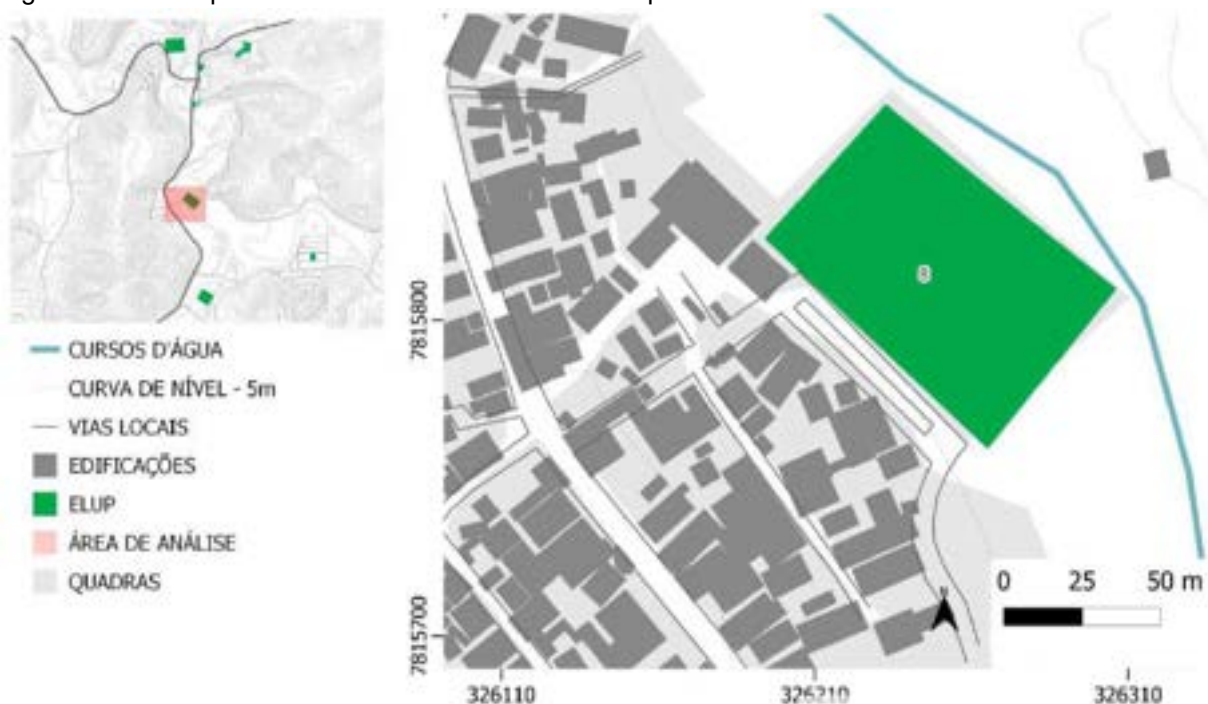
Fonte: Autor (2024).

O largo configura-se por ser uma extensão de um equipamento público relacionado a aspectos rodoviaristas. Sua forma está organizada pela adjacência de uma rodovia, compreendendo um conjunto de elementos que se organizam no entorno da via com tamanho e proporção constituintes de indicadores que ajudam a delimitar e reconhecer o espaço livre dentro do espaço urbano.

Assim como o Espaço livre frontal ao posto de saúde, esse espaço livre resulta de uma implantação controlada, porém caracterizando-se apenas como um espaço livre de construções, de domínio público e sem o uso para descanso, contemplação e lazer

O oitavo espaço livre de uso público (8), observado na Figura 52, localiza-se a sul do distrito Sede, no bairro Vila Verde, e também se refere a um campo de futebol. Diferente do espaço livre anterior, o campo de futebol encontra-se afastado da Rodovia ES-080 por uma distância média de 100 metros, tendo acesso pela Rua José Carlos Volpi e se consolidado as margens do Santa Maria do Rio Doce.

Figura 52 - O campo de futebol como ELUP de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

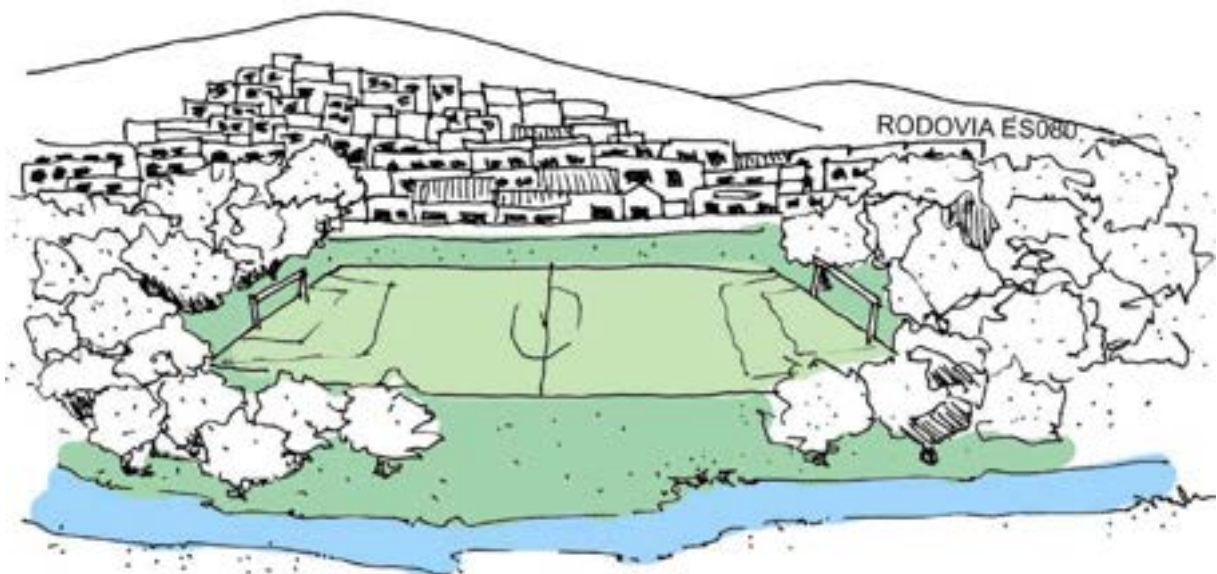
O campo de futebol possui uma dimensão aproximada de 80 x 60 metros com uma área de 4.800 metros quadrados e um perímetro de 280 metros, limitando-se a 40 metros do Rio Santa Maria (norte e leste) e com edificações (sul e oeste). O lado oeste, por sua vez, é por onde se tem acesso ao espaço livre pela Rua José Carlos Volpi citada anteriormente.

Assim como no espaço livre (1) definido pelo Campo ABC, também se define esse espaço livre como um elemento notório, visto seu tamanho e proporção em relação às demais edificações do seu entorno e à escala humana.

No contexto do tecido urbano, o campo do bairro Vila Verde está posicionado no fundo do vale e se utiliza da área de várzea como suporte. É um espaço livre adjacente à forma urbana, organizado de modo que se conecta por um espaço comum e se destaca relativamente pela articulação através do seu tamanho, formato e localização em relação às outras formas e espaços da organização do tecido local.

A topografia plana da área da várzea do rio sugere que o espaço livre estabeleça uma relação entre o natural e o construído, condicionando o espaço livre como área de lazer e contemplação. O campo de futebol da Vila Verde faz parte de um momento em que o planejamento já está inserido, sendo resultado de uma implantação controlada (Figura 53).

Figura 53 - Representação da relação espacial do Campo de futebol do bairro Vila Verde.



Fonte: Autor (2024).

O nono espaço livre de uso público (9), observado na Figura 54 a seguir, é definido como a “Praça” do bairro Vila Espanhola. Esse espaço livre localiza-se na região leste do distrito Sede, em um bairro consideravelmente novo se comparado aos demais bairros do distrito, Vila Espanhola. O bairro possui uma estrutura descrita por um padrão de quarteirões e uma malha reticulada.

A praça encontra-se organizada em meio ao bairro, medindo aproximadamente 30 x 40 metros, com uma área também aproximada de 1.200 metros quadrados,

prolongando-se por todo o lote, sendo um espaço adjacente a duas ruas, sendo elas a Rua Airton Senna (a norte) e a Rua Leonel Gonzales (a sul), as quais dão acesso ao local. Os demais confrontantes (leste e oeste) são descritos por muros de edificações residenciais.

Figura 54 – A praça de bairro como ELUP de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

O lote de área plana possui parte vegetada, com arborização, e parte com solo exposto, onde pratica-se futebol, além de contar com mobiliário urbano. Desse modo, tem-se o espaço como descanso, lazer e contemplação, incorporado ao tecido urbano, pertencendo ao conjunto da forma física construída e destacando-se do seu entorno construído.

Em relação ao tecido urbano, a forma da praça organiza-se de forma linear, seguindo a divisão proposta em uma sequência de espaços repetitivos com as mesmas dimensões. Relacionado às vias principais, a praça do bairro Vila Espanhola localiza-se, em média, 970 metros da Rodovia ES-080 e 1,3 quilômetros de distância da Rua Lourenço Roldi (Figura 55).

Figura 55 - Representação da relação espacial da praça do bairro Vila Espanhola.



Fonte: Autor (2024).

O décimo espaço livre de uso público (10) está localizado ao sul do distrito Sede, no bairro Vila Espanhola, e é descrito por um Largo. Este, por sua vez, se configura com características, pelo seu tamanho, formato, localização e, assim como os campos de futebol, ocupa a área de várzea do rio.

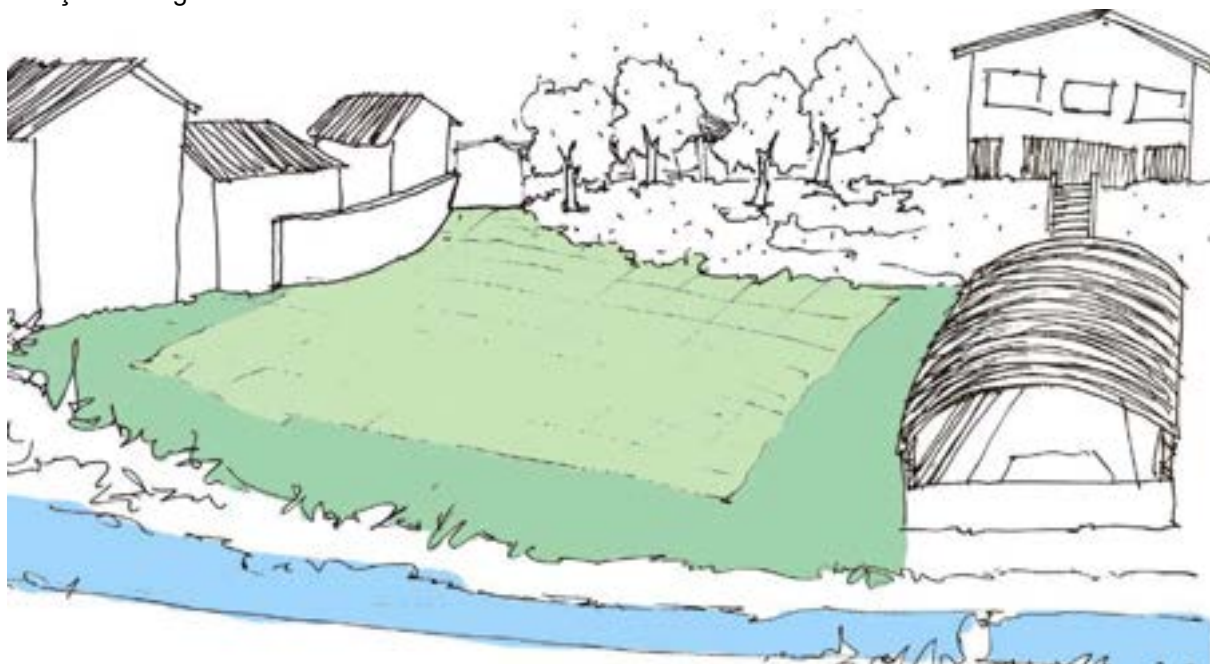
O Largo, tido como extensão do pátio de uma escola, é utilizado como área de eventos, possui aproximadamente 4.700 metros quadrados, limitando-se a norte com construções residenciais, a sul com um equipamento público estadual (escola) a Leste com a Rua João Guerini, por onde se tem acesso ao espaço livre, e a oeste com o Santa Maria do Rio Doce (Figura 56). O Largo caracteriza-se apenas como um espaço livre de construções, de domínio público e sem o uso para descanso, contemplação e lazer (Figura 57).

Figura 56 – O pátio como ELUP de São Roque do Canaã.



Fonte: IBGE, Open Buildings, Prefeitura de São Roque do Canaã, Geobases, ANA, elaborado pelo Autor (2024).

Figura 57 - Representação da relação espacial da praça do Espaço livre lateral à escola que se aproxima a noção de largo.



Fonte: Autor (2024).

Ao nos debruçarmos sobre o estudo da forma física, verificamos que os espaços livres de uso público possuem características singulares que os tornam díspares uns dos outros. Justifica-se esse fato pelos diferentes agentes e atores como variantes para o

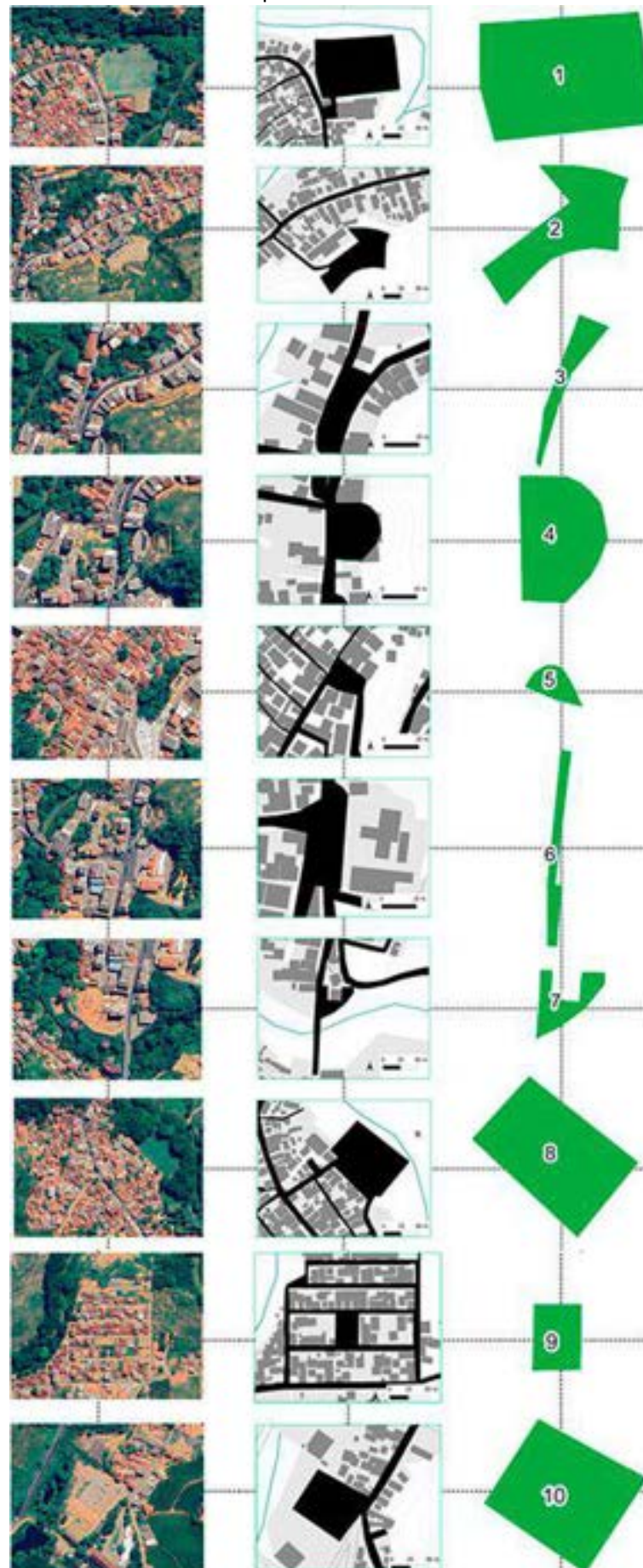
ponto de partida. Cada espaço livre de uso público pode ter sido desenvolvido com conceitos e modelos distintos.

A partir das descrições feitas sobre cada um, podem ser elencadas constatações acerca de semelhanças e distinções. Os espaços livres de uso público 1, 8, 9 e 10 são espaços definidos a partir de linhas retas, assemelhando-se pela forma geométrica retangular bem definida. Em contrapartida, os espaços livres 2, 3, 4, 5, 6 e 7 diferenciam-se dos demais por serem descritos com formas sem um padrão definido. Os espaços livres 3 e 6 são parte das ruas, definindo-se por calçadas da mesma forma que o espaço livre 4, porém este se estende para além da rua com uma área de estacionamento e de feira. A área remanescente do desenho do sistema viário do espaço 3, por sua vez, possui uma forma que se diferencia dos demais espaços livres, revelando a reutilização de sobras urbanas articuladas às ruas.

As denominadas “praças” pelo cadastro da prefeitura municipal são espaços sem construções e de livre acesso pela população, porém não fazem parte da história da gênese do local pela sua implantação tardia e relação desconexa com a estruturação urbana.

Em relação as principais ruas do município, os espaços livres 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10 estão particularmente configurados na articulação à Rodovia ES-080, sendo o 6, localizado no contexto do eixo formado pela Rua Lourenço Roldi e a Rodovia ES-080 em frente à igreja de São Roque (Figura 58). Entende-se assim pelo alto nível de articulação física entre espaços livres de circulação (rua/rodovia) e espaços livres de permanência.

Figura 58 – Os ELUP's como elementos componentes do tecido urbano.



Fonte: Autor (2024).

A questão a ser explicada sobre como são os espaços livres do município considerando o momento presente pode ser exemplificada a partir da organização dos dez espaços livres de uso público por tipologia e configuração de base. Qualquer que fosse o espaço livre de uso público em questão, verifica-se uma possível articulação entre este e os demais elementos urbanos (Figura 59).

Figura 59 – Os ELUP's de São Roque do Canaã no presente.



Fonte: Autor (2024).

Diante da necessidade de reconhecer quais e como são os espaços livres de uso público de São Roque do Canaã, apresenta-se a seguir a dimensão urbana com a periodização do município e seus elementos urbanos em cada período.

A eleição de um fragmento do distrito Sede como cenário para apontamentos históricos traduz, em grande medida, aquele que condensa um conjunto de características singulares que decorrem da posição que ocupa dentro da área urbanizada, onde convergem-se a rodovia ES-080 e a Rua Lourenço Roldi. Este é precisamente o ponto onde dois espaços livres de circulação convergem, produzindo os espaços livres de uso público de permanência e organizando a estrutura urbana. Acresce o fato de ser o fragmento por onde passou os caminhos primitivos e as primeiras rotas de circulação da região (o caminho rústico), introduzindo maior complexidade morfológica a esse espaço que reúne características excepcionais justificando sua leitura ao longo do tempo.

Busca-se também fazer a reconstituição dos períodos pretéritos de um fragmento do distrito Sede a partir do acervo documental disponível, ilustrando a evolução do

município e contribuindo para a identificação dos espaços livres anteriores em conjunto com a forma urbana.

Assim, os períodos históricos de São Roque do Canaã serão apresentados em quatro partes definidas a partir da identificação dos seus espaços livres de uso público: o primeiro de 1900 a 1930 por onde se dá a gênese do município definindo os primeiros caminhos e se estabelece o primeiro espaço livre de uso público. Seu completo desaparecimento define o segundo momento entre 1940 e 1970. Esse novo período é descrito pelo desenvolvimento urbano, pelo surgimento de um novo espaço livre de uso público e intensificação de construções. Também surgiram indústrias o que acarretou o espraiamento urbano para regiões próximas aos edifícios singulares, seguindo o Santa Maria do Rio Doce pelos fundos do vale. O terceiro período, compreendido entre 1980 e 2010, representa novamente o desaparecimento do espaço livre de uso público, intensidade do desenvolvimento urbano, principalmente ao redor do eixo criado pelos dois primeiros caminhos do local. O quarto e último período se refere aos anos compreendidos entre 2011 e 2023, com as transformações urbanas e os espaços livres de uso público que permaneceram até o momento presente. Cada um desses períodos é analisado morfologicamente, atendendo ao diálogo que se estabelece entre a estrutura edificada e o espaço livre de uso público.

#### **4.1.2 De 1900 e 1930**

Cumprir indicar que a falta de registros da época dificulta a materialização do passado, porém acredita-se que, seguindo uma lógica de ocupação, os primeiros caminhos, os quais dão suporte para as capelas, atraíram a atenção das pessoas pelo interesse de estar próximas ao lazer, aos cultos religiosos e ao ponto de encontro entre os indivíduos.

Dessa forma, o arranjo formal inicial segue na seguinte sequência: o caminho até a Capela de Nossa Senhora das Graças (CSG) pela cumeeira do morro, a construção da capela de mesmo nome, em seguida o caminho que segue até encontrar a estrada regional que conecta Vitória a Colatina, e também à segunda Capela de São Roque (CSR), ao campo de várzea e às primeiras residências. Cumprir lembrar que era grande a procura por áreas mais planas e próximas ao rio, visto a facilidade para o cultivo de alimentos visando o comércio e subsistência.

Iniciamos, então, uma leitura evolutiva do tecido urbano que nos permite distinguir aqueles que são os elementos primários que fazem parte da origem dos espaços livres, configurando o primeiro momento da história.

As capelas, as quais caracterizam-se como edifícios singulares por serem os mais representativos da época, estabelecem uma conexão direta (pela existência de um caminho entre elas) e a estrada regional que liga a área a outros locais. Ambas sinalizam as extremidades do percurso considerado como um caminho rústico, ou seja, o primeiro e mais antigo da região. Tal caminho é identificado inicialmente a oeste do Santa Maria do Rio Doce, alcançando o fundo do vale se deslocando ao leste, seguindo um traçado orgânico e não retilíneo, estruturando-se pela menor largura do curso d'água, facilitando a travessia pelo território.

O início do século XX pode ser ainda descrito pelo encontro entre as margens dos cursos d'água e a população que, com o desenvolvimento urbano e seus espaços livres, tinham o fácil acesso à água e ao uso das áreas de várzea com a prática esportiva.

[...] campos de bola de pau, as bocce, jogo genuinamente italiano, trazido pelos imigrantes e ainda hoje praticado” junto a cantigas, danças e rezas do terço nas primeiras capelas, fizeram parte dos espaços livres de construções e com livre acesso para as pessoas (Biasutti; Loss, 1999, P.45).

Dentre os espaços livres que tem contato direto não só com os caminhos, mas também com a água, a história do campo de futebol na várzea do Santa Maria do Rio Doce pouco é conhecida, isto devido ao seu completo apagamento da forma urbana. O que de fato elucida a respeito desse espaço livre de uso público pouco documentado são os que viveram em épocas próximas a sua existência ou que ouviram de seus familiares mais antigas histórias a respeito. É a partir de uma fotografia que se tem uma evidência material, constatando-se de maneira concreta a sua forma, sua dimensão, sua relação com o território, entre outras características que estão submersas no tecido urbano.

Na fotografia apresentada como Figura 60, a existência de uma cerca levanta a hipótese do único elemento que delimita esse espaço livre, atribuindo às vias e ao próprio campo de futebol na área de várzea a função de espaço público. Dessa forma, as primeiras componentes públicas apresentadas no município apresentam-se a partir do campo de futebol como um elemento de recreação e encontro social, de lazer e os caminhos como elementos comuns de circulação e conexão.

Esses espaços livres definiram a gênese do município junto aos edifícios singulares. O surgimento do campo de futebol que veio a ocorrer no início do século XX após a primeira guerra mundial, fez do esporte a primeira forma de definir os espaços livres de uso público de lazer e que, aliado a “[...] choupanas por entre os tocos de árvores queimadas” (Biasutti; Loss, 1999, p.45), representaram as primeiras edificações e formas construtivas da recente estrutura urbana.

Figura 60 - O campo de futebol na várzea e primeiro espaço livre de uso público de São Roque do Canaã.



Fonte: Acervo pessoal de Inês Roldi (autor desconhecido). Adaptado pelo Autor (2024).

O campo de futebol possuía aproximadamente 80 x 90m, considerando seu desenho não oficial delimitado pela vegetação gramada, pelas estradas com o solo aparente e pelo próprio rio. Sua inserção sugere um contexto espontâneo e cultural tendo contato direto com o corpo hídrico. Esse fato evidencia a relação do espaço livre com a área da várzea por ser mais plana em relação a topografia do sítio, de fácil acesso e locomoção.

Sobre os caminhos, destaca-se o surgimento de uma nova forma de circulação no perímetro do campo que, quando visto em outros ângulos e por outras fotografias, mesmo que em épocas distintas, apresentam a sua inserção. A Figura 61, a seguir, apresenta a conjectura de três fotografias definidas por “a”, “b” e “c”. A fotografia “a” refere-se ao registro do campo de futebol apresentado anteriormente comparando o caminho adicionado em seu perímetro. A fotografia “b”, com campo de visão oposto ao campo de futebol, registra a igreja de São Roque e confirma a característica do período com grandes áreas livres e a existência da estrada regional e o caminho, pouco perceptível, que liga os edifícios religiosos. A fotografia “c”, tirada de outro local, porém com foco na mesma igreja da fotografia anterior, confirma a existência da nova

circulação, visto a distância entre a frente da igreja por onde se dá o caminho rústico. Assim, tais fotografias não possuem datação, porém podem ser comparadas pela arquitetura da época descrita pela capela de São Roque para destacar a rua perimetral do campo de futebol na área de várzea.

Figura 61 – O caminho perimetral do campo de futebol na várzea do rio.



Fonte: Acervo pessoal de Inês Roldi (autor desconhecido). Elaborado pelo Autor (2024).

A articulação entre esses espaços públicos cria uma rede estruturante de movimentos e une os espaços livres da época (o campo de futebol e os caminhos) aos edifícios singulares. Tal disposição dos elementos urbanos apresenta uma singularidade em relação a circulação, criando a hipótese de que o ponto de convergência entre o caminho rústico e a estrada regional exerçam força de atração para a orientação das fachadas principais das edificações.

Assim, os anos compreendidos entre 1900 e 1930 em São Roque são marcados por caminhos<sup>11</sup> feitos a pé, os quais contribuíram com o encontro e permanência das pessoas que se reuniam para o lazer no campo de futebol, para abertura de estradas que conectam a área a outras regiões e para a orla do Rio. Além disso, apresentaram

<sup>11</sup> Esses caminhos, por sua vez, estão descritos como estradas de chão onde produtos e pessoas eram transportados por burros, ou também conhecidos como as tropas. (Biasutti; Loss, 1999).

o sítio, como elemento articulador do traçado inicial, controlou os princípios de acomodação se adaptando às características naturais e do contexto.

Dessa forma, a triangulação estabelecida entre o campo de futebol, as vias e as capelas evidenciam a gênese do traçado e juntos estruturam o início do conjunto urbano revelando a conexão entre os elementos de lazer e de circulação (Figura 62).

Figura 62 - Formação urbana de São Roque do Canaã entre 1900 e 1930.



Fonte: Autor (2024).

A partir da permanência dos edifícios singulares e do caminho rústico que os conecta é que decorre o momento seguinte. É no final do ano de 1930 que se registra o aparecimento construções na envolvente do encontro entre o caminho rústico e de uma estrada regional, além do desaparecimento do campo de futebol a área de várzea. Nesse sentido, apresenta-se os anos compreendidos entre 1940 e 1970.

#### 4.1.3 De 1940 a 1970

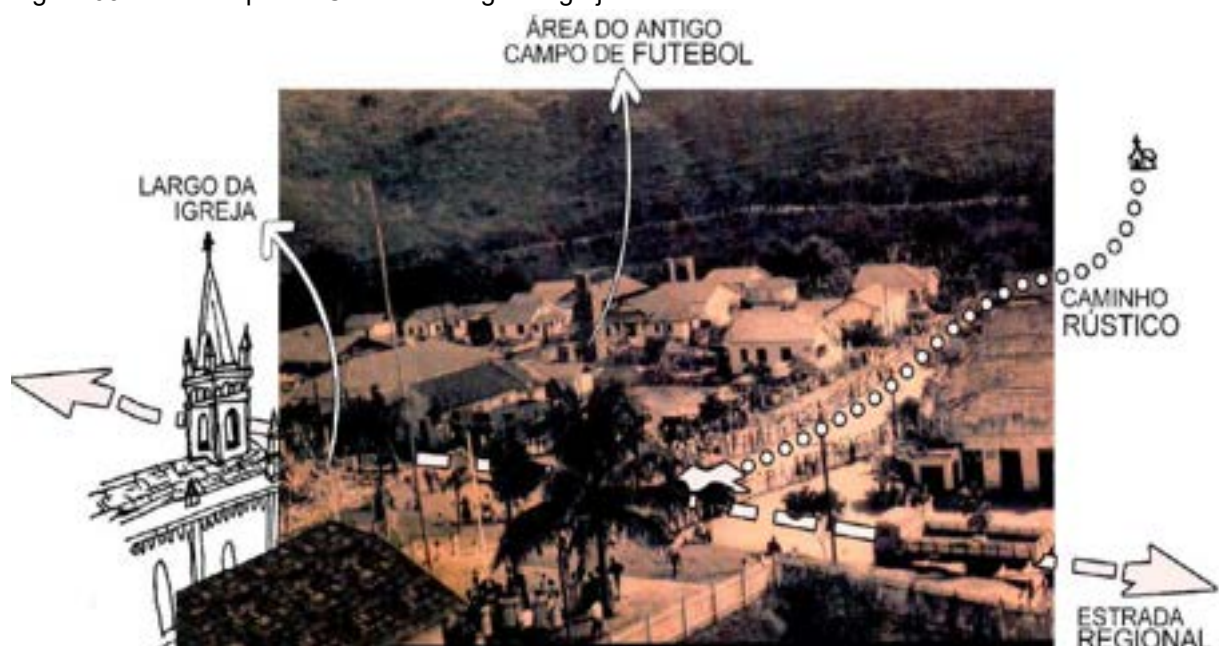
O período identificado entre 1940 e 1970 caracteriza a possível estabilização do primeiro assentamento. Esse assentamento pode ser descrito pelas formas do período anterior, pelo convívio da população próxima ao campo de futebol que

extrapolava as atividades relacionadas ao esporte, além da circulação entre as capelas e no entorno do rio para a produção de alimentos e o consumo de água. Assim, o sítio, as vias e os edifícios singulares constituíram a referência primária para a organização do espaço livre de uso público da época, regulando a disposição do edificado e o processo de formação progressiva da aglomeração.

No ano de 1940, os espaços livres considerados como elementos urbanos de uso público passaram a ser as frentes das edificações dispostas pelo caminho rústico, apresentado na Figura 62, que organizavam-se margeando a via sem a demarcação de quadras e lotes. Esses espaços caracterizam-se como um pequeno jardim, envolvendo a construção e as casas, todas de único pavimento e com a mesma tipologia, tinham sempre sua fachada voltada para a via.

O campo de futebol, por sua vez, passou por um processo de supressão, dando lugar aos caminhos e edifícios residenciais e comerciais, configurando o espaço aberto em frente à igreja como o novo espaço livre e de uso público. O ano de 1950 é descrito pelo surgimento do largo da Igreja de São Roque. Quando observamos uma tendência a estrada próxima à igreja de São Roque e ao largo, observando-se também uma área para festejos e formação do núcleo definido pelo conjunto de traçado, espaço livre de uso público e estrada principal (caminho rústico). Assim, o largo da igreja de São Roque configura-se o espaço livre de uso público da época, como ponto de encontro, de festejos e referência do local (Figura 63).

Figura 63 – São Roque do Canaã e o largo da igreja matriz.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (Autor desconhecido). Adaptado pelo Autor (2024).

Em relação ao largo sua localização tem influência do edifício singular reunindo funções de celebração social e convívio, de uma época em que a área urbana já dava indícios da sua implantação. Tal influência também pode ser percebida pela sua relação com a estrada regional.

A disposição dos elementos pode ter contribuído com a intensificação do desenvolvimento do caminho rústico como espaço de referência antecedendo o edifício singular de maior representatividade da época. A área onde localizava-se o campo de futebol na várzea do rio passou a receber construções ocasionaram seu completo apagamento (Figura 64).

Figura 64 - Formação urbana de São Roque do Canaã em 1940 a 1950.

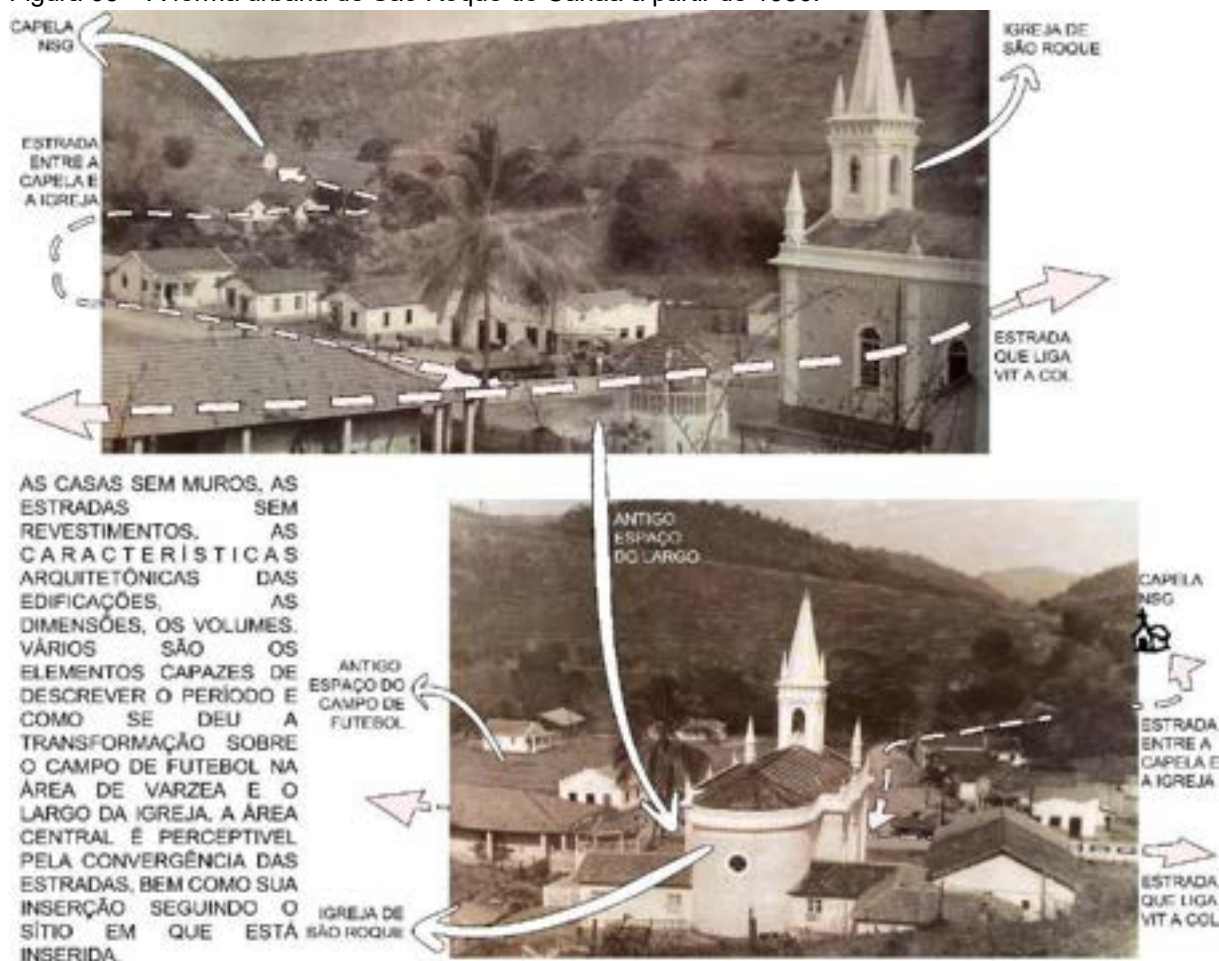


Fonte: Autor (2024).

Segundo Biasutti e Loss (1999), ainda no ano de 1950 o movimento industrial que veio a crescer em São Roque do Canaã pode ser sugerido pelo uso de automóveis e a partir de transformações da forma urbana. A primeira indústria da região é datada no ano de 1950 e apresenta-se como serraria e esquadria Forza e Irmão Ltda. A construção passou a se localizar sobre o antigo campo de futebol, próximo da igreja de São Roque e desde então destinou-se a produzir esquadrias (Biasutti; Loss, 1999).

Além disso, outras indústrias foram se instalando próximas aos edifícios singulares e conectadas à Rodovia ES-080, apresentando mudanças na organização urbana e social, causando inclusive o desaparecimento do largo da igreja. Vários fatores podem ter contribuído para isso, como a construção de novas estradas e edifícios, reduzindo o espaço disponível para o largo, sendo incorporados à malha urbana, enfim, desaparecendo completamente (Figura 65).

Figura 65 – A forma urbana de São Roque do Canaã a partir de 1950.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (Autor desconhecido). Adaptado pelo Autor (2024).

Sobre o final do ano de 1950, Biasutti e Loss (1999, p.111) explicam que:

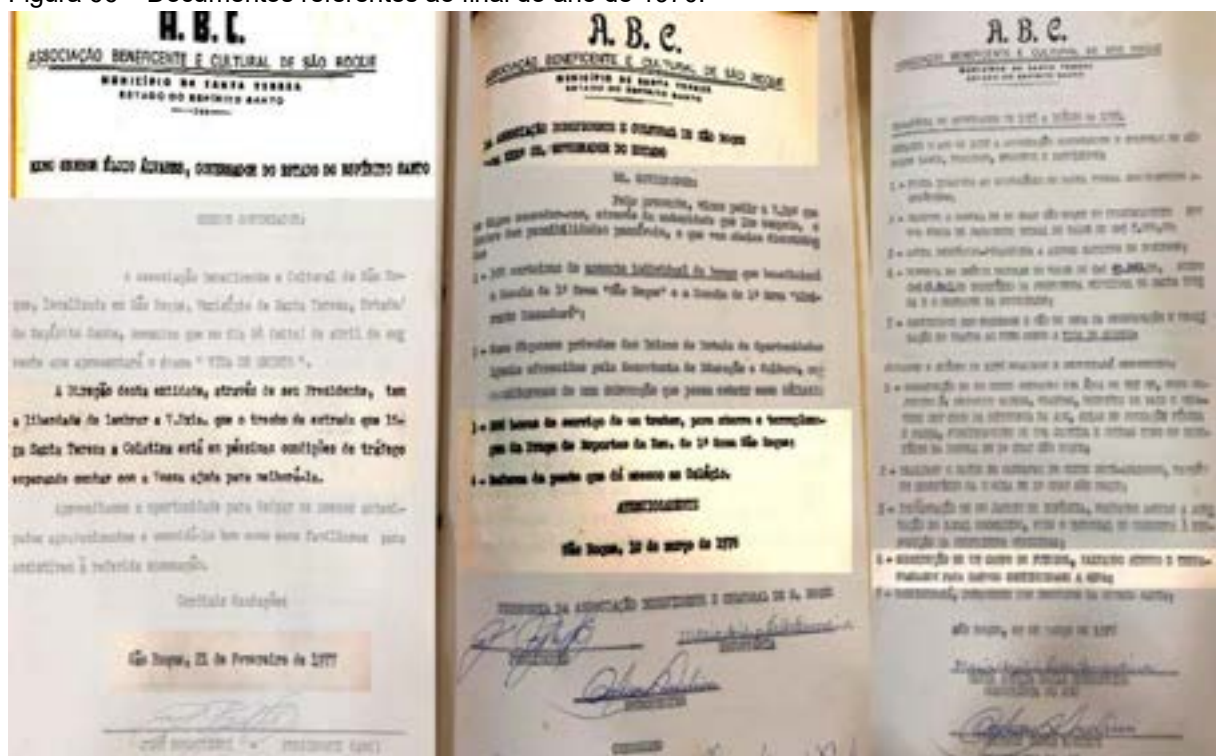
Foi uma época de grande expansão do bairro (Centro), em que esta e outras indústrias atraíram um crescente número de moradores para outras áreas, surgindo assim o bairro São Roquinho. [...] Outras indústrias do ramo de esquadrias se instalaram na área de São Roque, tanto no Centro, como no lado de São Roquinho, Vila Verde e em direção ao bairro Cinco Casinhas.

A partir de 1960, com o desenvolvimento das infraestruturas, observou-se o contínuo aumento do povoamento no entorno da convergência entre os caminhos (caminho rústico e estrada regional) com edificações ligadas a uma crescente diminuição das

áreas verdes entre o espaço público e o privado. O largo da igreja incorporado à via atribuiu a esta um caráter compositivo excepcional, retratado pela persistência de um momento da história do sítio, ajustada às vivências no momento presente.

Durante o processo investigativo e de análise interpretativa, uma nova evidência contribuiu com o entendimento da formação urbana após o ano de 1960 iniciando o ano de 1970 a partir de documentos oficiais da época, criados a partir da associação beneficente e cultural da época a qual buscava renda para pôr em prática o melhoramento de estradas, aterro e terraplanagem para praça de esportes e criação de espaços livres de uso público, como é o caso do novo campo de futebol ABC (Figura 66).

Figura 66 – Documentos referentes ao final do ano de 1970.



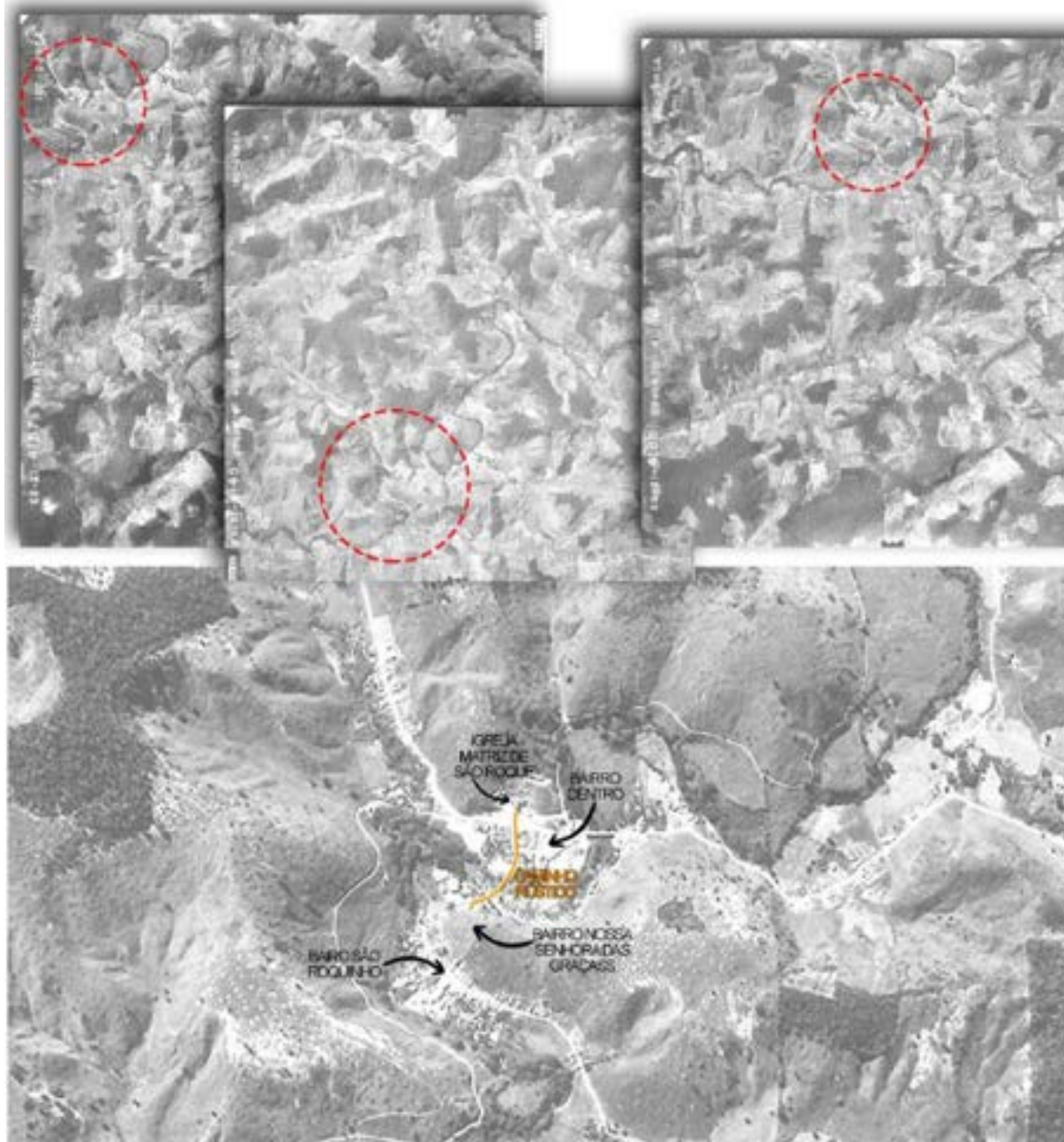
Fonte: Acervo pessoal da Associação beneficente e cultural de São Roque do Canaã, Clube ABC (2023).

A descrição da foto aérea de 1970 (Figura 67) fez parte de um exercício para entender as longas distâncias. O documento é composto por várias fotografias georreferenciadas capazes de registrar a topografia da região, o curso do rio, a existência e disposição das construções e o desenho das vias. Embora tenha pouca nitidez e seja marcado com poucos detalhes esta foto é uma peça fundamental na investigação urbana do período. Os círculos tracejados em vermelho demarcam a área onde ocorreu a gênese da formação do município de São Roque, sendo a maior

área plana e com solo exposto o encontro entre a estrada que liga Vitória a Colatina e a estrada entre as capelas (caminho rústico).

Pode-se observar neste documento que o desenvolvimento urbano incluiu o aglomerado de edificações no entorno da convergência da estrada regional e do caminho rústico e o espraiamento prolongando-se para além do percurso entre as capelas, seguindo o curso do rio e os pés do morro. A área onde convergem-se os caminhos, exatamente em frente à igreja de São Roque, apresenta-se livre e aberta, possibilitando entender as possíveis mudanças topográficas e possíveis transformações voltadas à infraestrutura urbana.

Figura 67 – Imagens de satélite da formação urbana de São Roque do Canaã a partir de 1970.



Fonte: Geobases (2023).

A partir desse período, pôde ser identificado o surgimento de um novo espaço livre. Esse, por sua vez, se refere a um “novo” campo de futebol criado também em uma área de várzea, porém em um local distinto ao campo de futebol anterior. No caso desse campo de futebol nomeado de ABC, localizava-se à orientação oeste do Santa Maria do Rio Doce (Figura 38), tendo como confrontantes o referido Rio e o prolongamento do caminho rústico nomeado de Rua Lourenço Roldi.

Sua inserção no sítio contribui com o entendimento da relação do espaço livre de uso público para esporte e lazer com a área de várzea. Além disso, observa-se o espraiamento urbano próximo a esses espaços adaptados à topografia e próximos ao rio, marcando a força do sistema viário. Ao que se percebe, temos aqui a possível demarcação da gênese desse espaço livre de uso público, o qual permanece até o momento presente (Figura 68).

Figura 68 - Formação urbana de São Roque do Canaã em 1960 a 1970.



Fonte: Autor (2024).

O traçado urbano passou por um processo de adição de novos caminhos e de transformação destes em estradas. Desse modo, os períodos compreendidos entre 1940 e 1970 representam a criação do largo da igreja seguido de seu apagamento e a criação do campo de futebol ABC. Além disso, passou-se a fazer o tratamento do

solo com mecanismos para terraplanagem (Biasutti, 1994, p.105), como foi o caso do campo denominado pelo autor de “atual praça de esportes de São Roque”.

#### 4.1.4 De 1980 a 2010

Os anos compreendidos entre 1980 e 1990 são de significativas transformações com o aumento de terraplanagens como suporte para a formação urbana se prolongando desde a frente da igreja até a várzea. O que se destaca no período vai de contramão ao espaço público, atribuindo força aos espaços fechados que se tornaram comuns no entorno da convergência da Rodovia ES-080 e da Rua Lourenço Roldi.

A formação urbana que vinha a acontecer, principalmente no atual distrito Sede, também pode ser entendida a partir do processo de êxodo rural provocado pela escassez de água e pouca produtividade das terras rurais. Reportagens da época justificam a grande procura pelas áreas centrais, seguido do adensamento urbano e a demasiada apropriação das edificações à rua (Figura 69).

Durante esse processo, também puderam ser observadas novas obras que melhoraram as condições de tráfego local, destacando a descentralização das indústrias para outras áreas e o contínuo processo da expansão urbana com a crescente substituição de edifícios de um pavimento por dois ou mais pavimentos, atribuindo prioridade aos veículos sobre os pedestres.

Figura 69 – Notícias sobre obras de infraestrutura em São Roque do Canaã.



Fonte: A Gazeta. Adaptado pelo Autor (2024).

A infraestrutura começou a ser ampliada com a criação das pontes em alvenaria, que futuramente receberam o primeiro revestimento asfáltico. Mais uma vez a formação

urbana, que vinha priorizando o uso do automóvel, deu indícios de grandes transformações do município com foco não no espaço de descanso e lazer, mas, sim, nos espaços estruturantes descritos pelas ruas (Figura 70).

O edificado continuou se espalhando pela estrutura linear, com os lotes de forma perpendicular à rua e com o maior número de construções ao longo da via de menor declividade, com exceção do bairro Nossa Senhora das Graças. O morro onde se localiza o primeiro edifício singular do município, é ocupado por lotes menores, e as construções consequentemente seguem esta proporção, em sua maioria residenciais e de um pavimento.

Figura 70 – O surgimento da ponte sobre o Santa Maria do Rio Doce ligando Vitória a Colatina.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (Autor desconhecido). Adaptado pelo Autor (2024).

A parte mais alta do então distrito Sede, definida pelo bairro Nossa Senhora das Graças, permite caracterizar uma possível mudança urbana criando, um processo de ocupação para além da convergência da Rua Lourenço Roldi (caminho rústico) e da ES-080 (Rua Dalla Bernardina) em sentido oeste para onde segue o Santa Maria do Rio Doce.

Esse espalhamento, que já acontecia em anos anteriores, se potencializou, atraindo ainda mais construções para os bairros São Roquinho e Nossa Senhora das Graças. Além disso, destaca-se o campo de futebol (ABC) presente no local, dentro da área de várzea e margeando a Rua Lourenço Roldi e a característica das estruturas existentes pelo fundo do vale (Figura 71).

Figura 71 – A estrutura urbana de São Roque do Canaã no distrito Sede por volta de 1990.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (Autor desconhecido). Adaptado pelo Autor (2024).

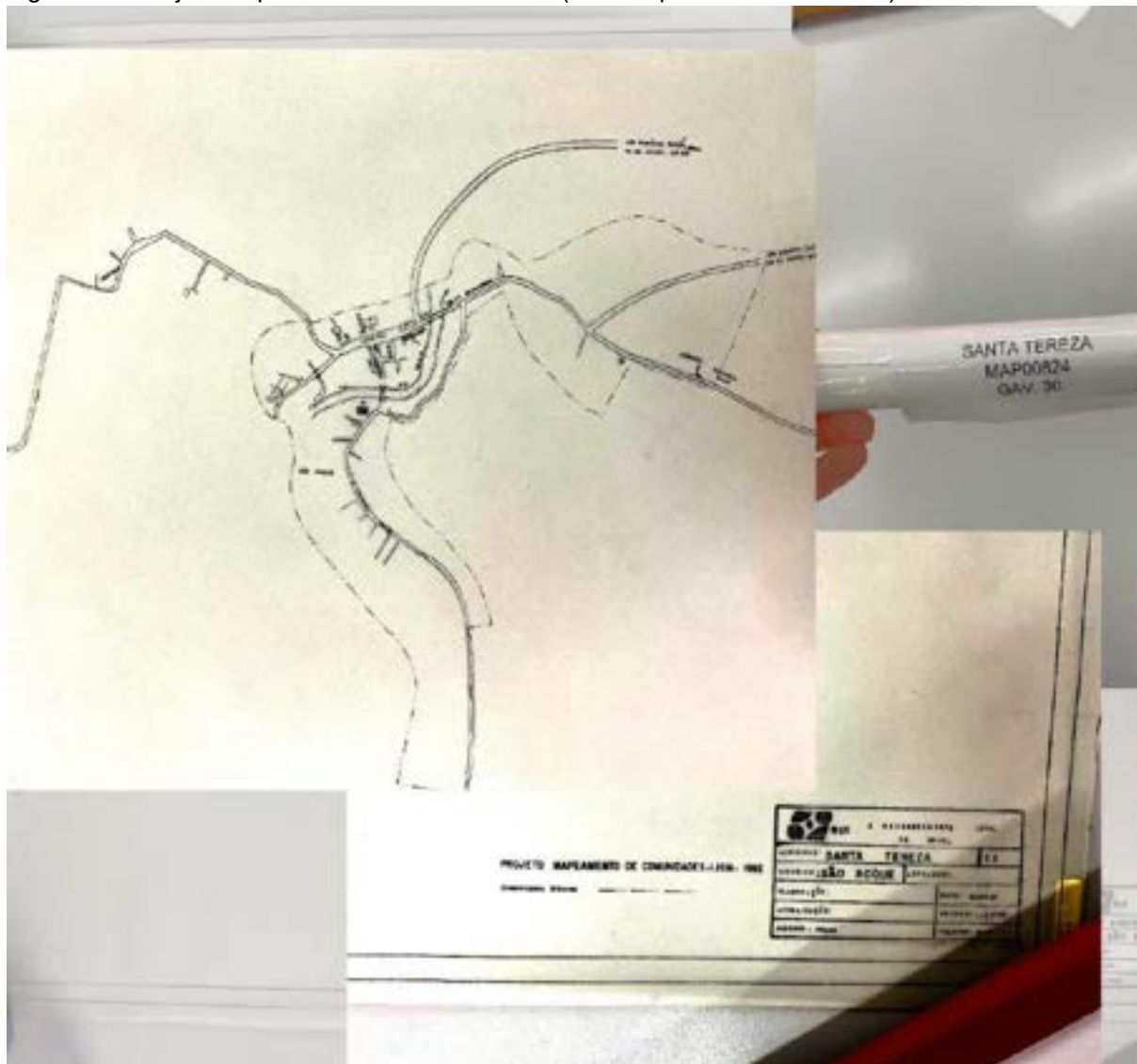
A falta de um espaço livre de uso público com caráter excepcional designou a área do antigo largo da igreja para o encontro, definindo a própria rua como um local para manifestações políticas, religiosas e sociais. Dessa forma, o campo de futebol (ABC) e o eixo criado pela Rua Lourenço Roldi (caminho rústico) e pela rodovia ES-080 (estrada regional) passaram a ser as representações do lazer local. O campo, por sua vez, insere-se ao traçado urbano fora do eixo histórico central, não sofrendo nenhum tipo de transformação até o presente momento. Na cartografia datada de 1992 destacam-se o rio, as ruas, as pontes, o colégio, a prefeitura, o posto de saúde, a antena telefônica, a igreja, o cemitério e a serraria (Figura 72),

Além disso, a topografia não possibilitou criar uma trama ou quadrícula que viesse adotar algum tipo de espaço livre construído, planejado para o descanso, sem a influência do automóvel (importante registrar que a capela de Nossa Senhora das Graças foi desconsiderada na primeira cartografia do município, destacando-se apenas a igreja de São Roque e os demais equipamentos públicos e privados).

Esse fato tem como hipótese o desinteresse da gestão ou, até mesmo, da falta de conhecimento local pelos projetistas. Seu apagamento pode ter reforçado a delegação

da igreja de São Roque como principal edifício religioso, relacionando questões topográficas, proximidade e facilidade de acesso. A área onde localizava-se o largo limitou-se às escadarias da igreja de São Roque e a rua deu lugar a uma rotatória e a canteiros arborizados.

Figura 72 – Projeto mapeamento de comunidades (São Roque do Canaã – 1992).



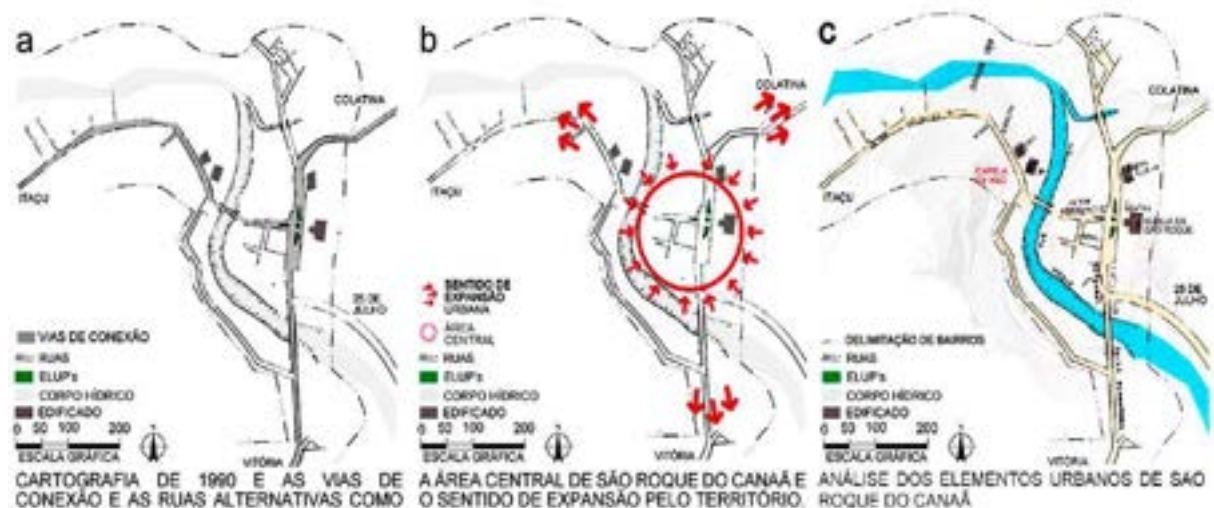
Fonte: IJSN (2024).

O confronto entre o histórico da formação do município com a primeira cartografia encontrada expressa, de forma hipotética, os possíveis espaços livres de uso público do município no ano de 1990. Na Figura 73a, As Ruas Lourenço Roldi e a Rodovia ES-080 nomeada de Dalla Bernardina distinguem-se das demais vias municipais pela dimensão, expressando a qualidade do ponto de encontro entre elas. A Figura 73b evidencia a via de conexão definida por um importante eixo do local. Essas mesmas vias contribuem com o espraiamento urbano que condicionam ou são condicionadas

à criação ou transformação dos espaços livres de uso público. Por meio da Figura 73c pode ser observado de imediato a estrutura linear articulada ao sítio.

A implantação dos elementos urbanos do espaço público e a chegada dos edifícios públicos ocorreram após o processo de terraplanagem, surgindo outras construções no local e fazendo com que “o mato” que cobria o solo fosse ocupado por residências.

Figura 73 - Representação cartográfica do município de São Roque do Canaã e seus elementos urbanos em 1990.



Fonte: IJSN. Adaptado pelo Autor (2024).

Até o ano de 2010, novas ruas foram surgindo e também novos espaços livres de uso público foram criados, sendo eles o terreno remanescente do sistema viário e a praça do bairro Nossa Senhora das Graças, já apresentados anteriormente nas Figuras 42 e 46, respectivamente. Com o rápido crescimento da área urbana sobre o morro, algumas questões podem ter influenciado no aparecimento da “praça” do então bairro Nossa Senhora das Graças.

Supõe-se que uma das contribuições seja a necessidade do melhoramento urbano e pela necessidade de criar espaços de descanso e contemplação para a população do bairro. O terreno remanescente, por sua vez, teve a atribuição de espaço livre de uso público de descanso e contemplação definindo-se por estreito espaço de terra como já apresentado e passou a receber intervenções, transformando-se, a partir de novos elementos compositivos estéticos (Figura 74).

Figura 74 - Formação urbana de São Roque do Canaã em 1980 a 2010.



Fonte: Autor (2024).

A criação de novos espaços livres, tidos para o uso público, passaram a fazer parte da estrutura urbana do município, ora voltados ao lazer, ora à contemplação e descanso e até mesmo à circulação. Até o ano de 2010, de modo geral, velho e novos espaços livres de uso público se apagaram, foram preservados ou criados de forma orgânica, ou até mesmo seguindo determinada lógica e questões da época.

#### 4.1.5 De 2011 a 2023

A partir de 2011, uma área próxima da igreja matriz de São Roque, entre os canteiros do distrito Sede e do terreno remanescente de sistema viário, foi criado mais um espaço livre de uso público, porém este passou a receber automóveis e ser utilizado ora como estacionamento ora como área de feira.

Atendo-se aos registros atuais, podem ser observados os espaços livres de uso público apontados no momento presente e descritos no item 4.1.1, sendo eles: o espaço livre frontal ao posto de saúde e o espaço livre da rodoviária que se aproxima das características de largo; a “praça” do bairro Nossa Senhora das Graças; o Campo

ABC; o terreno remanescente do desenho do sistema viário; e a própria calçada pública em frente à igreja de São Roque (Figura 75).

Figura 75 – Conjunção de fotografias aéreas com o tecido urbano até 2023.

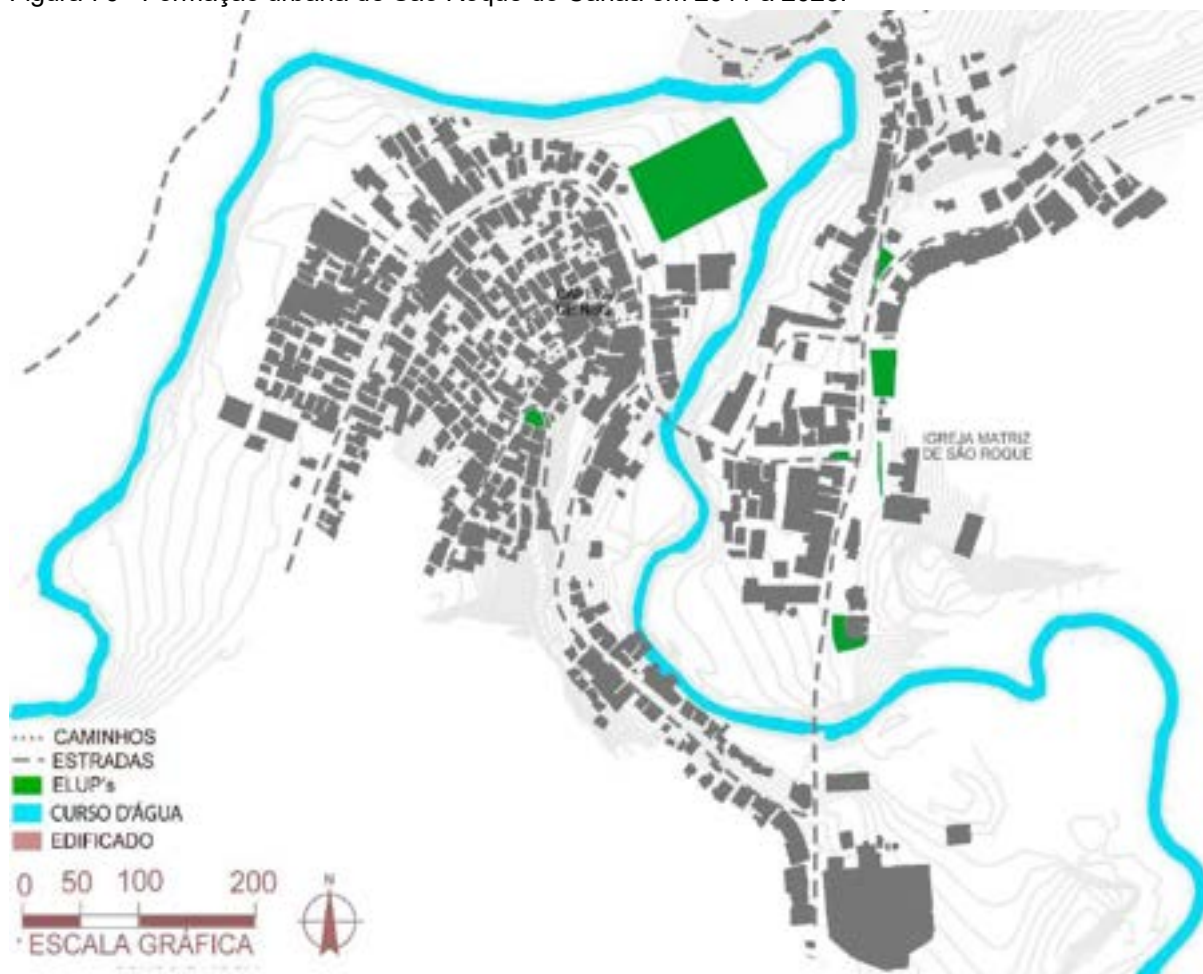


Fonte: Acervo pessoal de Marcos Dalcomune e adaptado pelo Autor (2024).

A área, antes ocupada por um equipamento público (posto de saúde), deu lugar a um estacionamento/área de feira, que tem características como rampas e escadas de acesso, e faz parte do conjunto de espaços livres de uso público do município.

Os eixos das Rua Lourenço Roldi e da Rodovia ES-080 prolongam-se pelo município atravessando São Roque do Canaã, sendo essa a sua espinha dorsal da relação entre cheios e vazios deixa clara a proporção entre o edificado e a rua, mas grande parte da estrutura privada também é espaço não edificado (Figura 76).

Figura 76 - Formação urbana de São Roque do Canaã em 2011 a 2023.



Fonte: Autor (2024).

Nos anos compreendidos entre 2011 e 2023 pode-se descrever mudanças significativas nos espaços livres de uso público, principalmente nos elementos que os compõem.

Apesar da diferença morfológica que separa um espaço livre do outro pelo tempo, dimensão, uso e localização, existem matrizes do seu traçado que os aproximam. Os caminhos, mais especificamente a convergência do caminho rústico (Rua Lourenço Roldi) com a estrada regional (Rodovia ES-080), foram os primeiros espaços livres de uso público e a disposição foi um possível ordenador do traçado urbano, designando às vias o papel de delimitadores entre o público e o privado e as edificações.

#### 4.1.6 Síntese dos ELUP's no tempo

Entre 1900 e 1930 (Figura 62), destaca-se o campo de futebol na várzea do rio (Figura 60); entre 1940 e 1950 (Figura 64), destaca-se o largo da Igreja de São Roque (Figura 63). Considera-se, a partir do tecido em que estão inseridos, o crescente aumento de construções no entorno de ambos os espaços livres. Entre 1960 e 1970 (Figura 33),

destaca-se o campo de futebol ABC (e novamente a convergência do caminho rústico com a estrada regional).

Entre os anos de 1900 e 1930, descreve-se a persistência do esporte como lazer, criando um novo campo de futebol em área de várzea, a qual não foi ocupada por edificações relacionando-se aos caminhos existentes até então. Entre 1980 e 2010 (Figura 74), destacam-se o terreno remanescente de sistema viário (Figura 42), a praça do bairro Nossa Senhora das Graças (Figura 46) e a calçada pública (Figura 48). O desenvolvimento do município pode ser reconhecido, além do número de construções, pelo aumento no surgimento de espaços livres de uso público e pela sua transformação; e entre 2011 e 2023 (Figura 76) destacam-se o estacionamento/área de feira (Figura 44).

Considerando que dentre os espaços livres de uso público, as ruas e as praças são importantes referências constituídas pelo vazio entre os quarteirões, considerando o fato de que a rua é um elemento comum integrante do espaço público e a praça um elemento de exceção (Dias Coelho, 2013), julga-se necessário analisar o momento preciso da existência de cada espaço livre não só para a sua compreensão, mas também para descrever o tempo em que esses espaços foram produzidos.

Com base nas fotografias e pelo redesenho elaborado, listou-se os espaços livres de uso público a partir da sua tipologia e tempo de criação. Cumpre ressaltar que as diferentes formações de um mesmo espaço se referem às transformações ocorridas ao longo do tempo.

O campo de futebol notadamente representou o primeiro espaço destinado ao lazer do município e o seu apagamento relaciona-se aos modos de ocupar a área da várzea do rio. Sua substituição por construções é determinante para que a força cultural religiosa se direcione caminhos e permanências.

Nesse sentido, o fim do campo de futebol na área de várzea deu lugar à criação do largo da igreja de São Roque pela cultura religiosa local, que esteve presente desde o início do processo de formação do município, mas que, também, acabou não resistindo a esse processo. Surgimentos e apagamentos demarcam períodos de transição entre a formação do município e seus espaços livres de uso público.

A partir de 1950, os espaços livres que foram surgindo passaram a se enquadrar no contexto local permanecendo, se transformando, persistindo até o momento presente. O campo de futebol ABC, o desenho remanescente de vias, a praça do bairro Nossa

Senhora das Graças e a calçada pública em frente à igreja de São Roque são alguns desses exemplos.

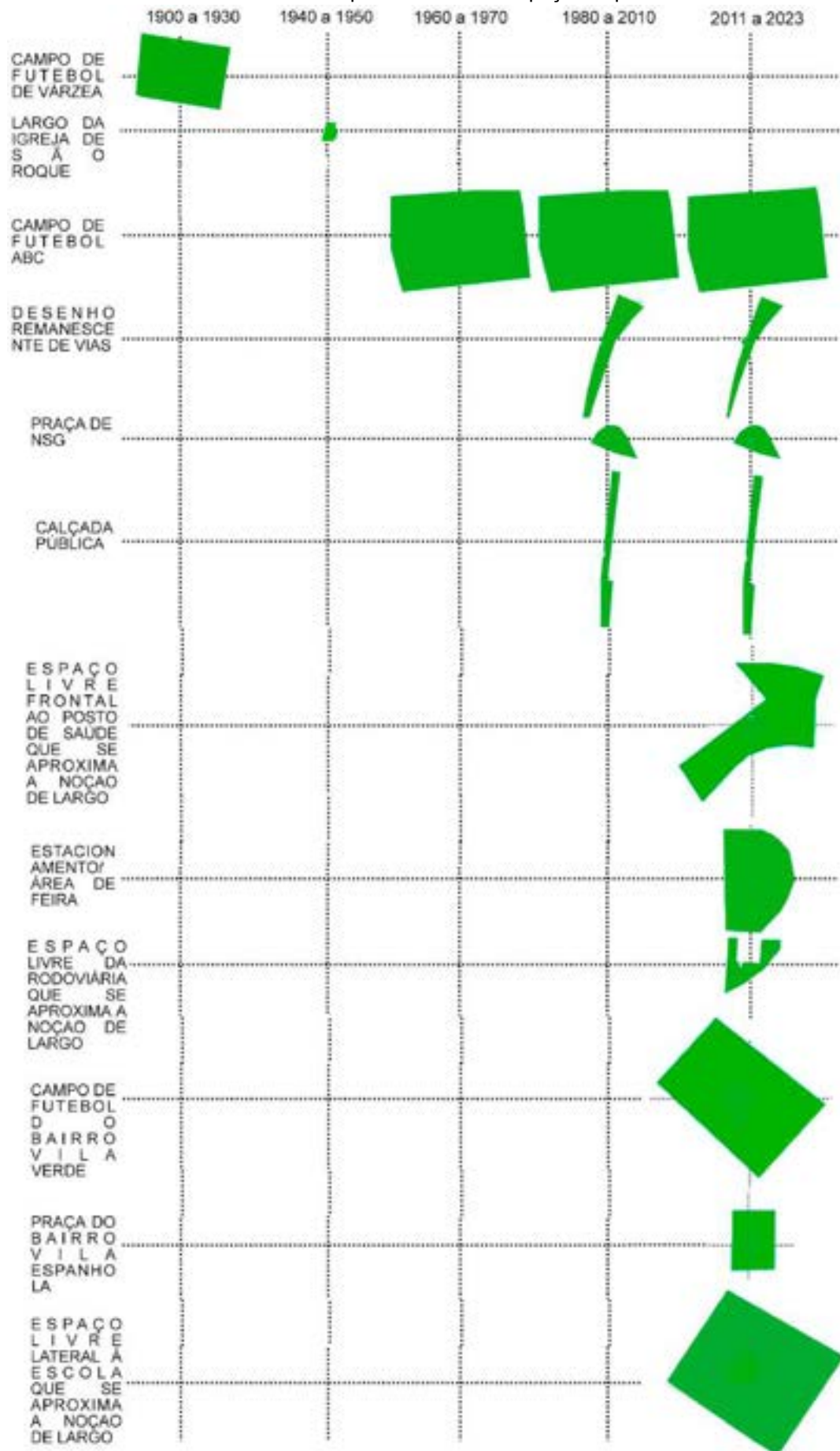
Se comparados aos espaços livres do momento presente, nota-se que a calçada pública chama a atenção por ser parte do desenho das vias e possivelmente sem nenhuma alteração de área foi transformada em canteiro com vegetação e elementos decorativos. Porém a referida calçada possui uma relação direta com o antigo largo pela sua localização, tanto em relação a proximidade com a igreja quanto ao ponto de convergência das vias, pelo seu sentido como um espaço público que antecede e faz parte dos acessos da igreja de São Roque do Canaã e pelos elementos urbanos que a compõe como é o caso de postes de iluminação e bancos.

Os espaços livres de uso público seguintes adaptaram-se às necessidades advindas do recente processo de formação urbana, definindo um novo período nesse acúmulo de camadas do tempo, o palimpsesto apresentado por Costa; Netto (2017) para os momentos históricos e evolutivos do município (Figura 77).

Ao relacionar a gênese de São Roque do Canaã atendo-se ao seu traçado e aos seus espaços livres de uso público, uma questão chama a atenção na formação urbana do município: todos os espaços livres de uso público encontrados, tanto no momento presente quanto em tempos pretéritos, de alguma forma, se conectam à Rua Lourenço Roldi ou a Rodovia ES-080.

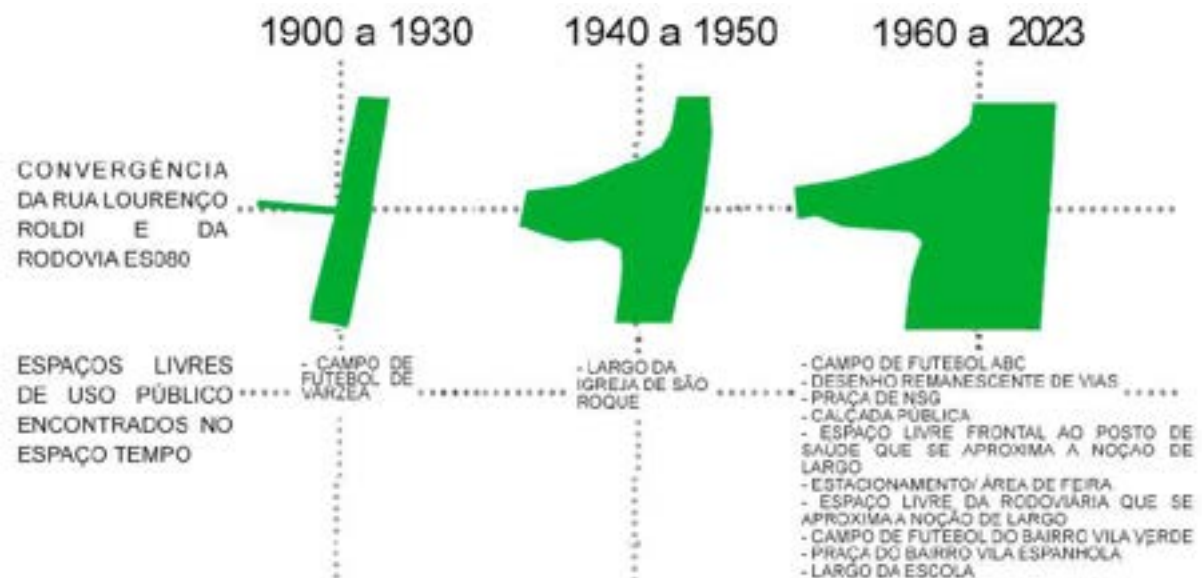
Desse modo, o que pode ser destacado dentre esses espaços vai além da criação e permanência deles. Assim, a influência do encontro entre esses caminhos durante a formação urbana de São Roque do Canaã define-se pela sua persistência no tempo, marcando o início do espaço público estruturador do município (Figura 78).

Figura 77 - Síntese dos ELUPS de São Roque do Canaã no espaço-tempo.



Fonte: Autor (2024).

Figura 78 - Síntese da convergência da Rua Lourenço Roldi e Rodovia ES-080 no espaço-tempo.



Fonte: Autor (2024).

Dessa forma, mediante as constatações, busca-se, a partir de uma interpretação analítica, reconhecer nas minúcias como foi a transformação do eixo formado pela Rua Lourenço Roldi e a Rodovia ES-080 em um fragmento do distrito Sede do município. Procura-se observar os padrões definidos a partir da sua métrica para especular junto de sua dimensão atual como esse veio a se modificar ao longo do tempo.

Também cumpre destacar a importância de investigar o período em que esse elemento se estagnou, afinal, a sua permanência ao longo dos anos pode ser efeito da longevidade da sua forma, conservando a disposição e transformação dos seus elementos. Afinal, quais são os elementos surgidos desse espaço? Eles se transformaram? Ficaram inertes durante esse mesmo período de estagnação formal da rua? Portanto, vamos à dimensão setorial.

#### 4.2 A DIMENSÃO SETORIAL

As transformações ocorridas durante a formação do município, e a permanência da estrutura dos caminhos desde sua gênese justifica o fato de que embora o traçado atual não apresente grandes transformações morfológicas, o tecido edificado, pelo contrário, revela grandes mudanças e influência sobre esse espaço. A Figura 79 a seguir refere-se ao fragmento da área a ser analisada dentro do distrito Sede descrito pelo tecido urbano no momento presente, com a realidade da área construída incluindo indissociavelmente as ruas, parcelas e edifícios.

Figura 79 – Área de análise da dimensão setorial.



Fonte: Autor (2024).

Esse fragmento reúne de fato características excepcionais em diferentes períodos justificando assim a sua leitura no tempo. Por isso, importa fazer um enquadramento do método e das fontes que serviram de suporte para a reconstrução do processo. O acervo de fotos levantadas sobre o município condensa a repetição e foco das fotografias para a convergência dos caminhos em diferentes épocas, revelando o interesse e propensão ao desenvolvimento e transformação do espaço livre de uso público local.

A partir da existência de evidências, principalmente as que se relacionam com a história do município, a conservação do seu traçado e a possibilidade de reconstrução do seu estado original, identificou-se três momentos para a criação da identidade do local, sendo eles: de 1900 e 1930 com a gênese e criação dos caminhos, de 1940 a 1950 com mudanças topográficas e suas mudanças físicas e de 1960 a 2023 com a inserção de elementos e a transformação deles.

#### **4.2.1 De 1900 a 1930**

Até o presente momento, não se registra nenhuma fonte documental em que possa ser diagnosticado o desenho prévio de algum espaço livre de uso público de São Roque, além dos próprios caminhos. Porém supõe-se que o início do século XX tenha

como referência uma imagem sem datação descrita pelo encontro de pessoas em frente à capela de São Roque (Figura 80).

Figura 80 – Capela de São Roque no início do século XX.



Fonte: Biasutti; Loss (1999).

Na partir da Figura 78 apresentada anteriormente, podem ser observadas características como a própria degradação do documento, as vestimentas das pessoas, vegetações, o morro e a capela de São Roque. Essas características contribuem para definir o ano de 1900.

Ao considerar a história regional para a explicação do lento desenvolvimento urbano no início do século XX, evidencia-se a chegada dos imigrantes marcada por dificuldades em desbravar o território devido às suas características físicas e naturais, como a floresta virgem, as chuvas torrenciais e as inundações (Biasutti; Loss, 1999).

Segundo documentos<sup>12</sup> históricos oficiais, a falta de interesse dos governantes da época perdurou por um tempo devido ao alto custo de investimento para a exploração da região. Sendo assim, o que nos aproxima de caracterizar a possível estruturação do que se considera como espaço livre de uso público são os próprios caminhos. Dessa forma, traçou-se o primeiro caminho linear pela orientação leste e perpendicular ao Santa Maria do Rio Doce. Esse percurso caracteriza-se pela sua sinuosidade e direção, prolongando-se até a meia encosta do morro onde consolidou-

<sup>12</sup> INSTITUTO JONES DO SANTOS NEVES – IJSN. Condizioni del coloni italiani: di Spirito Santo e di Minas Geraes (Roma, 1902). Relazioni del dott. Arrigo de zettiry Brasil, 2023.

se a referida capela de São Roque, marcando a primeira passagem dos colonizadores na região (Figuras 81 e 82).

Figura 81 - A evolução do eixo central em no início do século XX.



Fonte: Autor (2024).

Entre 1910 e 1920, demonstra-se a demarcação do caminho rústico descrito com uma forma pouco definida, apenas pelo solo exposto, sugerindo o contínuo fluxo de pessoas e a estrada regional descrita com características que mais se aproximam de uma rua pela sua largura e demarcação linear (Figura 83). A estrada regional passa a se localizar a leste do Santa Maria do Rio Doce, inserindo-se paralelamente a igreja e perpendicular ao caminho rústico adaptando-se a topografia.

Figura 82 – Representação gráfica do caminho rústico em 1900.



Fonte: Autor (2024).

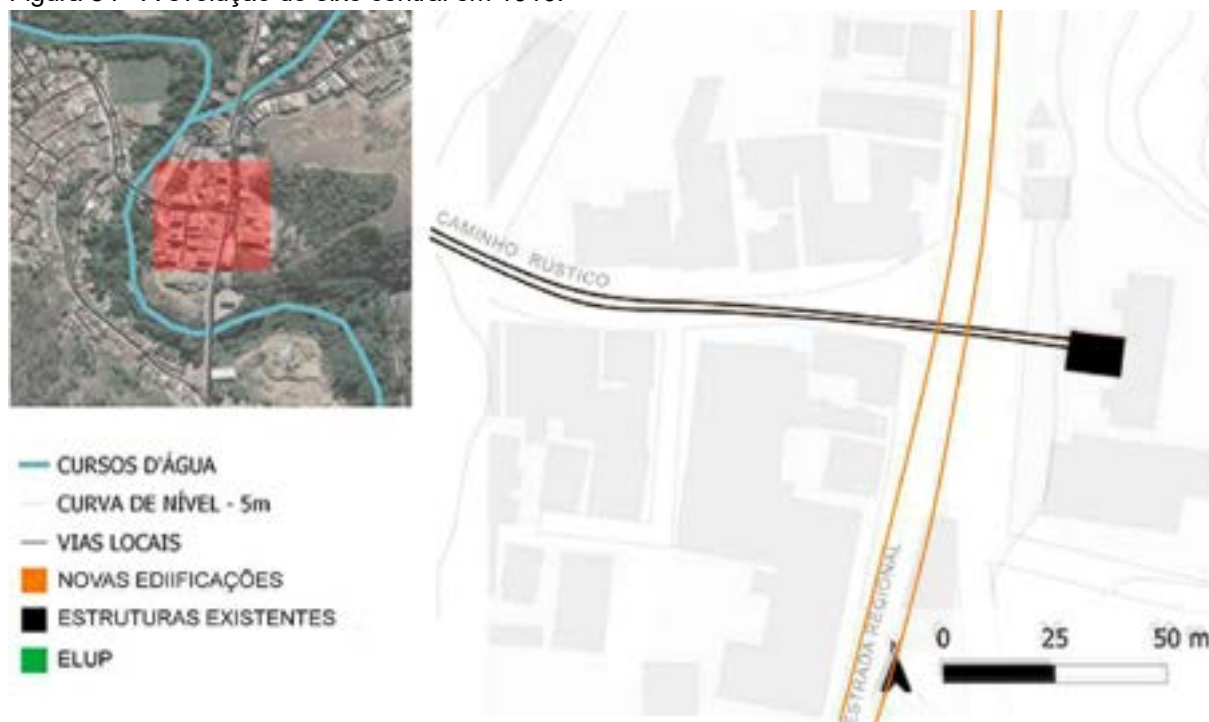
Figura 83 - A evolução do eixo central entre 1910 e 1920.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (S/D), adaptado pelo Autor (2024).

A convergência entre os dois caminhos formando um “T” e os espaços livres são definidos pela sua forma, como duas retas que, por continuidade e regularidade, reúnem e organizam as construções e os espaços livres. A dimensão define-se pelo objetivo de se locomover, descrevendo assim o caminho rústico pelas suas características primitivas, estreitas, ligando o curto trecho entre as capelas. Sua dimensão é demarcada por uma linha reta com largura de poucos centímetros, considerando a passagem de uma pessoa. Já para a estrada regional, perimetral ao morro, acredita-se que a sua largura estaria próxima de metros, com base em comparações e proporções, como é apresentado na Figura 84.

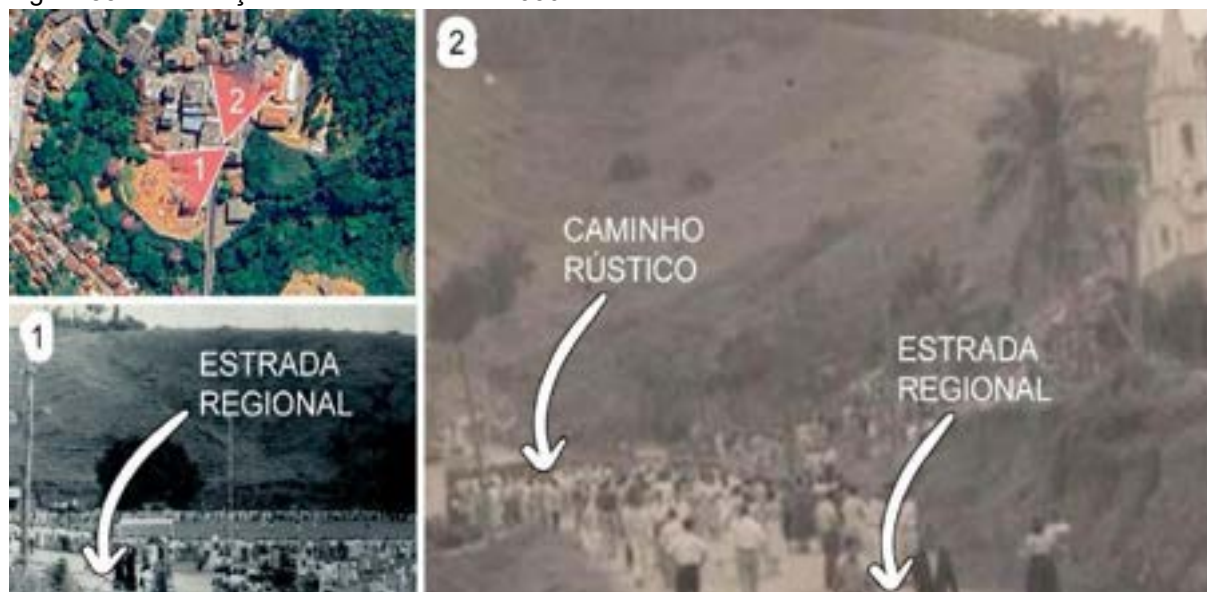
Figura 84 - A evolução do eixo central em 1910.



Fonte: Autor (2024).

O fato de ser uma área rural com abundância de espaços livres naturais e sem uma estrutura urbana consolidada, caracteriza a facilidade com a acessibilidade para o espaço livre de lazer e contemplação, dificultando ou até mesmo impossibilitando diferenciar as categorias público e privado. Tal diferenciação pode ser descrita pela inserção de elementos como o uso de cercas de arame farpado e de porteiças para limitar o acesso de pessoas nas propriedades (Figura 85).

Figura 85 – A evolução do eixo central até 1930.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (S/D), adaptado pelo Autor (2024).

Acredita-se que São Roque do Canaã do início do século XX até o ano de 1930 ainda apresentou indícios de condições que dificultavam a formação urbana, inexistindo o uso de leis sobre as terras públicas, privadas e devolutas. A Figura 86 a seguir indica a representação do traçado da época e a relação entre os dois caminhos já apresentados anteriormente.

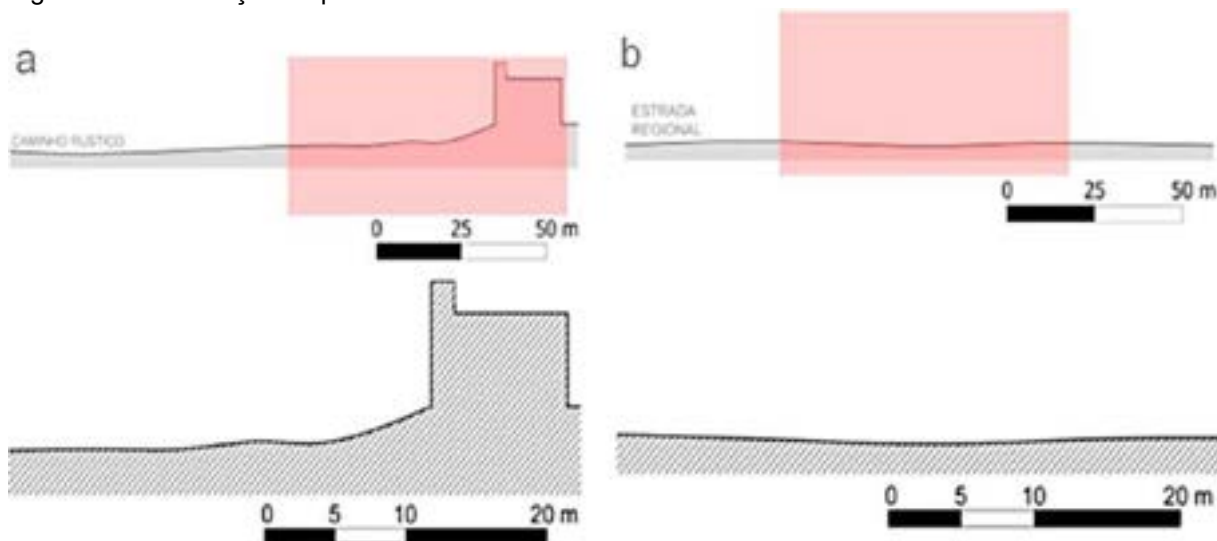
Figura 86 - A evolução do eixo central até 1930.



Fonte: Autor (2024).

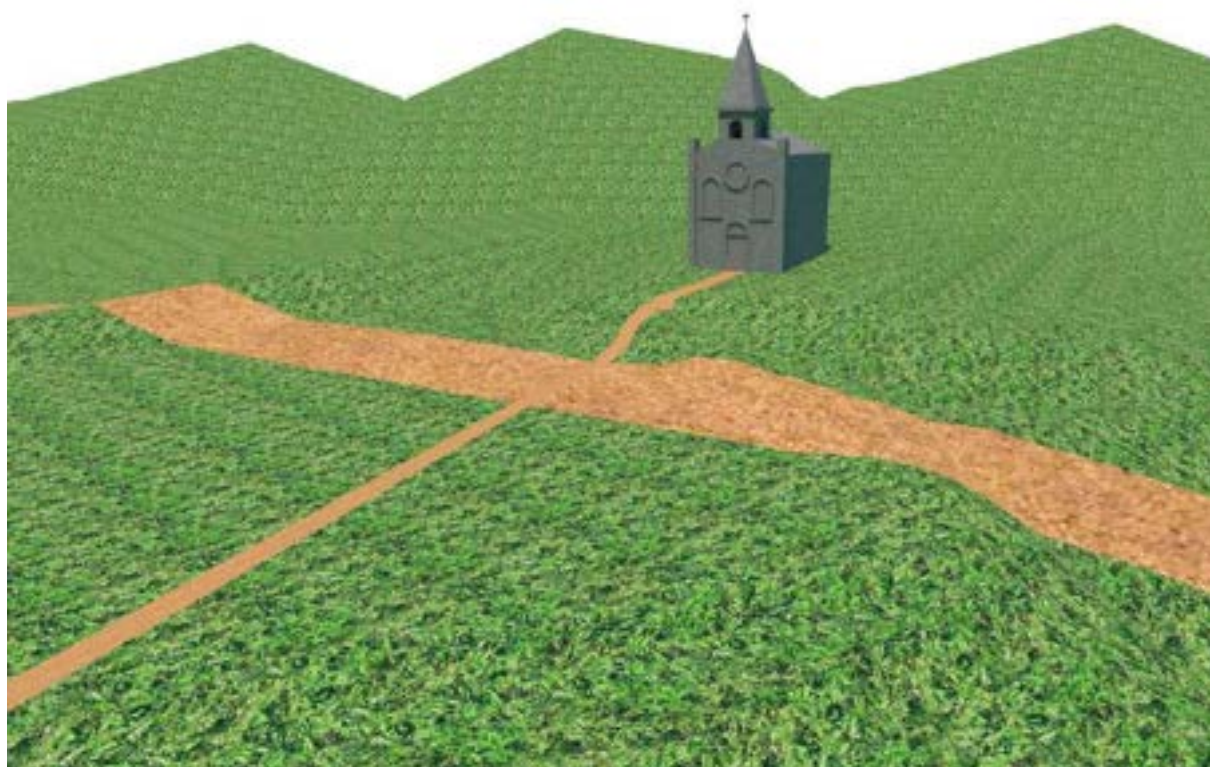
Com cota sem mudanças bruscas, o caminho rústico segue em direção ao acesso da igreja de São Roque localizada na base do morro. A estrada regional, por sua vez, também de forma sinuosa devido as características naturais do relevo, segue o desenho mais plano, cruzando o caminho rústico em frente à igreja. A partir da consolidação dos dois caminhos influenciados pela procura de terras, acontecimentos históricos religiosos e pela conexão entre regiões, novos espaços começaram a ser criados a partir da herança cultural dos primeiros moradores (Figura 87 e 88).

Figura 87 – A evolução do perfil do eixo central entre 1900 e 1930.



Fonte: Autor (2024).

Figura 88 - Representação gráfica do caminho rústico em 1930.



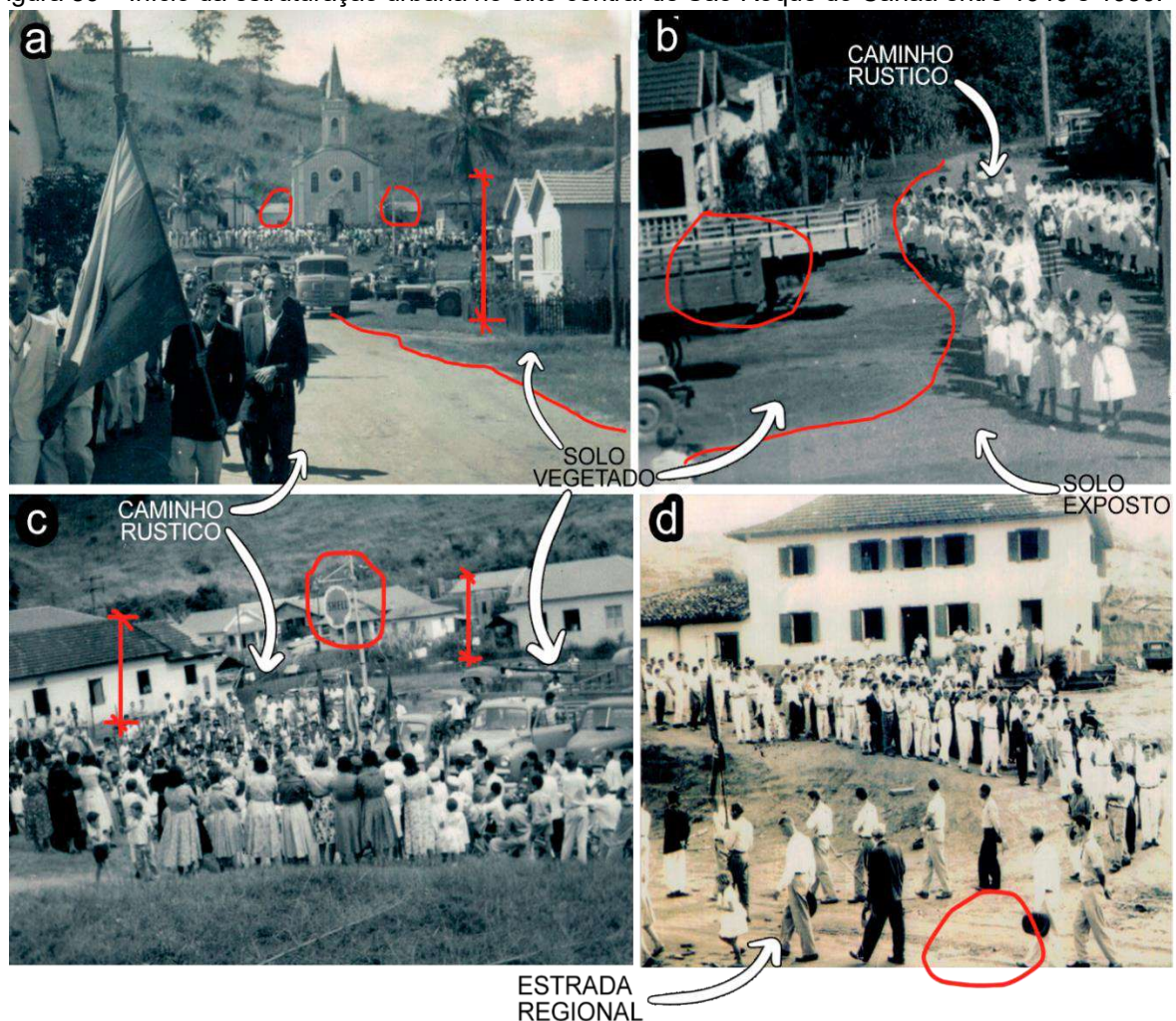
Fonte: Autor (2024).

#### 4.2.2 De 1940 a 1950

Os anos compreendidos entre 1940 e 1950 definem a continuidade da estrutura inicial marcando a permanência do desenho do caminho rústico e da convergência com a estrada regional que serviu de suporte para o processo de estabelecimento das primeiras construções entre os edifícios singulares.

A partir da estrada regional, os vestígios encontrados dos anos compreendidos entre 1940 e 1950 podem ser observados pelas fotografias (Figura 89) que apresentam as características físicas da época como a inserção do edifício singular com sua fachada direcionada uma à frente da convergência de caminhos que formam o possível núcleo central. As possíveis tipologias das edificações, sua altura, seus elementos limítrofes e sua distância em relação as edificações opostas à rua. Os caminhos feitos pelo solo exposto tendo na área vegetadas como um possível espaço privado com automóveis estacionados (possíveis formas de delimitar o espaço público e privado da época) e a falta de infraestruturas urbanas como o uso de qualquer tipo de revestimento no solo e drenagem (Figuras 90 e 91).

Figura 89 – Início da estruturação urbana no eixo central de São Roque do Canaã entre 1940 e 1950.



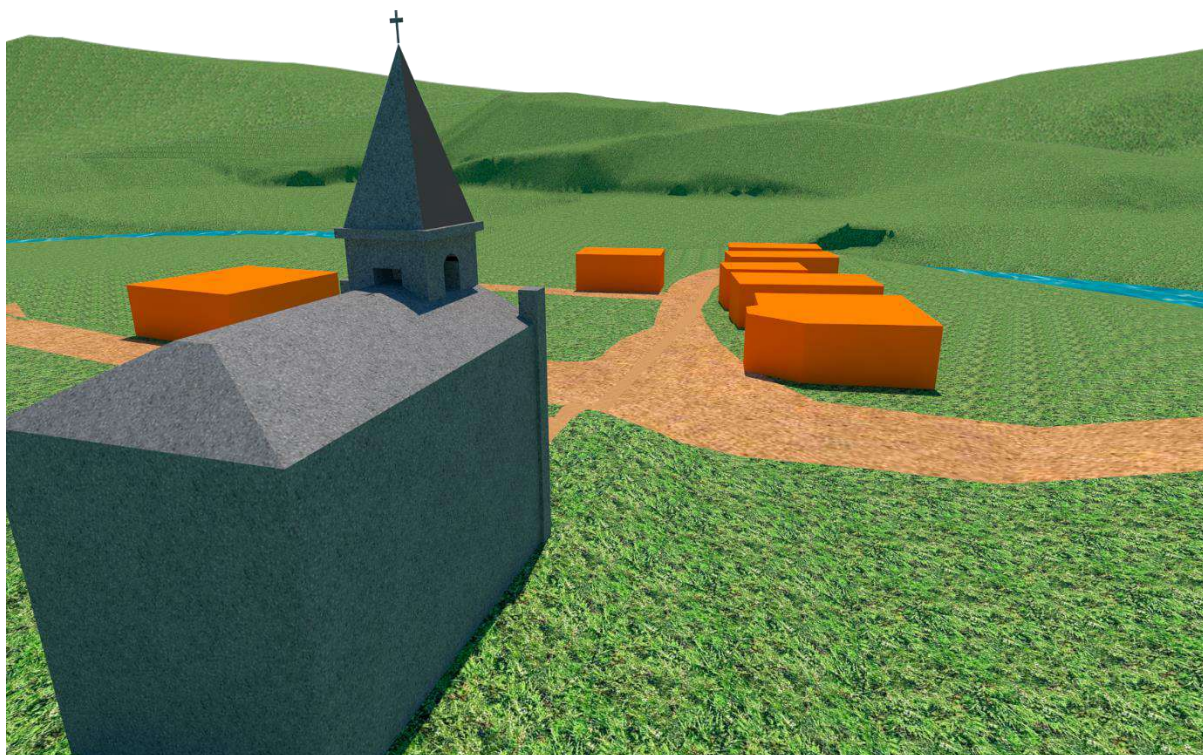
Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (S/D), adaptado pelo Autor (2024).

Figura 90 - A evolução do eixo central em 1940.



Fonte: Autor (2024).

Figura 91 - Representação gráfica do alargamento do caminho rústico em 1940.



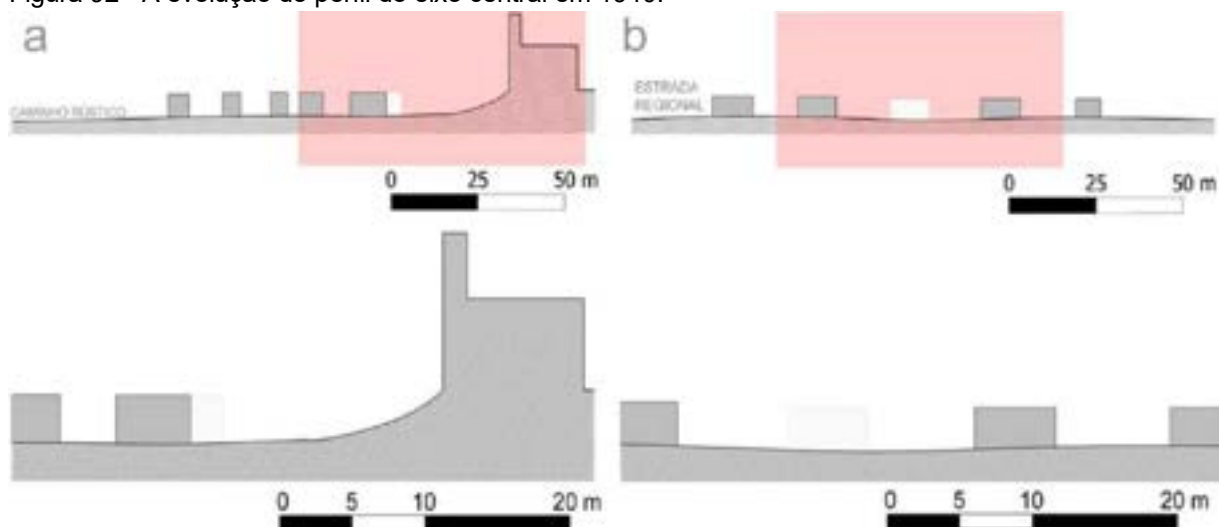
Fonte: Autor (2024).

O caminho rústico ganhou uma dimensão maior indo de um pequeno espaço onde era possível compará-lo a estatura de uma pessoa com uma média de 7 a 8 metros, delimitado pelo solo exposto e confrontando-se com a cobertura vegetal em frente as

residências locais como apresentado anteriormente. O alargamento dos caminhos supõe a importância dada ao espaço urbano na época

Com a Figura 92<sup>a</sup> fica relativamente evidente para o período a relação do traçado com a topografia. A demarcação dos caminhos e a formação de uma área com algumas construções dispostas em um sítio natural sugerem a definição de um tecido, cujo traçado orgânico formam uma área pouco adensada, com edificações de um único pavimento. A Figura 92b, por sua vez, retrata a estrada regional correndo a linha do vale disposta por um princípio de adaptação ao sítio. O largo da igreja tornou-se uma área de reuniões e festejos, sem a circulação de automóveis e com características naturais sem alterações.

Figura 92 - A evolução do perfil do eixo central em 1940.



Fonte: Autor (2024).

A Figura 93 sem qualquer tipo de informação datada, evidencia a nave da igreja e pelo elemento em sua lateral definido como coreto. A fotografia utilizada para registrar algum acontecimento apresenta juntamente as características de um largo, registra a topografia ainda com características originais sem a construção de infraestruturas urbanas. Também pode ser apontada a edificação da época ao lado da igreja.

Sobre a formação urbana com as novas edificações nesse período, Biasutti e Loss (1999, p.95) explicam que “Alguns se instalaram nas proximidades da igreja, hoje centro da cidade. Porém, a grande maioria buscou a área rural para o cultivo de café” (Figura 94). Pelas Figuras e 95<sup>a</sup> e 95b permite-se compreender a configuração das novas edificações e a sua relação com a rua principal. A construção do traçado passou a depender da adaptação progressiva dos elementos incorporados no espaço

urbano, especificamente relacionado as características físicas do sítio natural e a infraestrutura.

Figura 93 – Reunião na área ao lado da Igreja de São Roque em 1950.



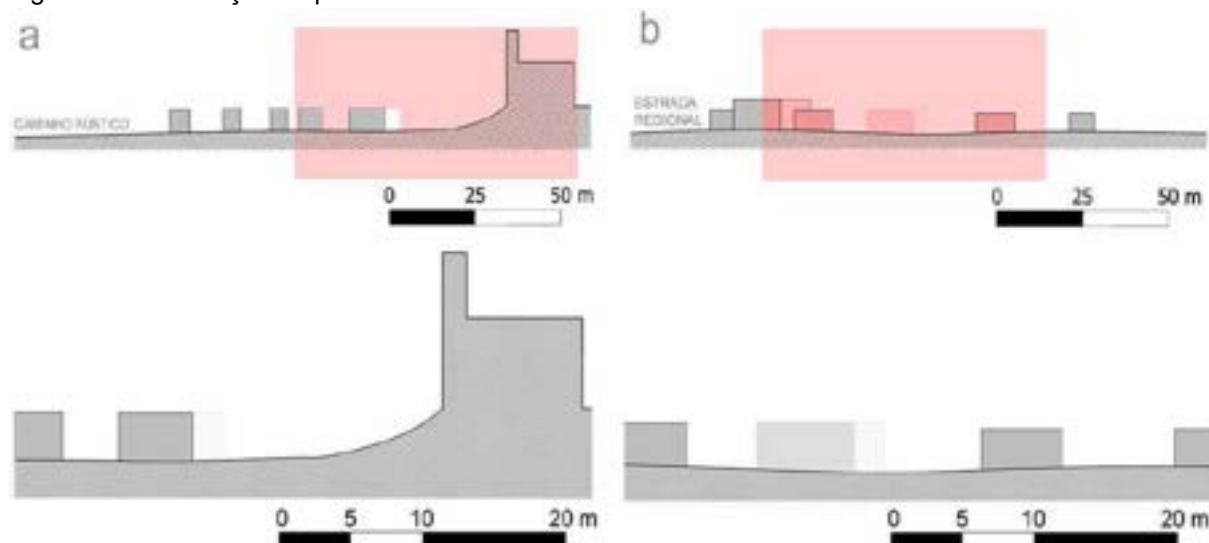
Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (S/D), adaptado pelo Autor (2024).

Figura 94 - A evolução do eixo central em 1950.



Fonte: Autor (2024).

Figura 95 - A evolução do perfil do eixo central em 1950.



Fonte: Autor (2024).

Ao final de 1950 e marcando a virada para o ano de 1960 pode ser observada a estrutura urbana se formando a partir do processo evolutivo. O largo deixou de existir conferindo alterações geográficas no local com corte e aterro em frente à então igreja de São Roque. O espaço do largo, antes com cobertura vegetal, passou a ter o solo exposto, recebendo escadarias delimitando a circulação de carros e pedestres (Figura 96).

Figura 96 - Corte e aterro em frente à igreja de São Roque a partir de 1960.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (Autor desconhecido). Adaptado pelo Autor (2024).

Nesse mesmo período em que o largo desapareceu, a rua passou a servir de palanque para o lazer cultural da região. Segundo Biasutti (1994, p.100), no ano de 1960, “[...]”

quatro mil pessoas assistiam a primeira apresentação da Paixão de Cristo.” O autor ainda afirma que esse foi um período de desenvolvimento industrial com o surgimento de fábricas, expandindo-se e criando novos bairros. Levando em consideração as fotografias usadas para registrar a peça teatral ao ar livre, essas podem conter informações sobre essa área em períodos distintos (Figura 97).

Figura 97 – Evidências de surgimento e mudanças de equipamentos urbanos ainda no final de 1950.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (Autor desconhecido). Adaptado pelo Autor (2024).

#### 4.2.3 De 1960 a 2023

A complexidade de se ater as minúcias e reconhecer o processo de formação de São Roque do Canaã a partir do material encontrado tornou o trabalho cada vez dificultoso visto as poucas evidências com precisão encontradas. Porém uma fotografia contribui com o entendimento de parte desse processo. Pela Figura 98, sem uma data específica, pode ser observado o grande espaço livre onde se deu a convergência dos primeiros caminhos do local.

Além disso, podem ser observados o número de edificações na área da várzea, todas em sua maioria seguindo tipologias parecidas de um pavimento. O que chama a

atenção é o processo de terraplanagem com solo exposto possivelmente caminhando para a forma do local que pode ser observada no tempo presente. O período apresentado se comparado ao processo de formação urbana apresentado até o momento, sugere que esse registro tenha sido feito entre 1960 e 1970.

Figura 98 - Evidências do processo de formação urbana de São Roque do Canaã entre 1960 e 1970.



Fonte: Junior Vago (2024).

Fotografias datadas por volta do final do ano de 1970, registrando o uso da Rua Lourenço Roldi e da ES-080 para desfiles cívicos e religiosos se tornam evidências do surgimento de indústria e novas residências, além do suposto início da verticalização do local (Figura 99).

Figura 99 – Registros no espaço urbano pelo final do ano de 1970.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (Autor desconhecido). Adaptado pelo Autor (2024).

A conjugação do espaço do antigo largo com a rua passou a constituir uma “unidade” elementar com eixo central o qual recebeu a adaptação de um elemento incorporado no espaço urbano. Tal elemento é descrito por uma peça individual, de destaque, com uma forma geométrica circular. O monumento passou a ser utilizado supostamente como embelezamento urbano ou como alguma significação religiosa, política ou cultural.

Considerando a transformação do espaço urbano, acredita-se que seu uso também pode estar relacionado ao sistema rodoviarista, posicionado de forma que oriente a direção dos veículos. Levando em consideração as definições e conceitos apresentados por Lamas (2000), entende-se que este pode ser um elemento do espaço livre de uso público para recordar, ou marcar algum feito.

A Figura 100 apresenta a transformação da igreja de São Roque a partir da adição de dois elementos em suas laterais. Segundo Biasutti e Loss (1999) à medida que a população local ia crescendo, via-se a necessidade de aumentar as dimensões da igreja para que ela comportasse ainda mais frequentadores. Podem ser observados também postes de iluminação e o referido monumento.

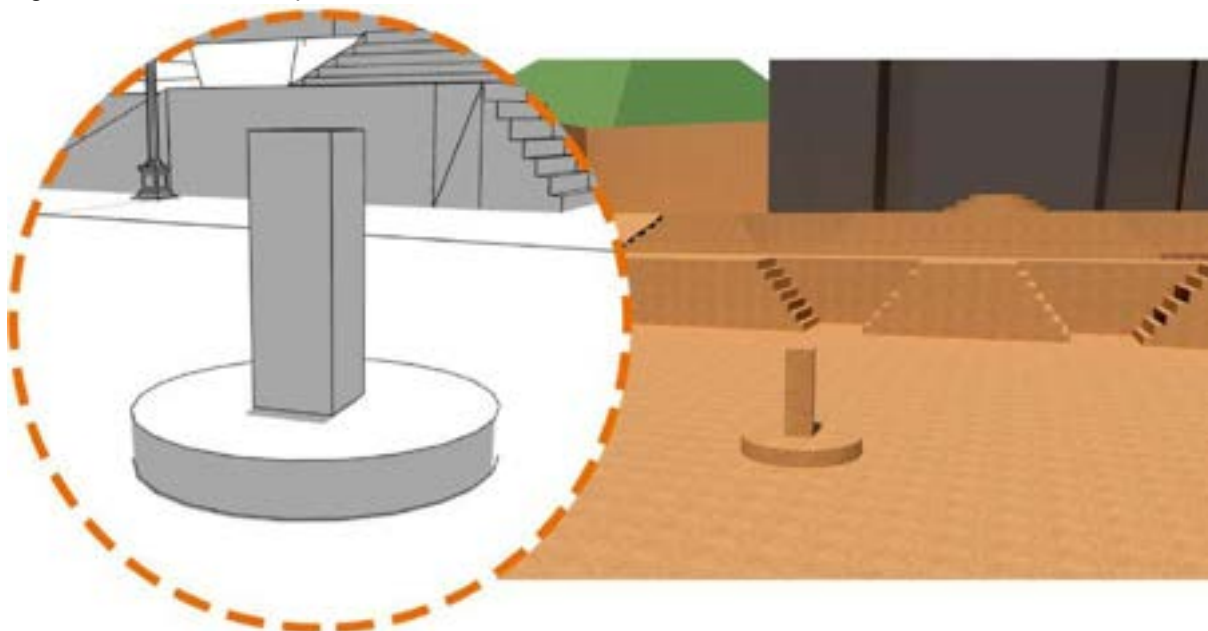
Figura 100 - O monumento na convergência da de São Roque do Canaã em 1960.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (Autor desconhecido). Adaptado pelo Autor (2024).

Com uma altura de aproximadamente 1.80 metros, sua posição estratégica destaca o ponto de encontro entre a estrada principal e a estrada regional. Dessa forma, o monumento marcou e se destacou no trecho da via em que se convergem os caminhos, servindo como composição para o espaço livre (Figura 101).

Figura 101 – Detalhe do primeiro monumento datado entre os anos de 1960 e 1970.



Fonte: Autor (2024).

Até o final no ano de 1970 pode ser percebido o processo de estagnação da dimensão do eixo principal. As edificações continuam sendo dispostas de modo frontal à rua principal e/ou para a estrada regional.

A toponímia dos caminhos com o tempo se apagou, mas não o seu direcionamento e suas materialidades. A região passou por momentos evolutivos cujas mudanças podem ser observadas também na própria toponímica das vias. O caminho entre as capelas denominado de caminho rústico passou a ser considerado como uma rua principal, que por sua vez recebeu o nome de Rua Lourenço Roldi: “Lourenço Roldi estabeleceu-se como comprador de café e outros negócios, com excelentes resultados. Enriqueceu-se merecidamente, sendo hoje nome da principal rua de São Roque do Canaã” (Biasutti; Loss, 1999, p.106). A estrada regional por sua vez passa a denominar-se de Rodovia ES-080 devido ao crescente fluxo entre as regiões (Figura 102).

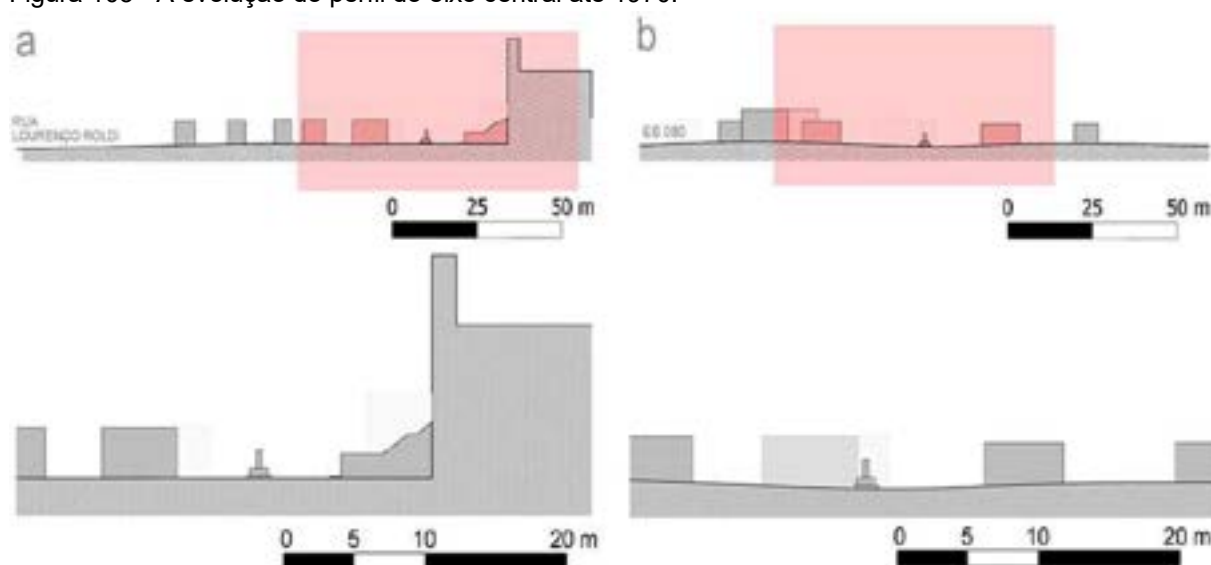
Figura 102 - A evolução do eixo central em 1960 e 1970.



Fonte: Autor (2024).

O espaço temporal que caracteriza esse período foi então marcado pelo adensamento criado pelas novas construções principalmente as que se localizavam sobre a área do antigo campo de futebol na área de várzea. Para além de inserir novas construções incorporadas às preexistências, o entorno do eixo central ganhou gradualmente um conjunto de edificações seguindo uma nova lógica de parcelamento do solo (Figura 103).

Figura 103 - A evolução do perfil do eixo central até 1970.



Fonte: Autor (2024).

O ano de 1980 é marcado por registros com características que demonstram a rapidez da transformação da área e as ruas apresentam calçamento nas vias com paralelepípedos e também se nota que o monumento não se encontra mais no lugar apresentado anteriormente. A Figura 104 a seguir faz menção a pausa do teatro no município pela morte do seu idealizador e destaca a frente da igreja como a principal área onde acontecia essa reunião religiosa.

Figura 104 – A formação da urbana de São Roque e os elementos e transformações pelo ano de 1980.



Fonte: Acervo pessoal da Associação beneficente e cultural de São Roque do Canaã, Clube ABC (2023).

Além disso, documentos da época criados objetivando o processo de emancipação do município podem comprovar a transformação urbana a partir das novas infraestruturas e o uso do termo “praça” para a área em frente da igreja. Esse período é marcado pela inserção de mais elementos em meio a rua, delimitando as áreas de rodagem supondo a necessidade de estipular o ir e vir (mão e contra mão) dessa área ampla. O ponto onde estava o primeiro monumento passou a receber uma rotatória a qual intercalou três canteiros (Figuras 105).

Os espaços abertos e gramados em frente as casas deram lugar para as fachadas que passaram a servir de muros, privando o acesso das pessoas. Possíveis quarteirões traduzem a transição entre a continuidade do espaço urbano para o rural, caracterizando os espaços livres de uso público da época junto com os canteiros centrais incorporados ao monumento e a rotatória (Figura 106).

Figura 105 – Representação gráfica com a criação de canteiros e rotatória em 1980.



Fonte: Autor (2024).

Figura 106 – a implantação de canteiros vegetados junto ao monumento a partir de 1980.



Fonte: Acervo pessoal Inês Roldi (Autor desconhecido).

Ao voltarmos para a leitura do eixo central relacionado a forma urbana, percebe-se que seu entorno passou a receber cada vez mais construções, delegando a rua e as calçadas como os espaços livres de uso público do período. Estes por sua vez tinham o papel de descanso, contemplação e circulação, porém distinguiram-se pelo uso por pedestres e pelo automóvel (Figura 107).

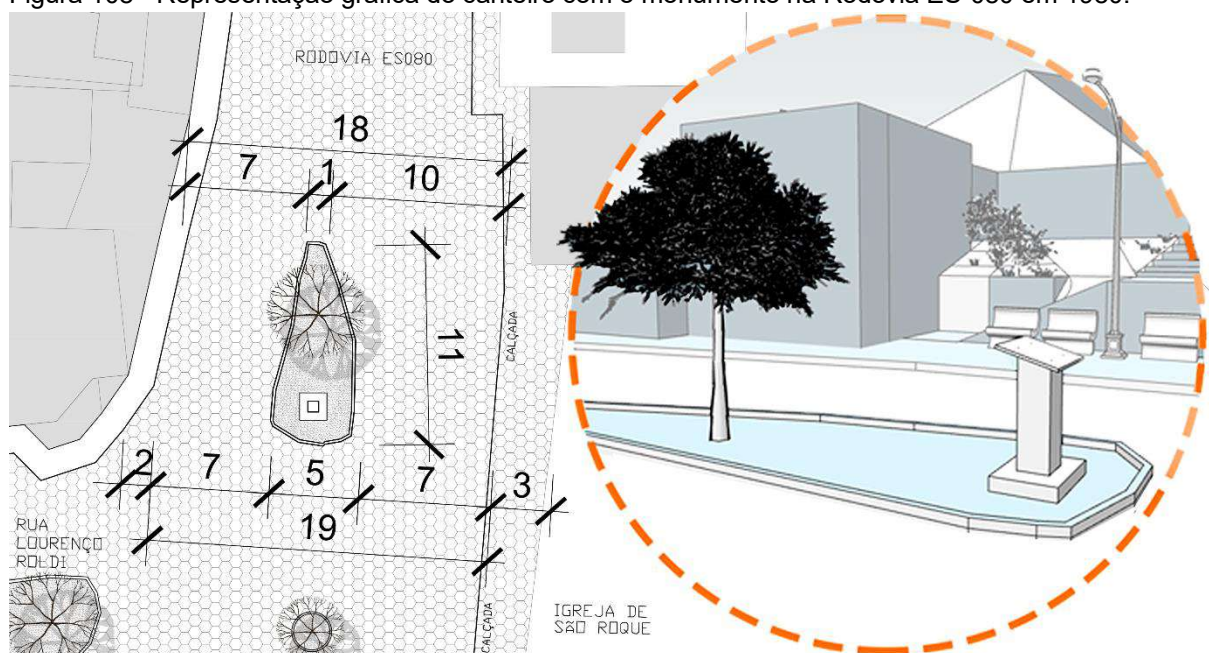
Figura 107 - A evolução do eixo central em 1980.



Fonte: Autor (2024).

O período apresenta o crescente aumento de construções privadas e a inexistência de outras áreas que se enquadrem na categoria de espaços livres de uso público. O canteiro com árvores passou a constituir os elementos urbanos no eixo central, identificáveis na estrutura urbana caracterizando a imagem do município, compondo, organizando, definindo e contendo o espaço urbano central (Figura 108).

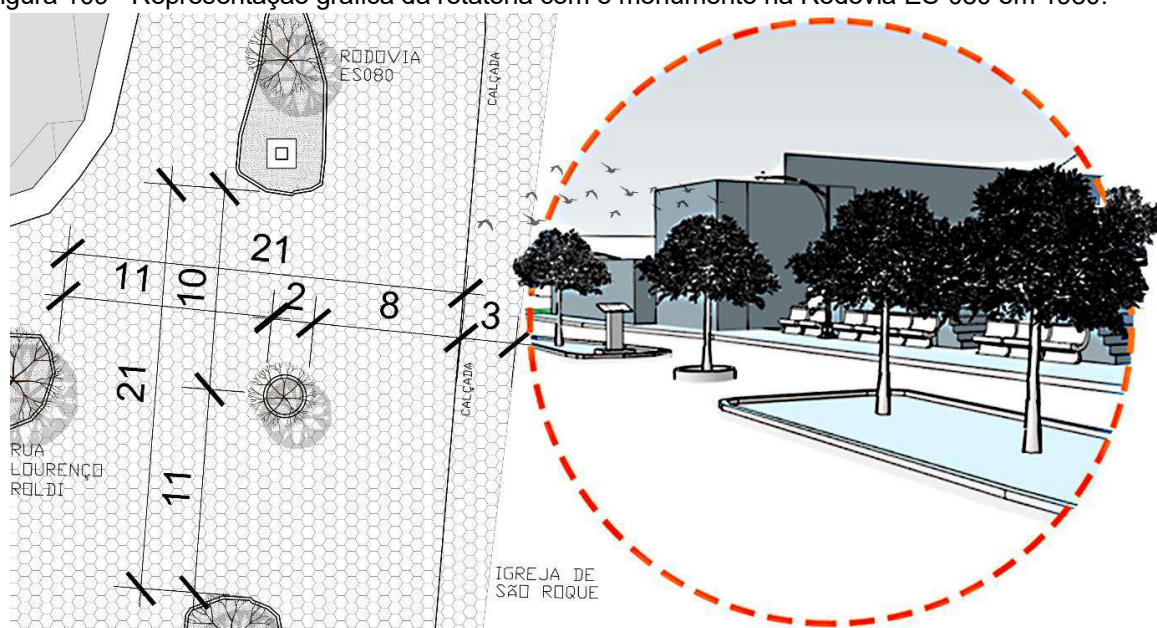
Figura 108 - Representação gráfica do canteiro com o monumento na Rodovia ES-080 em 1980.



Fonte: Autor (2024).

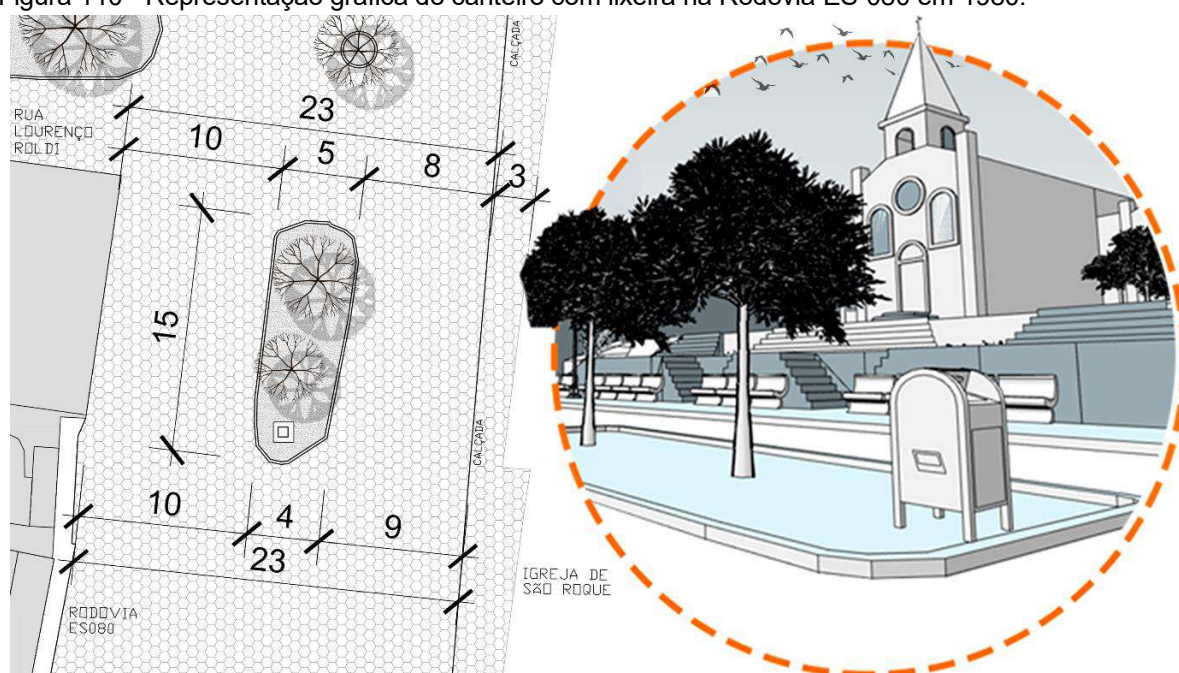
O segundo elemento refere-se a rotatória. Esta localiza-se em meio aos canteiros, com a hipótese de que seja a mesma área onde localizou-se o primeiro monumento especificado anteriormente pela Figura 101. Seu formato circular sugere a facilidade em conduzir o movimento contínuo dos veículos e marca o ponto de encontro e o eixo principal da área urbanizada do distrito Sede do município (Figura 109). O terceiro canteiro segue alinhado ao eixo da rodovia ES-080 e supõe-se que esse seja o maior dentre todos os outros tanto em comprimento quanto em largura (Figura 110).

Figura 109 - Representação gráfica da rotatória com o monumento na Rodovia ES-080 em 1980.



Fonte: Autor (2024).

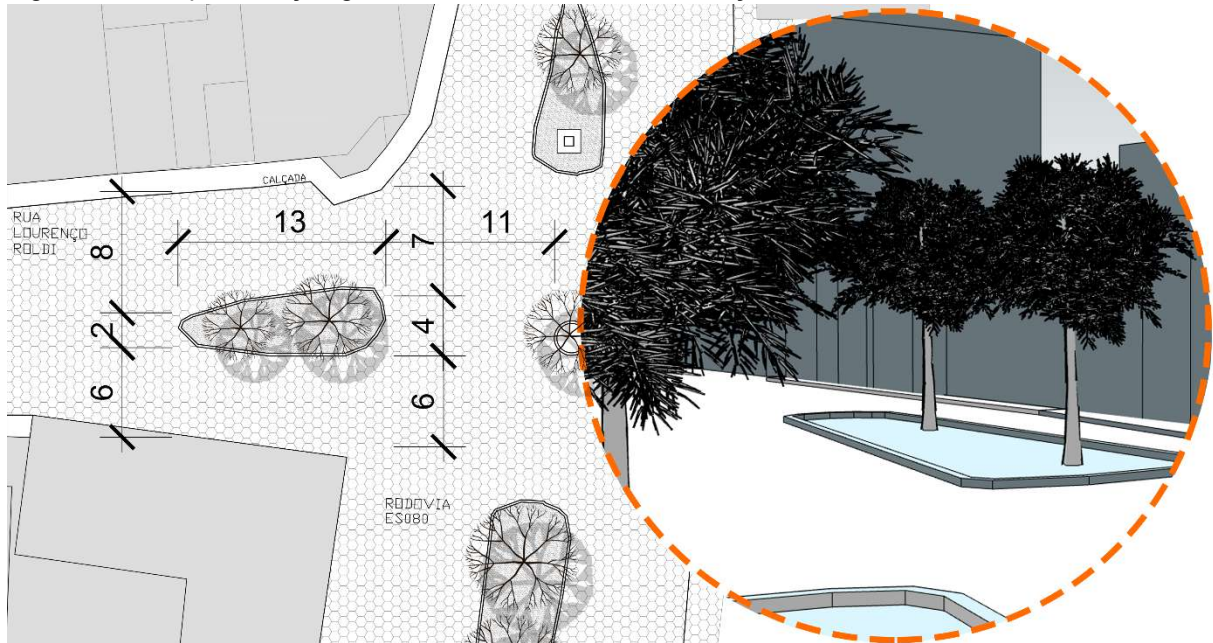
Figura 110 - Representação gráfica do canteiro com lixeira na Rodovia ES-080 em 1980.



Fonte: Autor (2024).

O quarto canteiro, diferente da disposição dos elementos anteriores, encontra-se disposto na rua Lourenço Roldi. Sua posição indica a sua relação com a rua principal a qual referiu-se como o antigo caminho rústico. Seus elementos são definidos por árvores as quais assemelham-se as dos demais canteiros (Figura 111).

Figura 111 - Representação gráfica do canteiro na Rua Lourenço Roldi em 1980.



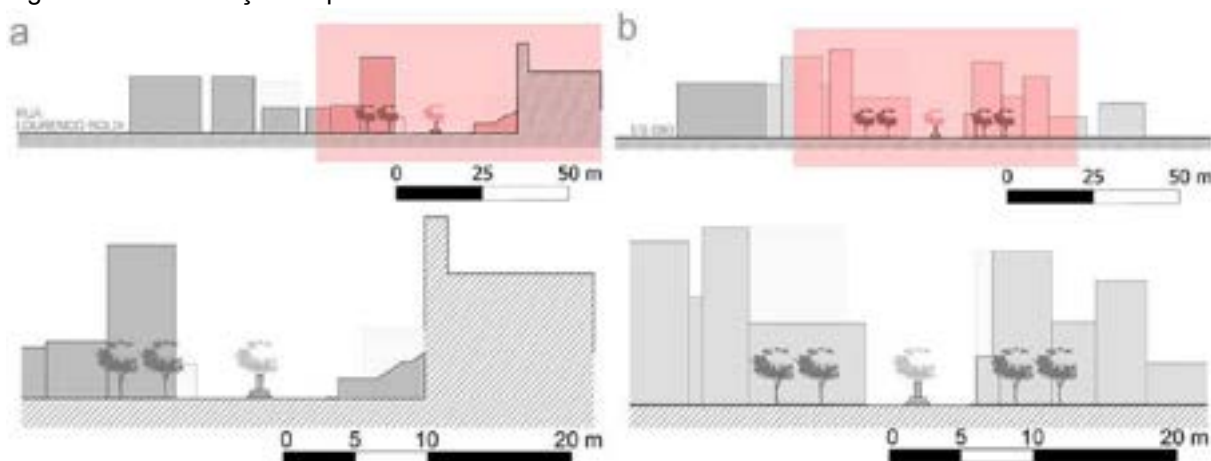
Fonte: Autor (2024).

Sobre a análise e representações tridimensionais, cumpre tornar explícito o fato de que as metragens apresentadas são hipóteses construídas a partir das fotografias encontradas destacando a existência de certa imprecisão visto as condições visuais e a inexistência de material técnico que comprove as medidas estipuladas.

A inserção de elementos em meio as vias já indicam um possível processo de transformação, visto a relevância e atenção dada a esse eixo. Demarcações com pequenos meio fios demarcam o desenho desses elementos que se conformam com solo exposto, árvores e alguns elementos urbanos como monumento e uma lixeira.

A Figura 112a registra o novo elemento inserido em frente à igreja no lugar da rotatória vegetada e também a forma com que as edificações no entorno desses elementos foram se transformando seguindo a Rua Lourenço Roldi. Pela Figura 112b pode ser percebida a Rodovia ES-080 e a relação urbana com o eixo central, onde edificações com mais de dois andares passaram a ser características marcantes pelo processo de verticalização.

Figura 112 - A evolução do perfil do eixo central até 1990.



Fonte: Autor (2024).

Em um documento apresentado pela Figura 113, a Associação Beneficente e Cultural de São Roque busca subsídios para a emancipação do município e cobra das autoridades da época a importância de verbas para a implementação de obras que favoreçam o espaço urbano com uso para reuniões, encontros, entre outros.

Figura 113 – Documento para pedido de verba para possíveis obras urbanas para o uso público.

01/92

Solicitação:

Exmo. Sr. secretário

A ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE E CULTURAL sediada em São Roque, distrito do município de Esp. Santo, através de seu presidente Miguel Angel Piontkovsky e demais membros, vêm solicitar a complementação de verba, no valor de R\$ 45. cinco milhões de cruzeiros), para dar conta de 800 m2, da sede social e cultural, dentro à população de São Roque estimada em 8.000 mil habitantes, e, também às cidades vizinhas.

O distrito de São Roque com tal população carece dessa obra, pois não possui um local para promover teatros, encontros, debates, reuniões e outras atividades sociais e culturais. Cada morador vive a expectativa de ver essa sede concluída, que será um feito valioso não só para a comunidade de São Roque, mas para um atendimento adequado àquelas que se fizer necessário, e, com intuito de zelar pelo bem nome conquistado através de suas realizações festivas, como acontece todos os anos com a apresentação do teatro sacro "A VIDA DE CRISTO", atraindo milhares de pessoas.

Servirá essa ajuda para viabilizar a realização de despesas com o acabamento da obra, como instalações hidráulicas e elétricas, revestimento com piso de toda área interna, pinturas etc.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar os nossos protestos de alta estima e consideração.

**Associação Beneficente e Cultural de São Roque**  
C.G.C. 27.105.048/0001-10  
Rua Lourenço Roldi, 88 - São Roque  
CEP 29650 - SANTA TERESA - ESPÍRITO SANTO  
\*\*\*\*

São Roque, 22 de julho de 1992.

Miguel Angel Piontkovsky  
presidente

Fonte: Acervo pessoal da Associação beneficente e cultural de São Roque do Canaã, Clube ABC (2023).

A partir de 1995, o então município emancipou-se e continuou com as transformações dos canteiros centrais. Durante o ano de 2000 foi possível observar a carência de mobiliário urbano que nos anos passados não favorecia a permanência no espaço público. Nesse caso, o espaço de descanso, lazer e contemplação passam a ser a própria calçada onde podem ser observados alguns bancos dispostos sobre ela. O novo monumento, mais uma vez, deixou de existir, dando lugar a rotatória que passou a ser usada como direcionador de vias e expositor cívico (Figura 114).

Figura 114 – Os elementos urbanos do eixo central a partir dos anos 2000.



Fonte: Autor desconhecido.

Os canteiros, por sua vez, tiveram um desenho geométrico mais definido e receberam muretas delimitando ainda mais o espaço para o pedestre que, com o curto espaço entre a borda do canteiro e da rua, justifica-se seu uso como delimitador para vias de mão dupla e não para o ócio (Figura 115).

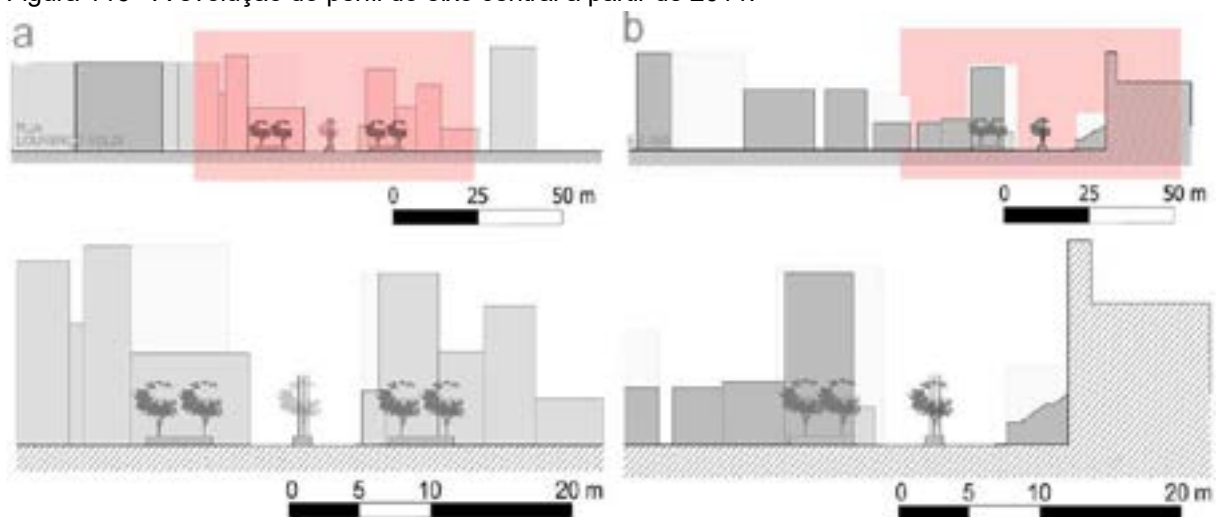
Uma das características marcantes para a formação urbana entre 2011 e 2023 é a possibilidade de reconhecer a forma com que as construções se transformaram no entorno do fragmento do distrito Sede. As edificações, todas aglomeradas, sem recuos ou mesmo qualquer tipo de espaçamento criam uma grande barreira no perímetro da rua (Figura 116).

Figura 115 – A adição de muretas aos canteiros e na rotatória a partir dos anos 2000.



Fonte: Autor (2024).

Figura 116 - A evolução do perfil do eixo central a partir de 2011.



Fonte: Autor (2024).

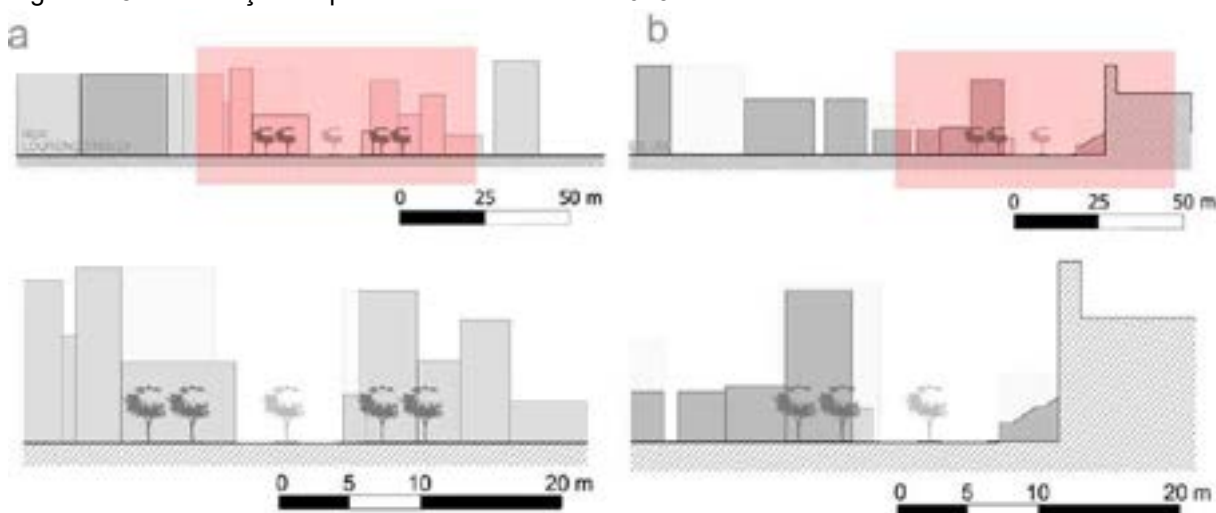
Figura 117 - A evolução do eixo central até 2023.



Fonte: Autor (2024).

O período de transformação do eixo central até o ano de 2023 é marcado pelo apagamento da rotatória e da impermeabilização dos canteiros arborizados (Figura 117). O aspecto dos elementos urbanos mudou tratando-se dos fatos urbanos persistentes no local (Figura 118a/b)

Figura 118 - A evolução do perfil do eixo central até 2023.



Fonte: Autor (2024).

O que chama a atenção é a permanência das árvores, visto que a estrutura verde não tem o mesmo enrijecimento que as estruturas edificadas como era o caso das muretas e da rotatória e as transformações ao longo do tempo. A Figura 119 a seguir apresenta a formação do fragmento estudado até o ano de 2023 onde é relacionado o espaço

livre de uso público com a forma urbana e seus elementos. A impermeabilização do solo passou a fazer parte tanto da via quanto dos elementos pertencentes ao espaço público e a intensificação de edificações com gabaritos acima de três pavimentos passou a configurar a área. Os canteiros passaram a ser usados como parte da circulação viária e as fachadas das casas residenciais deram lugar a uma grande área comercial com seu uso misto (Figura 120).

Figura 119 - Os elementos urbanos do eixo central até 2023.



Fonte: Autor (2024).

Figura 120 – A formação urbana de São Roque do Canaã em 2023.



Fonte: Autor (2024).

A identificação do eixo central e dos seus elementos urbanos contribuiu com o reconhecimento da composição arquitetônica, voltada ao espaço livre de uso público identificando presenças e ausências no passado e no presente. Monumento, canteiros, rotatória e até mesmo a própria calçada margeando esses elementos fizeram parte de um momento da história do local.

Esses elementos foram e alguns ainda são parte do espaço urbano funcional e construtivo posicionando-se e se estruturando nas convergências das primeiras vias historicamente importantes para a formação urbana atual. Os três momentos identificados com transformações pressupondo a criação da identidade do local, dividiu-se então em: 1 - O eixo central criado (1900 a 1930), 2 – O eixo central cristalizado (1940) e 3 – O eixo central adaptado (1950 a 2023). Acredita-se que o período de criação veio a ter grande importância pela sua característica de gênese do espaço, o ponto de partida para a estruturação urbana futura. A cristalização, por sua vez, contribuiu para consolidar o espaço criado visto a possibilidade de constante transformação dos elementos urbanos.

Por último e não menos importante, a adaptação: esse último período apresentou grande importância, visto o processo de adequação do espaço livre de uso público relacionada a contextualização urbana do período, seja para renovação, revitalização ou até mesmo preservação. A cada um desses períodos é analisado morfológicamente atendendo ao diálogo estabelecido entre o espaço livre de uso público e o edificado que o confronta.





The background of the entire page is a textured, aged paper with a faint, sepia-toned map of a city grid. The map shows various rectangular blocks and irregular street patterns, typical of an old urban plan. The text is overlaid on this background.

QUINTO PASSO  
**CONCLUSÃO**

"As cidades são um intenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em tempos de construção e desenho urbano" (Jacobs, 2022, p.16)

## 5. CONCLUSÃO

Ao iniciar esta dissertação a partir do verso do poema de Tonini (S/D), buscou-se desenvolver um interesse de estudos prévio sobre a importância dos espaços livres de uso público. Para tanto, apresentou-se a questão de que quando não se prioriza esses espaços livres, acaba-se colocando-os como espaços residuais. Mas afinal, que espaços seriam esses em São Roque do Canaã? Eles mudaram com o tempo? É possível reconhecê-los no passado? Essas foram algumas das indagações que surgiram durante a pesquisa sobre os espaços livres de uso público e contribuíram com o desenvolvimento do trabalho.

Com o intuito de entender mais sobre esses espaços, foram apresentadas as definições e os conceitos trazidos por diversos autores. Estes, que se dedicam em estudar as cidades, aproximaram-se a partir do tema proposto como um objeto comum, o que efetivou, mais uma vez, a importância desse estudo. Nesse momento, além de tentar responder as indagações anteriores, uma nova questão surge objetivando determinada coerência em razão dos diversos campos teóricos e abordagens específicas: Afinal, como estudar esses espaços?

Cumprir destacar que o fato de delinear a pesquisa a partir de um tipo específico de espaço livre, nesse caso os tidos para o uso público, torna necessário explicitar algumas questões. Para que esse tipo de espaço livre exista, é necessário o uso de elementos capazes de distinguir a relação entre o espaço público do espaço privado. Tais espaços fazem parte de uma organização de construções e elementos componentes das cidades. Aqui, o conjunto de elementos urbanos tornam-se protagonistas pela sua capacidade de formar um complexo conjunto construído que, quando segmentados, apresentam-se pelas calçadas, as árvores, os bancos, as ruas e as praças, dispostos em meio as quadras, lotes e edifícios. Desse modo, a partir do capítulo dois, durante o referencial teórico, puderam ser tipificados os elementos urbanos, mais especificamente os que se referem ao espaço público como apresenta Dias Coelho (2013) seguido das dimensões urbana e setorial considerando fatores que vão desde uma visão geral até os aspectos mais específicos como é apresentado por Lamas (2000).

Associados a esses aspectos morfológicos, foram exploradas técnicas utilizadas por morfologistas, como é o caso do grupo Forma Urbis Lab, para a representação de dados, considerando o fator tempo possibilitando, assim, aproximar-se dos elementos

em diferentes períodos evolutivos. Com o auxílio de abordagens morfológicas, tornou-se possível aplicar o estudo das formas a partir das considerações feitas por Ching (2005) e pelas observações interdisciplinares como abordam Kropf (2022), Conzen (1960), Costa e Netto (2017), Krafta (2014) e Caniggia e Maffei (2001).

O tratamento metodológico da pesquisa orientou-se pela necessidade de reconhecer evidências do momento presente ao passado, sendo essa a etapa mais complexa da investigação. Nesse sentido uma indagação para a abordagem metodológica inicial surge a partir do caminho a ser percorrido: por onde deve-se começar a procurar por respostas se não pela própria arquitetura? A necessidade de reconhecer mais a fundo os espaços livres de uso público contribuiu para debruçar-se sobre as pistas dispersas pelo espaço, a partir de levantamentos com fotografias, notícias e até mesmo da arquitetura construída, a qual serviu de evidência durante uma investigação que revelou a linha tênue entre o momento presente e os tempos pretéritos. Logo, o intuito da pesquisa foi verificar a presença dos espaços livres de uso público tanto no momento presente quanto em tempos pretéritos a partir da formação urbana por meio de um estudo de caso: o município de São Roque do Canaã.

Considerando as características singulares do objeto empírico e o interesse pelo estudo da morfologia urbana como instrumento de análise, viu-se a necessidade de estruturar um método que se conduzisse por um caminho. A proposição de aprender e estudar passou a guiar as formas de leitura considerando o espaço construído e o tempo. Aprender no momento presente, observando o tecido urbano pelas possibilidades existentes e seguido de percursos feitos a pé, possibilitou identificar dez áreas dispersas pelo distrito Sede.

A investigação teve como base de dados essenciais todo o tipo e evidencia que pudesse apresentar indícios da formação urbana de São Roque do Canaã. Nesse caso o uso de fotografias teve grande importância, pois a partir delas tornou-se unânime que sua maior concentração se deu na convergência entre a Rua Lourenço Roldi e a Rodovia ES-080. A absoluta maioria de fotografias e até mesmo notícias de jornais descrevem um passado onde as edificações e os espaços livres de uso público como as ruas, largos, campos de futebol formavam-se em uma possível área central de acordo com os padrões locais.

Sobre as tipologias de espaços livres de uso público dispersos, a maior incidência referiu-se às imagens de ruas com registros das reuniões que aconteciam nesses

locais como os desfiles cívicos, religiosos e o teatro. A forte presença do caminho entre os edifícios singulares aponta para a importância da produção das fotografias.

Mas afinal, qual o primeiro espaço livre de uso público de São Roque do Canaã? Quais permaneceram no tempo? Aliás, permaneceram? Transformaram-se? Apagaram-se? Seguindo o traçado inicial do município pode-se confirmar a hipótese de que a atual Rua Nossa Senhora das Graças faz parte do caminho dos primeiros imigrantes guiando-se ao edifício singular de mesmo nome da rua, a capela de Nossa Senhora das Graças. O caminho segue até a Igreja de São Roque representando assim o caminho rústico, ou seja, o mais antigo do município. Todo o material iconográfico e fotográfico levantado como já explicado esteve direcionado a uma área específica sendo ela o mesmo eixo onde convergem hoje a Rua Lourenço Roldi e a Rodovia ES-080. Seria essa conexão um ponto a ser desvendado e tido com mais atenção pela sua capacidade de atrair a formação desses espaços? Foi com essa indagação que se escolheu um fragmento do distrito Sede para ater-se às minúcias do elemento estruturador na formação e inserção dos demais elementos urbanos do espaço público do município.

O eixo central formado pela convergência entre a Rua Lourenço Roldi e a Rodovia ES-080 teve sua gênese definida por caminhos feitos pelos colonizadores e estradas de rodagem conectando o local a outras regiões. A relação com os edifícios singulares descritos pelos dois monumentos religiosos explica a procura pela área que, por estar próxima do rio chamou ainda mais atenção para o surgimento de espaços livres de caráter excepcional e de construções.

Ao que se pode perceber, à medida que o distrito Sede foi se formando e recebendo construções, mais espaços livres foram sendo criados, justificando o que Tonini (S/D) introduz no trabalho sobre a necessidade de estar em contato com o externo. Ao associar as definições excepcionais para esses espaços como é abordado por Dias Coelho (2013), aliado à forma de produção urbana discutido por Tardin (2008), pode ser confirmada a hipótese de que o Largo da Igreja de São Roque é o espaço livre mais representativo do município o qual persistiu com o auxílio e acomodação na própria rua para onde convergem os caminhos.

A associação de métodos e formas de análise foi essencial para constatar-se que a rua é o elemento base do espaço livre de uso público presente desde a gênese do município por caminhos, estradas, a atual rodovia e adensamento no entorno.

Constatou-se que a convergência das ruas no fragmento do distrito Sede em frente à Igreja Matriz é o espaço livre de uso público que mais persistiu até os dias atuais e que também corresponde à principal razão do município como lugar de trocas, sociabilidade e serviços. O que antes era um caminho com um campo de várzea se duplicou como o largo da igreja, caracterizando uma área de formato irregular sendo resultado de mais um vazio aberto na estrutura urbana, sem um desenho prévio. Ao que se pode perceber, o largo passou por transformações, e recebeu importantes funções como comércio e reuniões sociais.

Assim, a rua na área central do município de São Roque passou a se dividir em “praça” do mercado e o largo da igreja com funções e localização distintas dentro da estrutura urbana. No estudo pode ser detectado a presença de um espaço livre de uso público que não persistiu as modificações das estruturas urbanas e que poderia ser hoje um potencial arquitetônico e urbanístico da região. O campo de várzea, até então desconhecido por todos, foi o primeiro espaço livre, depois da rua, a se consolidar na área central de São Roque do Canaã. A partir do campo encontrado, constatou-se a redução considerável dessas áreas de permanência confirmando a hipótese de que os espaços já existiam no município, mas foram consumidos por modificações no meio urbano orientadas à princípios privados e rodoviaristas, em uma lógica desenvolvimentista que resultou no seu cenário atual.

Dessa forma, pode-se concluir que a leitura da forma urbana a partir da sua periodização e decomposição elementar permitem a compreensão da formação urbana. As dimensões e os elementos são fundamentais para entender a formação e identificação dos espaços livres de uso público e que a rua é o elemento morfológico presente em todas as dimensões tanto urbana quanto setorial e que desde o caminho feito pelos colonizadores, até as estradas de rodagem e rodovias, esses foram os que mais se transformaram e persistiram no tempo.

Sobre a periodização, cumpre afirmar que a interpretação analítica dos materiais fotográficos e iconográficos foi essencial para a definição dos períodos morfológicos em ambas as dimensões envolvendo tempos pretéritos. É necessário ter ciência de que a cada fotografia, principalmente as que não são datadas, podem ter uma interpretação influenciada pela percepção individual e subjetiva, porém buscou-se de forma transparente e fundamentada criar um embasamento sólido, baseada em evidências, pelas características específicas da fotografia, como elementos arquitetônicos, tecnologia fotográfica, e transformações que puderam ser

relacionadas a própria forma construída, aos documentos escritos e ao panorama do momento presente.

Os espaços livres de uso público de São Roque do Canaã carregam consigo toda uma cultura e as principais evidências da transformação urbana local. São de fato o coração pulsante para a longevidade do que possa vir a significar a identidade do município ainda que alguns tenham se apagado ao longo do tempo. Identificam-se por áreas para recreação, espaços sociais para as pessoas se reunirem, se encontrarem e conversarem, além de comportar eventos sociais.

A partir dos mapas elaborados e imagens encontradas, pode ser dado início a um acervo documental urbanístico possibilitando reconhecer os espaços livres de uso público, suas características mediante a formação do município destacando as transformações urbanas com permanências e apagamentos. De modo geral, esta dissertação ressalta a possibilidade de transformação dos espaços livres de uso público e sua importância para a estruturação do território a partir da sua excepcionalidade, conduzindo de forma congruente a formação urbana por tempos pretéritos e pelo momento presente.

O uso da morfologia urbana como elemento estruturante metodológico se fez essencial, visto o objetivo de reconhecer e entender os espaços livres de uso público a partir da forma física construída, reforçando assim a sua importância e sua relevância para estudos no espaço urbano. Essa afirmação reflete a capacidade de aprender e estudar a gênese da forma urbana pela sua virtude arquitetônica, identificando e compreendendo a cidade. Nesse sentido, a arquitetura passa a ser a chave de leitura do território, associando as dimensões, as possibilidades de aproximações e os elementos urbanos, que resultam em uma base de conhecimento do território. Assim sendo, uma questão final é levantada a partir do objetivo alcançado, durante a construção deste trabalho, como forma de complementar e enriquecer os estudos morfológicos e urbanísticos sobre os espaços livres de uso público de São Roque do Canaã: Quais serão as transformações e como será o desenho urbano do município de São Roque do Canaã do futuro? Perguntas como esta podem alinhar investigações futuras com base no desenho urbano e na morfologia urbana como contributo para discussões sobre conceitos urbanos e as deficiências existentes relacionadas aos estudos de parcelamento do solo e alterações topográficas, além de sustentar reflexões acerca do papel de desenhar o espaço urbano.





SEXTO PASSO

## REFERÊNCIAS

Primeiramente, há que se considerar que a leitura de um livro ou qualquer outro impresso se faz por razões diversas. Pode ocorrer que a leitura se dê por simples distração, ou com objetivo de aprender seu conteúdo com vista na aplicação prática ou avaliação. Ou, ainda, para a obtenção de respostas a problemas.

(Gil, 2017, p. 49)

## 6. REFERÊNCIAS

A GAZETA. Seca provoca prejuízos em São Roque: o município tem 28 fábricas de cachaça, sendo um dos maiores produtores estaduais. **A Gazeta: Caderno especial**. Vitória, p. 6-6. nov. 2003.

A GAZETA. Turismo é uma das potencialidades da microrregião Central Serrana: mas a principal delas ainda é a cafeicultura, atualmente ameaçada pela longa estiagem. **A Gazeta: Caderno especial**. Vitória, p. 2-2. nov. 2003.

BARROS, Thayanna Paula Neves; MONTEIRO, Érica Corrêa. JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 532 p. Novos Cadernos NAEA, v. 25, n. 1, 2022.

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**. Trad. Attílio Cancian. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BIASUTTI, Luiz Carlos. **No coração Capixaba**: 120 anos de história da mais antiga colônia italiana no Brasil – Santa Teresa/ES. Belo Horizonte, Barvalle. 1994

BIASUTTI, Luiz Carlos; LOSS, Arlindo. **São Roque do Canaã**: uma história de fé, trabalho e vitórias. Belo Horizonte: O Lutador, 1999. 152 p.

BONGIOVANE, Natália. Especial emancipação: busca por apoio até durante as missas. **A Gazeta: Política**. Vitória, p. 26-26. dez. 2013.

BRAGA, Nicolas; PINTO, André Luiz. Entrevista com urbanista português Nuno Portas. Entrevista, São Paulo, ano 14, n. 054.03, **Vitruvius**, jun. 2013 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/14.054/4773>>.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil.

BRASIL. Ministério das cidades. Desenvolvimento urbano e metropolitano. Quem são os espaços públicos. Brasília, 2023a. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades>. Acesso em 18/08/2023

BRASIL. Ministério das cidades. Desenvolvimento urbano e metropolitano. O que é mobiliário urbano. Brasília, 2023b. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades>. Acesso em 18/08/2023

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Editora Companhia das Letras, 1990.

- CHING, FRANCIS DK. Arquitetura. **Forma, espaço e ordem**. [tradução: Alvamar Helena Lamparelli São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COELHO, Carlos Dias. (coord.) Cadernos de morfologia urbana: **Os elementos morfológicos urbanos**. 1 ed. Lisboa: argumentum, 2013, p. 208.
- CONZEN, Michael Robert Günter. **Progresso na Geografia Humana**: um estudo na análise do plano urbano. Institute of British Geographers Publication 27. George Philip, Londres, 1960.
- COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. **Fundamentos de morfologia urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2017.
- CULLEN, G. (2010). **Paisagem Urbana**. Lisboa, Edições 70.
- DE HOLANDA, Frederico et al. **Diferentes abordagens em morfologia urbana**. Contributos luso-brasileiros (2018)
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. Rio de Janeiro. PINI, 1990.
- DIAS COELHO, C.; LAMAS, J.G. **A praça em Portugal**: inventário de espaço público - continente. Lisboa: Direção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2007.
- FERNANDES, Sergio Padrão. **O traçado**: o Sítio e a forma da cidade. In: COELHO, C. D. (org.) Os elementos morfológicos urbanos. Lisboa: Argumentum, 2013, p.37-57.
- GALON, Eduarda Gireli. **Retratos de gerações**. São Roque do Canaã, 2020. 61 p.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record, 2011.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022.
- IJSN - FUNDAÇÃO FONES DOS SANTOS NEVES. Agricultura: os problemas e suas potencialidades. **Fundação Fones dos Santos Neves**: ISS/0100-2295, Vitória, v. 3, p. 1-47, jul. 1979. Trimestral.
- INSTITUTO DE APOIO À PESQUISA E AO DESENVOLVIMENTO JONES DOS SANTOS NEVES – IPES. **Informações municipais do Estado do Espírito Santo**,

**1994-1998.** Vitória, 2000. 30p. (Série: Estatísticas municipais, 68: São Roque do Canaã). Publicado pelo Departamento Estadual de Estatística até o ano de 1994.

ISUF. **Revista de Morfologia Urbana.** Rede Lusófona de morfologia urbana 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 532 p. Novos Cadernos NAEA, v. 25, n. 1, 2022.

JUNIOR VAGO, Valbert. **Memória viva São Roque.** Nome do site, 2023. Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/CyUO1EWuwwz/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CyUO1EWuwwz/?img_index=1) >. Acesso em: 12 out. de 2023.

KOSTOF, S. **The city shaped:** urban History. London: Thames & Hudson, 2009.

KROPF, K. Aspects of urban form. **Urban Morphology** 13,105-20. 2009.

LAMAS, José M. Ressano Garcia, **Morfologia Urbana e desenho da cidade.** São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, ed.2

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LOUSADA, Maria Alexandre. **Praças reais: Passado, presente e futuro:** praças e sociabilidade: práticas, representações e memórias. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. 406 p.

LYNCH, K. **A Imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MACEDO, Silvio Soares et al. **Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil.** São Paulo: Edusp, 2018. 416 p.

MACEDO, Silvio Soares et al. **Quadro geral da forma urbana e do sistema de espaços livres das cidades brasileiras.** São Paulo: FAUUSP, 2018. 378 p.

MACEDO, Silvio Soares. Espaços Livres. **Paisagem e Ambiente**, [s.l.], n. 7, p.15-56, 10 jun. 1995. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBIUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.vol7p15-56>

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do Paisagismo no Brasil: 1783-2000.** 2. ed. São Paulo: Edusp, 1999.

MAGNOLI, Miranda. **Espaços livres e urbanização:** Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. 1982. Tese

MARZOT, N. Glossário crítico. In: CANIGGIA, G.; MAFFEI, G. L. Interpreting Basic Building. Firenze: Alínea Editrice, 2001.

MENDONÇA, EMS et al. Espaços livres privados na região de Vitória-uma abordagem geral. VI Colóquio QUAPÁ SEL, p. 1-14, 2011.

MOUDON, A.V. **Morfologia urbana como um campo interdisciplinar emergente**. Revista De Morfologia Urbana, v.3, n.1, p.41-49, 2015.

NUNES, Augusto. Imagens em movimento: o instante congelado. **Veja**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-1, 30 jun. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/imagens-em-movimento-o-instante-congelado>. Acesso em: 13 maio 2023.

PANERAI, Philippe. **Análise urbana**, Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1994. P.198

PEDRONE, Igor Corona. Uma vida em "Era uma vez": antologia poética. In: RAMOS, Isaac Almeida (org.). **Sarau Brasil 2023**: seleção poesia brasileira. 45. ed. Paraíba: Vivara Editora Nacional, 2023. Cap. 5. (Novos poetas). ISBN 978-65-00-81093-6.

PIRH. **Plano integrado de recursos hídricos da bacia hidrográfica do rio Doce**. 2010. Disponível em: [http://www.cbhdoce.org.br/wpcontent/uploads/2014/10/PIRH\\_Doce\\_Volume\\_I.pdf](http://www.cbhdoce.org.br/wpcontent/uploads/2014/10/PIRH_Doce_Volume_I.pdf) Acesso em 30 set. 2022.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Fotografia, história e vistas urbanas**. História (São Paulo), v. 27, p. 253-277, 2008.

PREFEITURA DE SÃO ROQUE DO CANAÃ. **A cidade**. 2023. Disponível em: <https://www.saoroquedocanaa.es.gov.br/pagina/ler/2081/a-cidade>. Acesso em: 08 mar. 2023.

PROENÇA, Sergio Barreiros. **A rua**: os tipos morfo-toponimicos de Lisboa. In: In: COELHO, C. D. (org.) Os elementos morfológicos urbanos. Lisboa: Argumentum, 2013, p.100-121.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo**: Resistências e transformações de território, paisagens e lugares urbanos brasileiros. São Paulo, 2012, p.284.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes; BENFATTI, Denio Munia. **Sistemas de espaços livre urbanos**: construindo um referencial teórico. Paisagem e Ambiente, [S. l.], n. 24,

p. 81-87, 2007. DOI: 10.11606/ issn.2359-5361.vol 24, p. 81-87. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/85699>. Acesso em: 6 agosto. 2022.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; DA SILVA, Inácio Crochemore. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, v. 16, n. 3, p. 155-179, 2010.

ROBBA, Fabio e MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras**: public squares in Brasil. São Paulo: Edusp: Imprensa oficial do Estado, 2002, 312p.

SANTOS, Edmilson. A representação dos campos de várzea na cidade: um espaço de memória. **História: Questões & Debates**, v. 47, n. 2, 2007.

SCHEER, Brenda Case. Epistemology of Urban Morphology. *Urban Morphology*, 19(2), 117–34, 2015.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: **um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 21, p. 125-151, 2013.

SILVA, Geovany Jessé Alexandre da. **Cidades sustentáveis: uma nova condição urbana**. 2011. 374 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília-DF 2011. Cap. 6.

SILVA, José Miguel. **A praça**: a reintegração do espaço público na vetorização dos conjuntos patrimoniais no século XX. In: (Os elementos morfológicos urbanos), 2013, cap. 4, p.83-99.

SILVESTRE, Roberta Fachetti. **A paixão segundo São Roque**. Vitória: Sodré, 2012. 252 p.

TARDIN, Nilo. Peças antigas: relíquias escondidas em paióis de sítios e fazendas. **A Gazeta: Regional**. Vitória, p. 22-22. jul. 2014.

TARDIN, Raquel. **Espaços livres**: Sistema e projeto territorial. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. P.255

TONINI, João Santos. Impulsos do Coração. **Terra Florida**, p.15, 1-33, S/D.

VICENTE, Letícia Ribeiro; CARDOSO, Ana Cláudia Duarte. TIPOLOGIAS ESPACIAIS DA VÁRZEA AMAZÔNICA: **estudo morfológico de assentamentos em Afuá (PA)**. Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente, v. 5, n. 3, p. 96-112, 2020.